

AS BATALHAS DA REVOLTA DE

# 1924

no Paraná e no Pará



Cláudio Casali

ISBN: 978-65-00-70560-7



9 786500 705607

CDL

Cláudio Tavares Casali

# As batalhas da revolta de 1924 no Paraná e no Pará

1ª edição

Rio de Janeiro

2023

CIP Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Casali, Cláudio Tavares

C334a As batalhas da revolta de 1924 no Paraná e no  
Pará/ Cláudio Casali. – 1ª Ed. - Rio de Janeiro: 2023.

168 p.

Bibliografia.

ISBN (livro) 978-65-00-70561-4

ISBN (e-book) 978-65-00-70560-7

1. Revolta de 1924 - Brasil. 2. Tenentismo. 3. Revolução  
Esquécida. 4. Paraná (Brasil) - História. 5. Pará (Brasil) - História.  
I. Título

CDD 981.05

**Capa:** segmento da obra “Batismo de Fogo do Treze” do artista plástico Saulo Pfeiffer exposta no museu do 13º Batalhão de Infantaria Blindado em Ponta Grossa/ PR.

**CLÁUDIO TAVARES CASALI** é coronel da reserva do Exército Brasileiro desde janeiro/2018. Doutor em ciências militares, comandou o 25º Batalhão de Infantaria Paraquedista e o Centro de Instrução Paraquedista General Penha Brasil. Foi Adido Militar do Exército e da Aeronáutica em Lisboa (Portugal) e oficial de operações na Minustah (Haiti). Serviu no 2º Batalhão de Infantaria de Selva, 62º Batalhão de Infantaria, Batalhão da Guarda Presidencial, na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e no Comando de Operações Terrestres. Fez os cursos regulares da carreira e ainda o básico paraquedista, de mestre de saltos, operações na selva, motociclista militar, foto-informação e de operações psicológicas. É autor dos livros “Anos de Chumbo contra Chumbo” e “Araguaia: a guerrilha dia a dia”, coordenador da obra da “Célebre passagem FEB em Lisboa” e articulista de diversos artigos e prefácios. Foi conselheiro da Comissão de Anistia, de março a setembro de 2019, e diretor de operações da Casa da Moeda do Brasil, por 18 meses. É Acadêmico Titular da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

# SUMÁRIO

SIGLAS E ABREVIATURAS.....	7
PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
<b>A REVOLTA DE 1924 NO PARANÁ .....</b>	<b>14</b>
A OCUPAÇÃO DO ALTO PARANÁ PELOS REVOLUCIONÁRIOS .....	17
A CONCENTRAÇÃO ESTRATÉGICA DOS LEGALISTAS.....	23
A PRIMEIRA BATALHA NA SERRA DOS MEDEIROS.....	31
O FUSTIGAMENTO EM ROCINHA-BELARMINO.....	40
A MUDANÇA DA LINHA DE CONTATO PARA CATANDUVAS.....	46
OS PRIMEIROS ATAQUES À CATANDUVAS.....	53
O ATAQUE A FORMIGAS.....	59
A GUERRA DE TRINCHEIRAS .....	67
A QUEBRA DA MONOTONIA .....	71
A NOVA ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS.....	74
A BATALHA DE CATANDUVAS .....	76
A RETIRADA REBELDE DE CATANDUVAS ATÉ FOZ DO IGUAÇU.....	89
A GUERRA DE MOVIMENTO .....	97
A ORGANIZAÇÃO DA COLUNA MIGUEL COSTA - PRESTES .....	100
AS BAIXAS DOS LEGALISTAS.....	102
O MEMORIAL DE CATANDUVAS.....	108
FIM DOS CONFLITOS NO PARANÁ.....	109
<b>A REVOLTA DE 1924 NO PARÁ.....</b>	<b>113</b>
O INÍCIO DA REVOLTA NA AMAZÔNIA .....	114
AS CONQUISTAS REBELDES DO AMAZONAS AO PARÁ.....	116
O COMBATE URBANO EM BELÉM .....	118
A AÇÃO GOVERNISTA NA CALHA DO AMAZONAS.....	135
AS BAIXAS NA REVOLTA DE 1924 (EM BELÉM).....	144
O MEMORIAL REVOLUCIONÁRIO NO PARÁ.....	145
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
ANEXO I - O MINISTÉRIO DA GUERRA EM 1931 .....	155
ANEXO II - PERSONAGENS SIGNIFICATIVOS CITADOS.....	155
ANEXO III - A COLÔNIA PENAL DE CLEVELÂNDIA.....	160
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>163</b>





*Não nos pese sobre os ombros  
a mochila e o fuzil  
até que retorne a paz  
ao nosso caro Brasil*

**(Ernesto Baptista Tecchio - Sd/1924)**

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

BC – Batalhão de Caçadores  
Bda – Brigada  
BI – Batalhão de Infantaria  
Bia -bateria  
BP – Batalhão Patriótico  
BFP – Batalhão da Força Pública  
Btl – batalhão  
Cb – cabo  
Ch – chefe  
ChEM – chefe de Estado-Maior  
Cia – companhia  
C Aux BMRS - Corpo Auxiliar da Brigada Militar  
Cmt – comandante  
CT – capitão-tenente  
DN – Distrito Naval  
Doc – documento  
Dst – destacamento  
EB – Exército Brasileiro  
Elm – elemento  
EM – estado-maior  
EME – Estado-Maior do Exército  
Esq – esquadrão  
E1 – encarregado de pessoal  
E2 – encarregado da inteligência militar  
E3 – encarregado das operações  
FM – fuzil metralhador  
FO – Forças em Operações  
FT – força tarefa  
Fv – ferroviário, ferrovia  
Fzo - fuzileiro  
FP – Força Pública  
GAC – grupo de artilharia a cavalo  
GACos - grupo de artilharia de costa

GAM - grupo de artilharia montada  
GAMth - grupo de artilharia de montanha  
GC – grupo de combate  
Gd – guarda  
Gen – general  
Gpt – grupamento  
Inf – infantaria  
LC – linha de contato  
Mtr P – metralhadora pesada  
Of - oficial  
OM – organização militar  
Op – operação, operações  
PC –Posto de Comando  
Pel – pelotão  
QG – Quartel General  
R – região  
RAM – regimentos de artilharia montada  
RC – regimento de cavalaria  
RCD - regimento de cavalaria divisionária  
RCI – regimento de cavalaria independente  
RCP - regimento de cavalaria provisório  
RI – regimento de infantaria  
RM – Região Militar  
Rv – rodovia, rodoviário  
Sd – soldado  
Sec - seção  
Sgt – sargento  
TC – tenente-coronel  
Ten - tenente  
Vtr - viatura  
Z Reu – zona de reunião



## PREFÁCIO

Motivado pela participação de familiares na Revolta de 1924, houve uma busca pela descrição das batalhas desse conflito.

Meu bisavô Alípio Dias veio encontrar a morte nas terras roxas do alto Paraná atuando na tropa federal. Ele havia saído de Rio Novo, em Minas Gerais, para incorporar-se na Companhia de Metralhadoras Pesadas do 10º RI.

Destaco que as pesquisas iniciais dos últimos passos de Alípio foram realizadas pelo meu pai Silvio Paulo Casali falecido em 1998.

O estudo no Pará surgiu quando da análise dos assentamentos militares do avô da minha esposa Hermógenes Alves Rodrigues. Lá constavam a sua prisão, a anistia e a reinclusão ao Exército por ter combatido ao lado dos reformistas.

A historiografia é mais rica na descrição da fase inicial do movimento no estado de São Paulo, durante o mês de julho de 1924, e da Coluna Miguel Costa-Prestes desenvolvida a partir de maio de 1925.

Assim, nos locais e no período estudados serão descritas operações urbanas, defensivas em meio a região de mata de pinheiros, guerra de trincheiras, ataque frontal, manobras ofensivas de desbordamento, operação de cerco, infiltrações, perseguição, batalhas fluviais, ataques aéreos, operações psicológicas, defesa territorial, enfim, uma boa descrição do teatro de operações com forte influência da 1ª Guerra Mundial e da Missão Francesa.

Vamos encontrar personagens remanescentes da guerra do Contestado e figuras que, após o conflito, tiveram papel relevante na História do Brasil.

A história é contada em ordem cronológica e por batalhas, mas por momentos houve a necessidade de se ter cruzamentos nessa linha do tempo para melhor compreensão de contextos.

Foram inseridos muitos nomes completos para que outros amantes da genealogia pudessem também resgatar as suas raízes.

Para caracterizar os **governistas**, indispensáveis na garantia da lei e da ordem, também serão utilizadas as palavras *legalistas* ou *federados*. De outra parte, iremos apontar os **reformistas** como *revoltosos*, *rebeldes*, *insurgentes* ou *revolucionários*. Em documentos do Ministério da Guerra da época, foram utilizados os termos *rebeldes* e *forças adversas*. Ao contrário, reformistas como Miguel Costa, Juarez Távora, João Cabanas etc. chamavam sempre os governistas de inimigo.

De antemão, gostaria de agradecer ao Arquivo Histórico de Exército, ao Centro de Documentação da Fundação Getúlio Vargas e à Universidade de Campinas (UNICAMP); aos historiadores Cláudio Moreira Bento, Elonir José Savian, Edson Lopes, Carlo Romani, Luiz Fagundes e Rafael José Nogueira; ao artista plástico Saulo Pfeiffer; e a disponibilidade dos arquivos do 13º BC na pessoa de Luiz Eduardo Santos Cerávolo e do 10º RI com o interlocutor Guilherme Augusto de Felito Lopes.

# INTRODUÇÃO

A Revolta de 1924 tinha como principal objetivo a retirada de Arthur Bernardes da presidência da república. O general de brigada reformado Isidoro Dias Lopes, um dos rostos da luta, assim resumia o pleito dos insurgentes:

1. Voto secreto.
2. Justiça gratuita e reforma radical no sistema de nomeação e recrutamento dos magistrados. Redução ao mínimo de nossa hierarquia burocrática.
3. A reforma, não dos programas, mas dos métodos de instrução pública, a que melhor chamaremos de educação pública.<sup>1</sup>

Os revolucionários tomaram a capital de São Paulo em 5 de julho de 1924, exatos dois anos após a eclosão da revolução de 1922, e instalaram um governo provisório.

Conflitos semelhantes, mas de menores proporções, eram esperados em outros estados federativos: Rio de Janeiro, Amazonas e Rio Grande do Sul. Ocorreram levantes em Sergipe, a 13 de julho; no Amazonas, em 23 de julho; em Santo Ângelo e outras cidades gaúchas, a 24 de outubro e no encouraçado São Paulo, em 4 de novembro. A adesão do Pará veio na esteira do movimento de Manaus.

Após os combates contra as tropas leais ao governo federal, no dia 26 de julho, aviões legalistas inundaram a capital paulista com panfletos incitando a todos os habitantes para abandonarem a cidade e “deixar os rebeldes a própria sorte”.

No entanto, os rebeldes também resolvem se retirar de São Paulo e dirigiram-se para o interior, pressionados

---

<sup>1</sup> Publicado nos jornais de São Paulo em 24 de julho de 1924.

por tropas comandadas pelo general governista João Álvares de Azevedo Costa.

A capital paulista é bombardeada. Olvidaram-se dos preceitos da Convenção de Haia de 1907. No maior conflito urbano do Brasil, foram abandonados 503 mortos, 4.846 feridos (em sua maioria civis), 212 mil pessoas em fuga da cidade além da destruição de aproximadamente 2.000 edifícios.

A proteção da retaguarda rebelde ficou a cargo do general Isidoro Dias Lopes, tendo o coronel Miguel Alberto Crispim Rodrigo da Costa (Miguel Costa) e o tenente João Cabanas como subordinados.

*Croqui da área de combate*



Ao perceber esse movimento para oeste de São Paulo e do Paraná, houve uma mudança na estratégia

governamental para impedir o avanço dos rebeldes e, com essa finalidade, de imediato, em 27 de julho de 1924, foi enviado o Regimento de Cavalaria Provisório (RCP)<sup>2</sup> para Guaíra, a partir de Ponta Grossa, a comando do capitão, comissionado como coronel, Dilermando Cândido de Assis, aonde chega no dia 4 de agosto, para desencadear, se fosse o caso, uma ação retardadora dos revolucionários.

O governo também organiza um destacamento provisório e o despacha para o norte a fim de eliminar os conflitos que surgiram em Sergipe e no Amazonas.

Os revolucionários atravessaram a divisa de São Paulo e do Mato Grosso, em direção a Três Lagoas, em 7 de agosto de 1924. No entanto, o general Clodoaldo da Fonseca não rebelou a 1ª Circunscrição Militar do Mato Grosso, como planejado.

---

<sup>2</sup> Primeira unidade motorizada do Paraná, com 150 militares, segue o itinerário Ponta Grossa – Catanduvas – Depósito Central Barthe (atual Santa Tereza) – Santa Helena.

## A REVOLTA DE 1924 NO PARANÁ

O insucesso de conquistas no Mato Grosso fez com que os revolucionários mudassem a direção de ataque para o sul, ao longo da calha do rio Paraná.

A vanguarda estava sob o comando do general João Francisco Pereira de Souza<sup>3</sup> e era composta pelo 3º e 4º Batalhões de Caçadores (Juarez Távora e Nelson de Melo, respectivamente), reforçada por uma seção de artilharia montada (capitão Alcides Teixeira de Araújo) e um piquete de cavalaria (tenente Octávio Garcia Feijó). A vanguarda estava embarcada em três navios e um pontão, totalizando 1.200 homens.

Esse destacamento aprisiona, no dia 26 de agosto, a lancha Iguatemy que conduzia uma patrulha governista comandada pelo 2º tenente Romeu Felix Balster.

Os prisioneiros legalistas informam que mantinham 200 homens em Porto São José, na margem paranaense do rio Paraná e, na outra margem, em Porto São João, havia outra resistência. No interrogatório, também informaram o sistema defensivo montado na ilha do Pacu, próximo a Guaíra. Na ação, os rebeldes constataram que eram 92 os defensores de São José.

A força revolucionária dividiu-se – um destacamento continuou pela via fluvial para conquistar porto São José e outro, em uma infiltração terrestre de 40 km pelo Mato Grosso, com Nelson de Mello e Azaury de Sá Brito, para atacar os governistas entrincheirados em porto São João.

---

<sup>3</sup> Conhecido por “Hiena do Cati”, em alcunha dada por Rui Barbosa.

Os governistas, sem poder de combate para resistir, fazem uma retirada.

O general João Francisco Pereira de Souza conquista Porto São João, em 30 de agosto, e Porto São José no dia seguinte. A seguir, transmite a ordem do dia nº 7 do “Exército Libertador”, ainda de forma manuscrita.

Em 13 de setembro, ao amanhecer, a vanguarda revolucionária se deparou com a posição retardadora da ilha do Pacu, nas alturas que dominavam o porto e a Estrada de Ferro Matte Laranjeiras.

A guarnição do 2º tenente Aristóteles Xavier, da Força Pública (FP) do PR, havia fortificado a defesa e instalado minas no estreito canal da ilha. No entanto, após o término da munição da guarnição, os revolucionários, a comando do tenente Octávio Garcia Feijó, conquistam a ilha, desmantelaram as armadilhas no rio e partiram, no dia seguinte, para Villa Guayra, um pequeno povoado com cerca de três mil habitantes onde só se usavam os idiomas espanhol e guarani.

A força retardadora governista, conforme planejado, fez seu retraimento para Porto Mendes, de trem, e depois de vapor até Foz do Iguaçu. No entanto, não foi possível executar a destruição de uma ponte ferroviária, pela iminente presença dos revolucionários, que iniciaram uma perseguição com uma outra composição ferroviária, mas foram bloqueados por vagões desatrelados por Dilermando de Assis<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> As ações de Dilermando de Assis foram questionadas em tribunal, pois julgavam que ele teria poder de combate suficiente para opor maior resistência.



A proteção de retaguarda rebelde só veio a abandonar sua posição em Rubião Júnior<sup>5</sup> no dia 8 de setembro, quando seguiu pela Estrada de Ferro Sorocabana até porto Epitácio<sup>6</sup> e embarcou em vapores para descer o rio Paraná.

A vanguarda legalista no teatro de operações paulista, composta pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul, segue pelos eixos ferroviário e rodoviário para o oeste. Utiliza caminhões e automóveis pelas estradas e picadas, ao mesmo tempo em que emprega a aviação na perseguição. A tropa governista sofre ataques constantes de jagunços, ultrapassa diversos obstáculos, mas é bloqueada na via férrea quando se depara com pontes dinamitadas.

Os combates ainda não haviam terminado e o senador pelo Pará Lauro Sodré já pleiteava a anistia para os rebelados.

---

<sup>5</sup> Distrito de Botucatu onde tinha a estação ferroviária de Capão Bonito.

<sup>6</sup> Também descrita como porto Tibiriça e porto Joaquim Távora, com a mesma localização.

## **A OCUPAÇÃO DO ALTO PARANÁ PELOS REVOLUCIONÁRIOS**

A partir da conquista da Villa Guayra, a vanguarda do general João Francisco Pereira de Souza ocupou Porto Mendes. Na ausência do general Isidoro Dias Lopes, um conselho de generais composta pelo próprio João Francisco e mais Bernardo de Araújo Padilha e Olyntho Mesquita de Vasconcelos decide por promover o alargamento da cabeça-de-ponte não só em direção à Foz de Iguaçu, mas também para leste, na expectativa de conquistar Guarapuava e Ponta Grossa. Para isso, lança um pelotão de cavalaria pela estrada carroçável que ligava o porto São Francisco ao Depósito Central Barthe <sup>7</sup>. Progredindo por essa picada, o pelotão ocupou a localidade de Lopeí.

Na retaguarda, na região de ilha Figueira, a montante de São José, onde o rio Paraná se estreita <sup>8</sup>, o 7<sup>o</sup> BC, a comando do major Arlindo d'Oliveira<sup>9</sup>, a bordo do vapor Conde de Frontin, sofreu um ataque da tropa governista a comando do coronel Péricles de Albuquerque com apoio dos civis Antônio Gomez e Quincas Nogueira<sup>10</sup> e, assim, a embarcação se aproximou demasiado da margem e acabou por encalhar. Com forte pressão, o 7<sup>o</sup> BC com 220 homens,

---

<sup>7</sup> Depósito da Companhia Mercantil e de Transportes Domingo Barthe, de origem basca.

<sup>8</sup> Passo do Jacaré, margem direita.

<sup>9</sup> Era genro do coronel João Francisco.

<sup>10</sup> Ou Guncas Nogueira, comandante do contingente a serviço do governo federal.

256 carabinas *Mauser* e farta quantidade de munição se rendeu aos governistas.

O 6º BC do major Coriolano d'Almeida Júnior chegou a organizar um contra-ataque no dia 24 de setembro, com apoio de um contingente da 1ª Brigada do general Bernardo de Araújo Padilha, mas o tempo de reação foi demasiado e favoreceu a uma retirada dos governistas.

Mais ao sul, a cidade de Foz do Iguaçu encontrava-se abandonada pelas autoridades e pela maioria da população favorecendo a sua tomada pela patrulha revolucionária do 3º BC, comandada pelo tenente<sup>11</sup> Juarez Fernandes Távora, no dia 26 de setembro. Mesmo assim, como represália, foram fuzilados o tabelião local Franklin Sá Ribas, o sargento Hartmann (do RCP) e seis empregados da Companhia Matte Laranjeiras sob acusação de simpatizantes à causa governista.

Os invasores, a partir desse momento, ficariam assim desdobrados: em Guaíra, a 1ª Brigada do general Padilha<sup>12</sup>. Entre Porto Mendes e Santa Helena, a 3ª Brigada do coronel Miguel Costa<sup>13</sup>, com 3.800 revolucionários. A 2ª Brigada de João Francisco Pereira de Sousa<sup>14</sup> em Catanduvás, com posição defensiva apoiada no rio Adelaide. O apoio de fogo geral era proporcionado por 8

---

<sup>11</sup> Major comissionado, mas era 1º tenente desertor do Exército.

<sup>12</sup> Composta pelo 1º BC do major Olyntho Tolentino de Freitas Marques e pelo 2º BC do capitão Luiz de França Albuquerque.

<sup>13</sup> Era major da FP de São Paulo ao início da tomada de São Paulo. Sua Brigada era composta pelo 5º BC de João Cabanas, 6º BC de Coriolano d'Almeida Júnior e 7º BC de Arlindo de Oliveira.

<sup>14</sup> Depois do general Olyntho Mesquita de Vasconcelos. A brigada era composta pelo 3º BC de Juarez Távora e 4º BC de Nelson de Mello.

canhões Krupp 75 roubados do 4º Regimento de Artilharia Montada (RAM), 4 obuses 105 retirados do 2º Grupo de Artilharia Pesada e 2 canhões Krupp 75 de Montanha expropriados do 2º Grupo de Artilharia de Montanha (GAMth)<sup>15</sup>. Ainda tinham o saldo de 6 milhões de cartuchos para os fuzis e as 45 metralhadoras. A segurança dos flancos de Catanduvás estava em destacamentos em Cajati e em Santa Cruz. Em Foz do Iguaçu foi instalado o Posto de Comando (PC) da Divisão São Paulo, a comando do general Isidoro Dias Lopes.

Em 5 de outubro, inicia-se nesse PC um encontro de três dias dos rebeldes paulistas com os emissários dos revolucionários gaúchos: o Dr. Anacleto Firpo, o major Alfredo Canabarro e os 1º tenentes Antônio de Siqueira Campos e Oswaldo Pereira de Carvalho. Juarez Távora participa da reunião e incorpora-se naquele contingente. A revolução Rio Grande do Sul acaba por ser eclodida a 29 de outubro.

O 4º BC, comandado pelo major Nelson de Mello, ultrapassa o pelotão de Lopeí, ocupa Catanduvás no dia 7 de outubro e estabelece o contato com as tropas legalistas na serra dos Medeiros, defronte à localidade de Belarmino, modificando o desdobramento no terreno.

Também estava na linha de contato de Belarmino o 3º BC, antiga unidade do major Juarez Fernandes Távora. O posto de comando da 2ª Brigada foi instalado em Isolina, na estrada Iguaçu-Cascavel. Também na mesma carroçável, em Depósito Central Barthe, estavam um regimento de cavalaria, duas seções de artilharia,

---

<sup>15</sup> Disponham de 2.000 granadas de artilharia.

enfermaria, intendência e oficina mecânica. A linha de defesa estava a comando do tenente-coronel Newton Estillac Leal<sup>16</sup>.

A picada Aliica<sup>17</sup>, que descia em curva de Porto Mendes até Guarapuava, cruzando o rio Piquiry, deixava Catanduvás à sua direita e expunha o flanco revolucionário. A 20 de outubro, a 3ª Bda de Miguel Costa dá ordem para o batalhão de Cabanas para guarnecer Piquiri, ao passo que o PC da própria brigada avança para Santa Cruz.

Catanduvás era um arraial, com umas 20 casas, encravado no alto de uma serra, que dominava a única via de penetração direta do planalto para o cânion do médio Paraná. Estava situado sobre o caminho que ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu e possuía um posto telegráfico<sup>18</sup>, importante e estratégico meio de comunicação.

A região sob domínio das forças revolucionárias no alto paranaense possuía boa capacidade de produção e a fronteira com o Paraguai e a Argentina tornava viável as possibilidades de abastecimento. Alguns trabalhadores rurais locais se incorporaram às forças de combate. Cabanas arregimentou mais de 200 em Piquiri.

---

<sup>16</sup> Era capitão do exército ao início da tomada de São Paulo.

<sup>17</sup> Levava o nome do latifundiário local, com terras desde Campo Mourão até o rio Paraná, o argentino Julio T. Aliica.

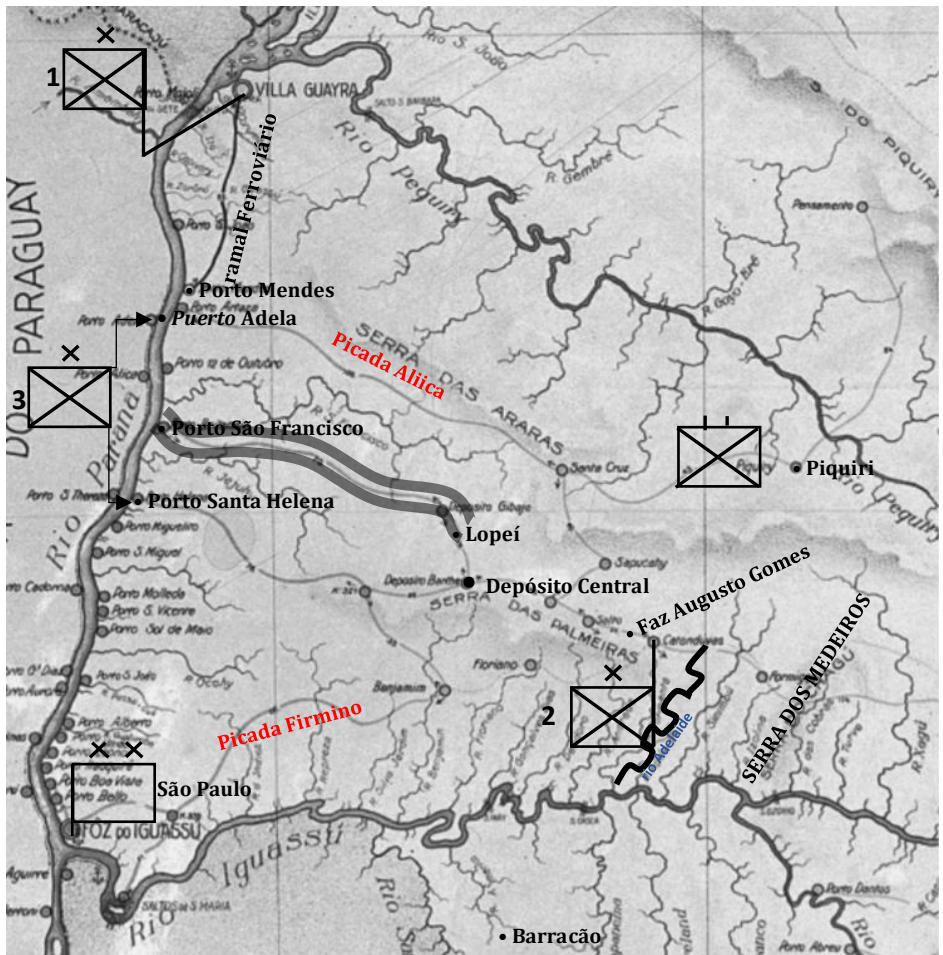
<sup>18</sup> Posto destruído em 1956.

Assim se descrevia a vegetação do oeste paranaense na época:

uma região sobretudo agressiva, [...] além do terreno adverso, [...] possuía uma floresta soberba, densa e opulenta, [...] com áreas emolduradas por soberbos pinheiros seculares e outras árvores nobres de grande porte, cuja subfloresta compacta de emaranhados taquaraçusais de gomos ásperos e que possui na junção dos gomos espinhos dilacerantes que produzem ferimentos dolorosos. [...] Em determinadas áreas ostentava vegetais arbustivos carrasquentos, entre os quais cresciam urtigas, gravatás e um cipoal envolvente.

O poder de combate dos revolucionários havia ficado debilitado desde a retirada de São Paulo: a 1ª Bda havia sofrido pesadas baixas na invasão do Mato Grosso; a 2ª Bda estava com menos 80 praças, pois as operações psicológicas afetaram as tropas de Juarez Távora, em particular da companhia dos alemães do 3º BC que desertou em massa para o Paraguai tão logo chegou em porto Britânia, a 20 de setembro; e na 3ª Bda houve a rendição do 7º BC na ilha da Figueira, a 23 de setembro.

O desdobramento rebelde pode ser verificado no mapa a seguir. A 1ª e 2ª Bda eram formadas por tropas do Exército e voluntários civis, inclusive estrangeiros, ao passo que a 3ª, com tropas da Força Pública.



*Desdobramento dos rebeldes*



## A CONCENTRAÇÃO ESTRATÉGICA DOS LEGALISTAS

Em 25 de setembro de 1924, o general de divisão Cândido Mariano da Silva Rondon é nomeado Comandante das Forças em Operações (FO) nos Estados Paraná e Santa Catarina<sup>19</sup>, com Quartel General (QG) em Ponta Grossa<sup>20</sup>, e uma semana depois, em 1º de outubro, já está estabelecido em seu Posto de Comando (PC) e emite a Ordem Geral de Operações nº 1.



*QG de Rondon em Ponta Grossa*

Rondon coloca como objetivo das FO “alcançar a desorganização completa dos rebeldes, para fazer cair todas as suas resistências e subjugar todas as suas tentativas”.

Para a frente paranaense são deslocadas diversas organizações militares, algumas dessas compostas exclusivamente para aquele fim.

---

<sup>19</sup> São nomeados 30 oficiais. O tenente-coronel Benedicto Olympio da Silveira foi seu chefe de Estado-Maior. A comitiva parte do Rio de Janeiro três dias após a nomeação, por via férrea.

<sup>20</sup> Posteriormente em Guarapuava.

No dia 7 de outubro, quando os revolucionários alcançam o corte do rio Adelaide, assim estava a organização do Destacamento Paraná das FO tendo à frente o coronel João Baptista Pires de Almada:

### **Composição de meios do Destacamento Paraná**

#### Na linha de contato

- BP Geraldo Rocha<sup>21</sup>
- 2º Esq/ 4º RCD<sup>22</sup>

#### Em Cantagalo

- 1 Cia/ 13º BC
- Sec/ Cia Mtr P/ 9º RI

#### Em Guarapuava

- 13º RI (-)<sup>25</sup>
- 13º BC
- 1º BFPPR
- BP Mal Bormann<sup>28</sup>
- 2º Esq/ 5º RCD
- 1º Esq/ 4º RCD
- Cia Mtr P/ 9º RI (-)<sup>30</sup>
- Cia Mtr P/ 10º RI

**(em 7/10/1924)**

#### Em Prudentópolis

- 4ª Bia/ 5º RAM<sup>23</sup>
- 2ª Bia/ 1º GAMth
- 3ª Bia/ 9º RAM<sup>24</sup>

#### Na Proteção Sul

- Esquadrão Palmense
- BP Clevelândia<sup>26</sup>
- 2º BFPSC<sup>27</sup>

#### Em Ponta Grossa

- BP Moreira Garcez<sup>29</sup>

---

<sup>21</sup> Da Bahia, organizado pelo engenheiro Antônio Geraldo Rocha Fº.

<sup>22</sup> A comando do capitão Mário Xavier.

<sup>23</sup> A comando do capitão Osvino Alves.

<sup>24</sup> Com 4 oficiais, 106 praças, 128 solípedes e 4 viaturas.

<sup>25</sup> A comando do tenente-coronel João de Oliveira Freitas que deu parte de doente em novembro de 1924 e foi substituído.

<sup>26</sup> A comando do coronel Manoel Lopes.

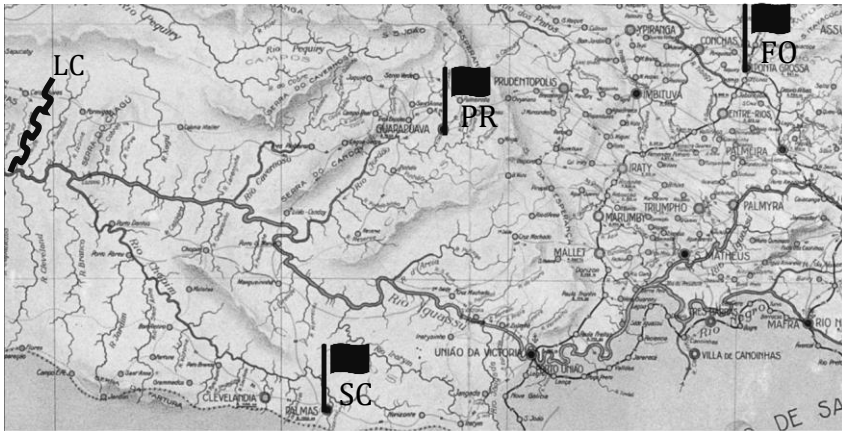
<sup>27</sup> A comando do major Pedro Lopes Vieira, com 420 militares. O Batalhão de intitulava 2º Batalhão de Infantaria Catarinense.

<sup>28</sup> De Chapecó, organizado pelo coronel Manoel dos Passos Maia.

<sup>29</sup> Ao comando do tenente-coronel João Henrique Domingues, com 23 oficiais, 295 praças e 132 animais de montaria e carga.

<sup>30</sup> A comando do capitão Antônio Thomé Rodrigues.

O Destacamento Santa Catarina operava ao sul do rio Iguçu e estava com PC em Palmas.



*Desdobramento dos PC das FO e Linha de Contato  
Mapa base de 1923*

As árduas condições do terreno e a escassez de meios de transporte dificultaram a concentração e a logística de apoio correspondente.

A título de exemplo, vamos estudar a concentração de duas unidades: da Companhia de Metralhadoras Pesadas do 10º Regimento de Infantaria (Cia Mtr P/ 10º RI) e do 1º Batalhão da Força Pública do Paraná (1º BFPPR)<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> Era 1º BFPPR segundo anotação das FO do general Rondon. A instituição se autodenominava de 1º Btl Inf da Força Militar do PR.

### Cia Mtr P/ 10º RI<sup>32</sup>

No dia 1 de outubro de 1924, a Cia Mtr P, após participar dos combates em São Paulo, está em Irati, na estação ferroviária que pertencia a linha São Paulo – Rio Grande, a mais próxima da frente de combate. No dia seguinte parte, acantona em São Miguel e depois em São Pedro para finalmente alcançar Prudentópolis, onde permanece por 2 dias.

No mesmo dia da chegada do General Rondon em Prudentópolis, a 6 de outubro, a companhia parte para Guarapuava. Ela fica nesse lugar por duas semanas e, no dia 24, recebe a ordem de marcha para apenas uma seção seguir destino rumo a Colônia Mallet, já no dia seguinte, com início do deslocamento às 6h da manhã.

A seção do tenente Alípio Dias é designada e parte em uma coluna de marcha com o I Btl/ 13º RI, a comando do capitão Jocelyn Carlos Franco de Souza.



*Itinerário da Cia Mtr P/ 10º RI*

---

<sup>32</sup> Pelo Dec nº 14.794, de 2 maio 1921, foi incorporada ao 10º RI, de Juiz de Fora.

O deslocamento a pé, pela rodovia, no trecho de 118 Km leva 7 dias. Em Mallet, os metralhadores ficam uma semana e seguem para a linha de contato (LC) em Medeiros. Partem no dia 9 de novembro, fazem 12 km no primeiro dia e ainda faltavam 28 km até a LC. No segundo dia estão em serra da União, no terceiro, em arroio Guarany para finalmente estarem em posição em Medeiros no dia 12 de novembro, junto com o I Btl/ 13º RI, 1º BFPPR, a 3ª Cia/ BP Moreira Garcez, com o apoio do fogo da 4ª/ 5º RAM.

A Cia Mtr P/ 10º RI faz o batismo de fogo nessa frente de combate no dia 15 de novembro.

O comando da companhia sai de Guarapuava no dia 21 de novembro e só a 29 a fração fica totalmente reunida em Medeiros.

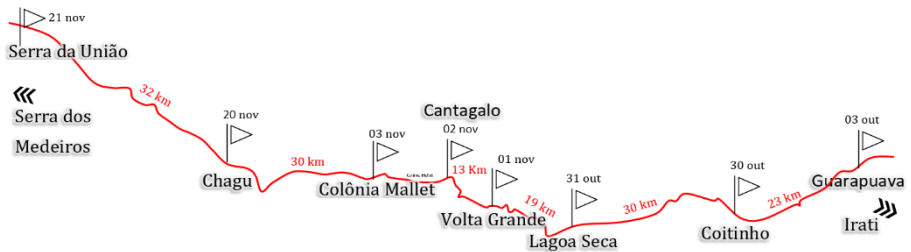
### 1º BFPPR

Após combater em São Paulo, o 1º BFPPR a comando do capitão Joaquim Antônio de Moraes Sarmiento<sup>33</sup> chega em Irati no dia 22 de setembro e fica em treinamento até o dia 25, quando então parte para Guarapuava. A unidade estava reforçada por uma 1 seção de metralhadoras pesadas e 2 esquadrões de cavalaria. A má qualidade do uniforme e dos calçados deixa ainda mais desgastante o deslocamento. O material pesado é transportado em carroças. O apoio logístico é precário.

---

<sup>33</sup> Comissionado como tenente-coronel. Futuro patrono da Polícia Militar do Paraná, conhecido por “caolho”, devido a perda de sua vista no combate de Irani, Paraná, em 1912.

O deslocamento a pé de 123 quilômetros dura uma semana. De Guarapuava, no dia 12 de outubro, o batalhão destaca a sua 3ª Companhia para o Colônia Mallet, onde essa ficará responsável pela defesa da área. A companhia faz o deslocamento em caminhões.



### *Itinerário do 1º BFPPR*

No dia 13, o general Rondon está em Guarapuava e começa a cumprir um rol de visitas às suas unidades. A 20 de outubro inspeciona o batalhão do Paraná que passara por instruções de combate, abertura de trincheiras, guarda, patrulhas de vigilância etc. Ao se dirigir para a tropa em formatura, faz as mais elogiosas referências a atuação dos militares no estado de São Paulo.

O coronel João Baptista Pires de Almada, comandante do Destacamento Paraná, determina uma nova marcha a pé ao batalhão paranaense, de Guarapuava até a serra dos Medeiros, a começar no dia 30 de outubro. A tropa bivaca em Coitinho, Lagoa Seca, Volta Grande e finalmente acampa em Cantagalo por oito dias. Nesse local o Btl deixa um pelotão e prossegue para Colônia Mallet. A marcha acontece na mais perfeita ordem, apesar das grandes distâncias das etapas e da falta de água na zona percorrida, principalmente na parte dos campos.

O batalhão chega em Colônia Mallet em 10 de novembro e reincorpora a sua 3ª Cia, então sob o comando do 2º tenente Joaquim Ignácio Taborda Ribas<sup>34</sup>. Essa subunidade, no dia 14, destaca um pelotão para a serra dos Medeiros para reforçar as forças defensoras do flanco direito dessa localidade, onde a bravura dos homens e a eficácia de seu fogo, obrigou a uma retirada dos revolucionários. A subunidade, como um todo, segue em caminhões para a mesma área, no dia 17.

Dois dias depois, o 1º BFPPR recebe nova ordem de deslocamento. O pelotão que havia ficado em Cantagalo é reincorporado e seguem em marcha a pé, bivacando sucessivamente na fazenda Chagú e na serra da União.

Dessa zona, parte uma companhia no dia 22 de novembro de 1924 para a linha de contato, no arroio Medeiros. São mais 8 horas de deslocamento. Logo depois de sua chegada, coordena as ações com o capitão Jocelyn Carlos Franco de Souza, do I Btl/ 13º RI, pernoitando em bivaque depois de iniciar a construção de tocas para o abrigo de seu pessoal, devido à proximidade do oponente. Durante a noite tiveram que correr à trincheira, por duas vezes, em ocasiões de alarmes dados pelos guardas avançados.

O restante do 1º BFPPR, fica encarregado de reabrir a picada dos Valérios utilizada pelos revolucionários de 1894, no trecho da serra da União até o ponto 24 de fevereiro, passando por Boa Vista de São Roque, Espigão Alto e Januário, ao mesmo tempo em que protegem o sul das operações das FO e buscam a retaguarda dos rebeldes.

---

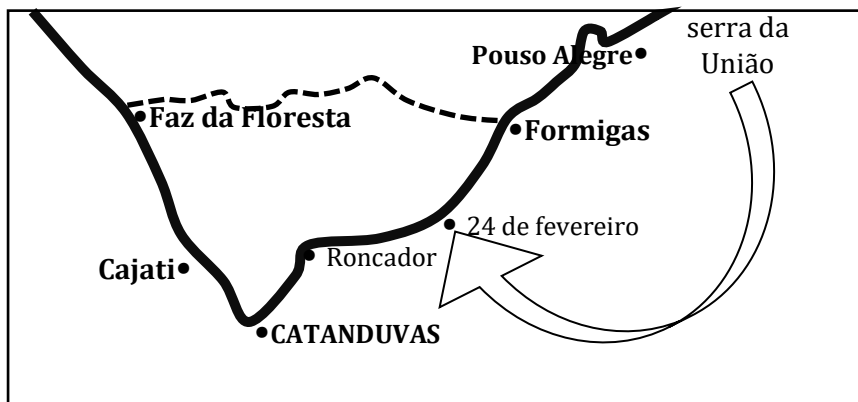
<sup>34</sup> Tomba em combate em 11 jan. 1925.



Em uma saga de 40 dias com 400 homens, o batalhão com 3 companhias, uma 1 seção de metralhadoras pesadas, uma peça/ 2ª Bia/ 1º GAMth e 1 pelotão de cavalaria do BP Moreira Garcez cumpre sua tarefa no dia de Reis, a 6 de janeiro de 1925.

O 1º BFPPR, completo, vai entrar em combate no dia 11 de janeiro, no segundo ataque a Catanduvás.

*Croqui da área de combate*



**Régua de distâncias:**

Belarmino / 5 Km / serra dos Medeiros / 5 km / passo Bormann / 6 km / Valérios / 29 km / serra da União / 16 km / Faz Chagú / 22 km / Colônia Mallet

## A PRIMEIRA BATALHA NA SERRA DOS MEDEIROS

Os revolucionários, ao chegarem em Catanduvás, encontram resistência do encarregado da estação telegráfica José Cabral em ceder as instalações e a tropa o degola<sup>35</sup> e fuzila seu auxiliar, Anysio Hipólito de Oliveira. O major Nelson de Mello estabeleceu ali um Posto de Comando (PC), iniciando os reconhecimentos na linha de contato na serra dos Medeiros.

As patrulhas constataram a presença de pouco mais de 200 homens na serra a comando do tenente-coronel comissionado<sup>36</sup> Antônio Bastos Paes Leme. Os moradores de Catanduvás também tinham dado essa estimativa. Tratava-se do Batalhão Patriótico (BP) Geraldo Rocha.



*Posto telegráfico em imagem próxima e afastada*

---

<sup>35</sup> A família recebeu uma indenização em 18 fev. 1926.

<sup>36</sup> Era capitão da 1ª classe da reserva da 1ª linha e foi comissionado a tenente-coronel em 25 out. 1924.

Os revolucionários, com nova organização, somavam aproximadamente 800 militares. Em Depósito Central Barthe estava a área de apoio logístico e a artilharia sob coordenação geral do capitão Aníbal Nunes. Distante 40 km a oeste estava o 6º BC do major Coriolano d'Almeida Júnior e um esquadrão de cavalaria a comando do tenente João Ayres.

Com isso, o tenente-coronel Newton Estillac Leal, com PC em Isolina, julgava que um ataque lhes seria favorável, além do que a conquista da região oferecia melhores condições de defesa.

Em 18 de outubro, o 1º sargento comissionado como 2º tenente Francisco de Paula Bôa-Nova é encarregado de levar uma correspondência do general João Francisco Pereira de Souza ao TC Paes Leme apelando para que o comandante entregasse a posição aos revolucionários. Ele foi preso e enviado à retaguarda governista, em direção a Guarapuava.

Os legalistas, tal qual os revolucionários, penavam com as baixas. Em 25 out. foi descoberto um plano de deserção de 1 Sgt e 16 praças do 6º RCI<sup>37</sup>. Em 8 nov., 1 Of, 4 Sgt e 20 praças do BP Geraldo Rocha passaram-se para o oponente.

No dia 15 de novembro, às 2:30h da madrugada, sob um céu estrelado, Estillac Leal autorizou o avanço para o ataque. A liderança da ofensiva coube ao major Nelson de Mello. Outro batalhão estava com Olyntho Tolentino de

---

<sup>37</sup> A comando do major Setembrino Alves de Oliveira, com 10 oficiais, 168 praças e 276 solípedes.

Freitas Marques. O oponente seria atacado pelo flanco esquerdo e pela frente.

Para o flanco foi mandado o regimento do Cap Bonifácio, que procuraria envolver o adversário ou impedir o seu retorno, caso os legalistas batessem em retirada.

Pela frente, os revolucionários atacariam com as quatro companhias do batalhão Nelson de Mello. A artilharia do capitão Alcides Teixeira de Araújo/ Filinto Strubling Müller tomou posição para preparar o avanço e os outros dois Esquadrões do major Oswaldo Pereira de Carvalho ficaram como tropa reserva.

As companhias de infantaria marcharam escalonadas e em caminhos diferentes, embora convergentes na direção do alto da serra pela encosta íngreme. A companhia da vanguarda era a do tenente Mateus. Em segundo escalão estava a 1<sup>a</sup>, comandada pelo tenente Benedicto Ribas D'Ávila e por uma picada a esquerda da estrada geral, estava a Cia Mtr Pesada do tenente Casimiro Dias Redal<sup>38</sup>. Mais atrás, como reserva imediata a 2<sup>a</sup> companhia do tenente Almeida e a subunidade do tenente Belisário Leite de Barros. Um dos esquadrões do regimento do major Oswaldo Pereira de Carvalho atuaria pelo flanco.

Pelas 3h da madrugada os revolucionários ouviram disparos curtos e cerrados. Era o esquadrão do capitão Bonifácio da Silva que entrava em contato com o 1 GC/ 1<sup>a</sup>

---

<sup>38</sup> Acumulava funções no EM de Nelson de Mello. Também fazia parte do EM o jornalista Reis Perdigoão e o tenente Anízio Miranda.

Cia/ I Btl/ 13º RI que fazia a vigilância do flanco direito no arroio Bormann.

As tropas legais articulam uma intervenção no combate. Inicialmente, o 2º tenente José Baptista Pereira, Cmt 1ª Cia/ I Btl/ 13º RI, determina o reforço do flanco direito com um GC a comando do 2º sargento Álvaro de Almeida. O comandante do pelotão 2º tenente Carlos Agostini e o soldado Generoso Maurício da Luz acompanham a ação do GC, mas esses 13 caem prisioneiros.

A seguir, o Cmt 1ª Cia/ 13º RI ordena que o restante da SU avance em contra-ataque pela mata fechada. No entanto, com reduzido poder de combate de um pelotão com 25 homens, consegue apenas atuar pelo fogo. O GC do 1º Sgt Agripino de Souza, da 3ª Cia, aparece em reforço, mas ainda insuficiente para conter o avanço dos rebeldes que manobravam para atingir a esquerda da posição.

O Cmt 1ª Cia/ 13º RI comunica ao escalão superior, que intervém com fogos de artilharia e determina o avanço das tropas em reserva estacionadas em Colônia Mallet, com exceção da SU do 1º BFPPR.

Sem perda de tempo, o capitão Mário Xavier, comandante da posição defensiva legalista, determina o avanço de uma seção da Cia Mtr P/ 10º RI, comandada pelo 1º tenente Alípio Dias, para se posicionar a esquerda da 1ª Cia, no intervalo que havia com o 2º/ 4º RCD.

De acordo com o planejado, a tropa de infantaria rebelada só avançaria no quarto disparo de artilharia do tenente Edgard de Assis Pacheco, quando a alça de fogo seria alongada para a retaguarda dos legalistas.

Às 5h da manhã começou a clarear. O major Nelson de Mello mandou iniciar a concentração, que de Alto Polacos fez tiros com canhão 75 nas posições governistas de arroio Bormann.

A Cia vanguarda fez o percurso até a retaguarda das trincheiras legalistas, ficando sempre exposta aos fogos das metralhadoras, mesmo assim avançou o quanto pode, tentando alcançar uma posição que dominasse o terreno do oponente. Não foi possível.

Na serra dos Medeiros não havia só a força de 200 homens. Havia mais poder de combate com o tenente-coronel Antônio Bastos Paes Leme. Lá também estavam:

Em vigilância sobre o arroio Bormann

- 1 GC/ 1ª Cia/ I Btl/ 13º RI

Em vigilância afastada sobre a estrada de Guarany

- Pel/ 2º/4º RCD (tenente Francisco Simões de Britto)

Em trincheiras no contato na serra dos Medeiros:

- 2ª Cia/ I Btl/ 13º RI (capitão Francisco Clarindo Thomé)

- 1 Cia/ BP Geraldo Rocha

- Sec Cia Mtr P/ 9º RI (1º tenente Gaspar Peixoto da Costa)

Em Bormann

- Posto de Comando (PC)

Na serra da União

- 1 Pel/13º RI (proteção ao posto telefônico)

Em reserva (Colônia Mallet)

- I Btl/ 13º RI (-) (capitão Jocelyn Carlos Franco de Souza)

- 1 Cia/ 1º BFPPR (tenente Augusto de Almeida Garret)

- BP Geraldo Rocha (-) (TC Antônio Bastos Paes Leme)

- BP Moreira Garcez (capitão Adelino Ferreira)

- 2º/4º RCD (-) (capitão Mário Xavier)

- Sec/ Cia Mtr P/ 10º RI (tenente Alípio Dias)

- Sec/ 4ª Bia/ 5º RAM (tenente Geraldo da Camino)

Os legalistas intensificaram os fogos de artilharia, dos canhões 75mm e das metralhadoras.

Os quatro disparos dos revolucionários foram respondidos com dezenas de rajadas dos legalistas. Para cada metralhadora dos revolucionários, que eram seis, os legalistas dispunham de 3 vezes mais, e para cada companhia revolucionária havia um regimento legalista.

O combate durou o dia todo. O ataque rebelde da SU do tenente Mateus foi repellido e obrigado a recuar sob fogos. A Cia de Benedicto Ribas D'Ávila teve o mesmo destino. O esquadrão de Bonifácio atuou apeado, pois o terreno se mostrou impróprio para o combate montado.

Houve uma pequena trégua à tarde, quando o major Nelson de Mello reuniu seus oficiais e determinou que não abandonassem as trincheiras. O combate se estendeu por toda a noite e pela madrugada.

A reserva legalista que estava estacionada em Colônia Mallet levou o dia inteiro para cerrar a frente. Uma viatura transporta um pelotão do 1º BFPPR, a comando do 2º tenente Francisco Souza Ferreira, que ao entardecer chega no posto telefônico de serra da União e desembarca. O caminhão retorna. Ainda faltam 18 quilômetros até a linha de contato que devem ser cumpridos a pé. Chegam no passo do arroio Bormann próximo de 1h da madrugada. Recebem a primeira refeição do dia, arroz com charque e prosseguem.

Durante a noite de 15/16 nov., pelas 2h da madrugada, um capitão governista do Batalhão Geraldo Rocha se perde na escuridão da mata, conduzindo uma pequena tropa de reconhecimento. Os revoltosos fazem

um ataque no flanco direito nas posições de Bormann. Eles rompem com violenta fuzilaria que se generaliza com espantosa rapidez.

O capitão Mário Xavier intervém mais uma vez no combate com o pelotão do 1º BFPPR, recém-chegado de Colônia Mallet, reforçando a posição defensiva. Na noite escura, só é possível visualizar as bocas de fogos dos fuzis. A artilharia do 5º RAM a comando do tenente Geraldo da Camino faz fogo, mas as granadas falham e caem a pouco mais de 100 metros à frente.

No dia 16, pela manhã, os revolucionários retraem para Belarmino, mas com muita dificuldade para desengajar as companhias empenhadas, já que o fogo de metralhadoras oponente impedia qualquer deslocamento, mesmo para a retaguarda. Feito o desengajamento com apoio das SU de Almeida e Belisário Leite de Barros o combate foi encerrado e a tropa revolucionária permaneceu em Belarmino.

Belarmino, assim como Rocinha, Isolina, Pouso Alegre e Formigas, eram “simples clareiras abertas para pousada de tropeiros, acampamentos onde outrora estiveram estabelecidos os tarefeiros da erva-mate”.

Os legalistas encontraram no campo de batalha muito sangue, cartuchos deflagrados e peças de equipamentos espalhados pela mata.

No combate, da tropa federal, houve 2 feridos. O 2º tenente comissionado Carlos Agostini<sup>39</sup> e mais 15 praças estavam desaparecidas na condição de prisioneiros.

---

<sup>39</sup> Reaparece em 15 de abril de 1925 em Foz do Iguaçu.



Diante das circunstâncias, mais tropas de Destacamento Paraná cerram em direção a serra dos Medeiros.

O PC do Destacamento Paraná muda de Guarapuava para Mallet e o PC das FO, de Ponta Grossa para Guarapuava e já operam da nova posição no mesmo dia, em 21 de novembro. O 7º RI<sup>40</sup>, com 485 homens, que desde 7 de outubro estava em Ponta Grossa com PC das FO, como Tropa do Comando, acompanha o deslocamento para Guarapuava.

Os revolucionários, surpreendidos com o arrojo dos legalistas, também resolveram reorganizar-se. O general João Francisco<sup>41</sup> passa o comando de sua brigada para Olyntho Mesquita de Vasconcelos e vai ser o emissário da divisão São Paulo no Rio Grande do Sul, até maio, quando abandona a revolução em janeiro de 1925.

O major Oswaldo Pereira de Carvalho manda uma carta para o major Nelson de Mello, fazendo uma projeção das operações e uma análise do último combate:

Não abandonamos a ideia de atacá-los, agora pelo flanco direito, tão breve chegue o Tolentino, e tu [Nelson] pela frente e pelo flanco esquerdo conforme combinamos e, muito provavelmente o Cabanas pela retaguarda. Já ontem falei [...] nesse sentido. Recomendo-te, como amigo, que deve sempre pensar numa reserva e não empenhar logo tudo, pois bem sabes o que passou ontem no teu flanco esquerdo. Não fique zangado por te falar como

---

<sup>40</sup> Unidade de Santa Maria/RS com 20 oficiais, 599 praças, 132 solípedes e 27 viaturas. Estava, inicialmente, a comando do tenente-coronel Henrique Roberto Burle. Em 19 out. 1924 passa o comando para Álvaro Guilherme Mariante e vai para o 26º BC em Belém.

<sup>41</sup> Acompanharam-no ao sul o capitão Ítalo Landucci e o tenente Emídio da Costa Miranda.

companheiro mais velho e amigo. Ficou um posto de correspondência em Isolina e deve mandar fazer reconhecimentos de cavalaria para frente e flancos e ver se consegue salvar aquele posto que ficou no roçado na picada da esquerda.

Do lado governista, pelo modo como conduziu a Sec/ Cia Mtr P/ 10º RI, o 1º tenente da reserva Alípio Dias, era referenciado pelo capitão Mário Xavier como “a personificação do oficial metralhador” e tal destaque anotado na parte do combate redigida pelo comandante do Destacamento Paraná.



*Tenente Alípio Dias*

## **O FUSTIGAMENTO EM ROCINHA-BELARMINO**

Em 22 de novembro, os comandantes das unidades federais transmitem uma ordem de ataque, com base na ordem geral de operações nº 9, assinada pelo coronel João Baptista Pires de Almada. Cerca de 100 praças do 13º RI, ao tomaram conhecimento da instrução preparatória, desertam. O coronel Almada sofre um acidente de automóvel e é substituído pelo coronel Álvaro Guilherme Mariante, comandante do 7º RI.

O próprio dia 22 é reservado a reconhecimentos dos observadores de artilharia e das patrulhas lançadas pelo BP Geraldo Rocha que deveriam avançar e ficar em posição.

No primeiro minuto do dia 23 de novembro, parte a Cia do BP Geraldo Rocha com a missão de proteção do flanco norte e realiza seu deslocamento pelo eixo da picada Palmeirinha. As ligações entre as tropas do ataque, flancoguardas e reserva ficam ao encargo do 2º/ 4º RCD.

Passadas duas horas, depois de uma ligeira refeição de café, parte de arroio Medeiros a força de ataque às posições defensivas dos rebeldes em Belarmino/ Rocinha. Na vanguarda estão o 13º RI, 1 Pel/2º/ 4º RCD e 1 Sec/ 3ª Bia/ 9º RAM todos ao comando do Cap Jocelyn Carlos Franco de Souza, que avançam pelo eixo da picada telegráfica (estrada Colônia Mallet-Formigas). Às 10h, a força atacante para. Os fogos de preparação são desencadeados sobre os revolucionários pelo 9º RAM, com duas peças colocadas no local do ponto de partida.

## **Composição de meios**

### No ataque principal

- 13º RI (- 1 Pel em serra da União)
- 1 Pel/2º Esq/ 4º RCD
- 1 Sec/ 3ª Bia/ 9º RAM

### Proteção do flanco norte

- 1 Cia/ BP Geraldo Rocha

### Proteção do flanco sul

- 1º BFPPR (com uma SU em Valérios)
- 1 Pel BP Moreira Garcez
- 1 peça/ 2ª Bia/ 1º GAMth

### Apoio de Fogo (no arroio Medeiros)

- 1 Sec/4ª Bia/ 5º RAM

### Reserva imediata (no arroio Medeiros)

- 13º BC
- Cia Mtr P/ 9º RI

### Reserva (no arroio Bormann)

- BP Geraldo Rocha (- 1 Cia)
- 1 peça/Sec/Cia Mtr P/ 10º RI

### Patrulha de ligação entre o 13º, flancos e reserva

- 2º Esq/ 4º RCD (-)

### Destacamento Norte<sup>42</sup> (em Anna Couto)

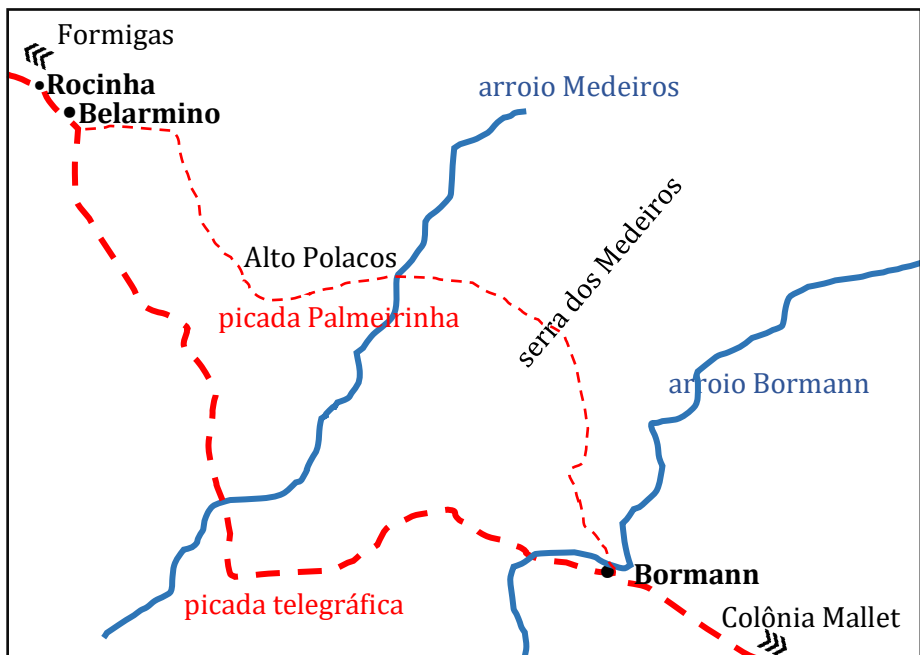
- 1º Esq/ 4º RCD
- BP Marechal Bormann
- BP Moreira Garcez (-1 Cia, - 1Pel)

---

<sup>42</sup> A comando do capitão João Theodoro Pereira de Mello Netto.

Algumas outras unidades cerram para o arroio Bormann, entre elas o 1º/ 5º RCD, a 3ª/ 9º RAM (-), a 4ª Bia/ 5º RAM (-) e a 2ª Bia/ 1º GAMth (-), mas não entram na composição de meios prevista para a ação ofensiva.

### *Croqui da área de combate*



Dez minutos depois de retomar a marcha ofensiva contra o reduto rebelde, a vanguarda estabeleceu contato com as guardas avançadas oponentes, travando-se ligeiro tiroteio.

A partir desse ponto a execução não ocorre exatamente como estava prescrito na ordem de operações. É desdobrada a formação e às 12:45h reinicia o ataque, com um Pel do 13º RI no flanco direito em plena mata; uma Cia do 1º BFPPR ao centro e, no flanco esquerdo, pelo leito

da picada telegráfica (estrada de rodagem), uma Cia do 13º BC.

Sob cerrado fogo, o destacamento avançou até uma distância de 500 m das trincheiras rebeldes, aí mantendo-se mais ou menos uma hora. Continuando o avanço com apoio de fogo do RAM, mas debaixo de fortes rajadas de metralhadora e de fuzilaria oponente, conseguiu chegar até uma distância de 100 m das posições rebeldes, aí se conservando até às 15h, quando recebeu ordem para retrair.

A Cia do 1º BFPPR estava comandada pelo Ten Augusto de Almeida Garret até às 14h, quando esse oficial, tendo sido vítima de um acidente, foi evacuado e assume o comando da subunidade o 1º Sgt Benedito Evangelista dos Santos. Todo o pessoal dessa Cia portou-se com bravura e sangue frio, destacando-se o sargento Evangelista que, no dia seguinte, foi promovido ao posto de 2º Ten.

A força de ataque secundário, após ter penetrado no acampamento dos rebeldes, atinge uma reunião do EM de Nelson de Melo e mata os tenentes Lázaro da Costa Tanque e Belisário Leite de Barros.

Essa força é contra-atacada por forças superiores e obrigada a recuar. Em contrapartida, o BP Geraldo Rocha aprisiona 1 oficial, 10 praças, 7 cavalos, 7 mosquetões, 2 fuzis, 1 revolver, 1 espada e 4.200 cartuchos. Apenas um soldado governnista foi ferido nessa frente. À noite, se mantêm as posições conquistadas.

No dia seguinte, pelas 8h, o capitão Antônio Thomé Rodrigues<sup>43</sup> informa ao comando legalista a determinação

---

<sup>43</sup> Respondeu interinamente como ChEM do Dst Mariante.

do início de novo ataque. A situação foi favorável durante o dia, mas no fim da jornada a tropa teve que regressar à posição inicial. O mesmo ocorreu na frente de Alto Polacos, aonde os governistas foram obrigados a recuar diante de contra-ataques.

Constatou-se que os revolucionários contavam com um efetivo de 600 a 800 homens, bem armados e posicionados em excelentes situações defensivas e assim descrita:

Estavam numa [...] elevação por onde passa a estrada [...] coberta de pinheiras densos e altos. Os seus flancos são protegidos de enormes mattas desprovidas por completo de caminhos [e] [...] só se poderia tomar a posição por uma audaciosa manobra [...]. O assalto frontal a baioneta era, sem discussão, uma loucura; pois os rebeldes [...], haviam construído suas trincheiras por entre os pinheiros, obedientes a um systema [...] em que muito pesou, para a galharda resistencia que offereceu o admirável traçado que lhe déra.

Contribuiu grandemente para o insucesso a recusa do comandante do pelotão do 13º RI, o 1º tenente Ignácio Ribeiro, em avançar novamente, que foi recolhido preso e levado a responder a Conselho de Guerra.

Nesse segundo ataque houve 19 baixas, sendo 4 mortos, 15 feridos e um desaparecido. A Cia do 1º BFPPR esteve a lamentar a morte do Cb Felix Alves da Conceição.

As ambulâncias passaram conduzindo os feridos para o Hospital de Sangue de Emergência, de onde, mais tarde, seriam transferidos para o Hospital de Sangue da Coluna, na cidade de Guarapuava.



*Fluxo de ambulâncias na picada telegráfica  
Acervo: Adelar Paganini*

A seção de Mtr P do 10º RI perdeu o seu bravo comandante o 1º tenente do Exército de 2ª linha Alípio Dias. O coronel João Baptista Pires de Almada, em sua parte de combate, assim escreve:

“pagou com a vida, tombando heroicamente na luta junto as suas metralhadoras, a sua bravura de oficial digno da máxima admiração de seus superiores como seus subordinados”.

Na SU do 13º BC faleceram 3 praças e um oficial. No 13º RI faleceu o 3º sargento João André de Mello.

Alípio e João André foram promovidos por “ato de bravura em combate”, em 18 de dezembro de 1924, sendo o tenente elevado ao posto de capitão e o sargento a 2º tenente. As cartas patentes foram assinadas pelo Presidente da República no mesmo dia.

Assim ficou registrado no boletim das operações das Forças em Operações:

“Curvamo-nos ante os que caíram no campo da honra, se destaca entre eles o 1º tenente Alípio Dias. Esse oficial fazia estágio de instrução na 10ª C.M.P. quando rebentou a revolução em São Paulo, simplesmente, sem alarmes, pediu para marchar com a Cia e desde então a seguir por toda a parte até que aí no sertão do Paraná veio encontrar a morte dos heróis. Que o seu exemplo inspire a todos”.



## A MUDANÇA DA LINHA DE CONTATO PARA CATANDUVAS

No dia 6 de dezembro, às 7h, os legalistas voltaram a atacar Belarmino, simultaneamente pelas picadas telegráfica e Palmerinha, sob o comando do capitão Nereu Gilberto de Moraes Guerra (13º BC), com 803 homens, 16 FM, 11 Mtr P e 4 peças de 75mm.

Esperava-se contar com surtidas de apoio aéreo dos *Breguet* e dos *Spad* em Belarmino, Formigas e Catanduvras nos 15 primeiros minutos após o início do ataque, porém apenas uma, do *Breguet*, foi desencadeada.

Pelas 16h, a tropa estava a cerca de 60 m das trincheiras fortificadas dos revolucionários. Enquanto um grupo fazia base de fogos outro, cavava posições descontínuas e, assim, os governistas conseguiram manter o terreno conquistado.

Houve 11 baixas, sendo morto o 2º tenente Olympio Ribeiro, da 1ª Cia/13º BC.

Foram desencadeadas incursões diárias na linha de contato enquanto as posições eram convertidas em trincheiras fortificadas e construía-se espaldões para as Mtr *Hotchkiss* e para os canhões 75, o que resultou em frequentes escaramuças:

<b>data</b>	<b>resultado</b>
07 dez	1 morto (Sd João Rodrigues da Costa do 13º RI) e 6 feridos.
08 dez	1 morto (Sd João Jega do 13º BC) e 4 feridos (um deles o tenente Mozart Noronha de Siqueira do 7º RI).

- 1 cabo da 3ª/ 13º BC matou um oficial rebelde.
- 09 dez 15 feridos (6 do 7º RI, 7 do 13º BC, 1 do 13º RI).
- 10 dez Os rebeldes atacaram com muita infantaria, duas peças de artilharia e fogos de metralhadoras e conseguiram penetrar na posição defensiva na região das trincheiras em arroio Medeiros. Dois mortos rebeldes, 1 morto governista (Sd Pedro Fritzen do 13º BC) e três feridos legalistas.
- 11 dez Um ferido legalista.
- 14 dez 4 mortos (1º Sgt Antônio Rosa, Sd Joaquim Felinto e João Barbosa da Rocha - todos do 2º BFPSP<sup>44</sup>; e Cb Alcebíades Alexandre Rosário do BP Geraldo Rocha. Também há um ferido do 13º BC.
- 15 dez Um ferido legalista.
- 16 dez Ataque a Belarmino na direita seguiu um Dst do capitão Alpheu Rodrigues de Barcellos (do 13º BC) e na esquerda, outro do 13º BC com o capitão Nereu Gilberto de Moraes Guerra. Na flancoguarda, pela picada dos Valérios, o 1º BFPSC. A ação resultou em 2 mortos e 1 ferido.

Nesse interim, o coronel rebelado Fidêncio Mello parte de Catanduvras para preparar uma picada de 144 km entre Barracão/ PR e Foz do Iguaçu e acelerar a junção da tropa paranaense com a riograndense. Leva 78 homens<sup>45</sup> para essa empreitada que dura 50 dias.

Rondon julga que com a composição de tropas existente naquela frente apenas conseguiria manter a

---

<sup>44</sup> A comando do tenente-coronel Afro Marcondes de Rezende com 22 oficiais e 375 praças.

<sup>45</sup> Tales Marcondes e o major Oswaldo Pereira de Carvalho estão nesse contingente.

posição. Assim, traz unidades do Destacamento Santa Catarina para prosseguir em ações ofensivas desbordantes.

O comandante do Destacamento Paraná passou a compor os seus meios da seguinte maneira:

Arroio Medeiros

- 2º/ 5º RCD
- 1 Pel/ 2º Esq/ 4º RCD
- 1 Sec/4ª Bia/ 5º RAM
- 1 Sec/3ª Bia/ 9º RAM
- Cia Mtr P/ 9º RI
- Cia Mtr P/ 10º RI (-1 Sec)
- BP Geraldo Rocha (- 2 SU)
- 1 peça/2ª Bia/ 1º GAMth

Proteção a N Z Ac

- 1 Pel/13º RI
- 1 Pel/ 2ºEsq/ 4º RCD
- 1 Cia/ BP Geraldo Rocha
- Sec/ Cia Mtr P/ 9º RI

Colônia Mallet

- PC Dst Paraná
- 3ª Bia/ 9º RAM (-1 Sec)

Arroio Bormann

- 13º BC
- 1 Cia/ BP Geraldo Rocha
- 1 Pel/13º RI
- 2ºEsq/ 4º RCD (-2 Pel)
- 4ª Bia/ 5º RAM (-1 Sec)
- 2ª Bia/ 1º GAMth (-2 peças)
- 1 Sec/ Cia Mtr P/ 10º RI

Serra da União

- 1 Cia/ 2º BFPSP

Picada dos Valérios

- 1ºBFPPR
- 1 peça/2ª Bia/ 1º GAMth

Fazenda Chagú

- 7º RI
- 2º BFPSC

No começo do mês, o general Rondon tinha desencadeado uma campanha de operações psicológicas e mandado lançar panfletos sobre os revolucionários pelas aeronaves *Breguet*<sup>46</sup> do Exército que apoiavam a operação, a partir de Três Pinheiros, incitando-os à rendição, dando notícias de muitas deserções de comandantes e praças, e

---

<sup>46</sup> A base alternou entre Laranjeiras do Sul e Três Pinheiros e estava a comando do capitão Alzir Mendes Rodrigues Lima.

informando do desenrolar das operações desfavoráveis aos revolucionários. No entanto, a campanha é interrompida com a queda das duas aeronaves disponíveis, uma no dia 4 e a outra a 8 de dezembro.

Na antevéspera do Natal, Rondon determina que o 2º BFPSC acompanhe as atividades do 1º BFPPR na picada dos Valérios<sup>47</sup>, com o real intuito de surpreender os rebeldes pela retaguarda. No mesmo dia, os federados atacam para fixar as posições de Belarmino em três frentes, depois de intenso bombardeio de artilharia. O 2º BFPSP do tenente-coronel Afro Marcondes de Rezende faz um envolvimento de Belarmino, com uma progressão lenta pela dificuldade do terreno, e para quando cai a noite.

No dia 24, sob chuva, o 2º BFPSP recomeça o movimento para o ataque à Rocinha, onde estava uma companhia com 60 homens. A cerca de 1 quilômetro para leste estava o PC de Estillac Leal. O objetivo geral era cortar as comunicações dos rebeldes que defendiam arduamente a posição.

Por já ter atuado nessa área, o 13º BC passa a disposição dos paulistas o 2º tenente Apparicio Archanjo Corrêa, que atua como guia, auxiliar de reconhecimento e outras tarefas operacionais.

A ação se dá na hora do almoço, quando os rebeldes estavam fora das trincheiras. O número de baixas foi elevado. Os revolucionários contra-atacam. A tropa

---

<sup>47</sup> Inicialmente, Rondon havia selecionado o batalhão patriótico de José Fabrício das Neves, o que foi prontamente rechaçado pelo Cmt BFPPR, pois ele lhe era o algoz que no combate de Irani havia lhe tirado a vista e a vida de João Gualberto Gomes de Sá Filho.

governista volta a posição inicial e contabiliza 8 mortos, 19 feridos e 10 desaparecidos.

Entre os mortos estão dois irmãos: o 3º Sgt Olmiro e o cabo Aldomiro Xavier, ambos do 7º RI. O audaz Olmiro virou alvo preferencial dos rebeldes pela intrepidez de sua metralhadora. Vendo a morte do irmão, Aldomiro parte para a vingança e não consegue ir muito além do parapeito do espaldão.

A luta continua, por dois dias, sob chuva torrencial. A força de fixação conseguiu se entrincheirar a uns 60 metros das forças oponentes. Nesse movimento, pelas 21h, um oficial e 42 praças rebeldes se apresentam aos legalistas como desertores, com uma Mtr P e um fuzil metralhador. Trazem a informação de que os rebeldes se retiraram de Belarmino.

Os revolucionários haviam preparado outras trincheiras em profundidade, em Isolina, mas abandonam Belarmino e Rocinha por julgarem inadequadas as condições de aproveitamento do terreno para estabelecer uma defesa e fazem um retraimento maior, até Catanduvás, onde ocupam uma nova posição, em 27 de dezembro, no corte do rio Adelaide, não sem antes queimarem a ponte sobre esse rio, detendo o avanço das tropas legalistas, mas permitindo a ocupação de Pouso Alegre e Formigas.

Além dos prisioneiros, as forças legais apreenderam 2 caminhões, gasolina e cerca de 23 mil cartuchos de fuzil.

Os revolucionários abandonaram 50 feridos no campo de batalha de Formigas, que foram aprisionados e mandados para tratamento em hospitais governistas.

Dois contra-ataques foram articulados pelos rebeldes. Um, do capitão Bonifácio da Silva, deixou de ser executado quando ele foi morto pela sua própria tropa<sup>48</sup>, em sua maioria de paraguaios, tendo esses desertados para o Paraguai. O de Cabanas, em 27 de dezembro, foi interrompido quando teve que reposicionar seu batalhão frente a um possível ataque do 5º RCD do capitão João Theodoro Pereira de Mello Netto, que ia na direção Campo Mourão-Piquiri, sua área de responsabilidade.

A nova posição revolucionária, com munição quase esgotada, continua a comando geral de Estillac Leal com a infantaria sob comando do major Olyntho Tolentino, integrado pelos batalhões do major Nelson de Mello, do capitão Luís Cordeiro de Castro Afilhado e do tenente José da Silva Garcia, reforçados por cavalaria e artilharia. O apoio de fogo contava com 8 metralhadoras pesadas, 1 canhão de campanha 75, 1 canhão de montanha 75 e 2 obuses 105.

Com a presença do próprio Rondon, as FO ocupam as posições abandonadas de Belarmino e Rocinha e lançam tropas para reconhecimentos e manutenção do contato. O 2º Esq/ 5º RCD vai para o corte do rio Adelaide; um Pel/ 2º Esq/ 4º RCD e a 2ª Cia/ 2º BFPSP são mandados na direção de Formigas. Um Pel/ 2º Esq/ 4º RCD vai para Piquiri. O 13º BC e a Cia Mtr P/10º RI ficam em rio Isolina.

Todo o contingente das FO se concentra na região. O novo posto de Comando do Destacamento Paraná passa a ser em Rocinha e o das FO é instalado em Colônia Mallet.

---

<sup>48</sup> Bonifácio interveio e mandou cessar o abuso da sua tropa nas mulheres e no espancamento dos homens no povoado de Espigão Alto.

Rondon determina o retraimento do 2º BFPSC que estava na picada dos Valérios.

O Maj Beltrão Castello Branco<sup>49</sup> e o Cap Francisco Clarindo Thomé Cordeiro (ambos do 13º RI) são encaminhados<sup>50</sup> ao Rio de Janeiro, pois se revelaram incapazes e responsáveis pela indisciplina e pouca eficiência do seu Regimento. Deixou de seguir o TC João de Oliveira Freitas, por estar em gozo de licença de saúde. O Cap Jocelyn e outros 4 oficiais reorganizam a OM.

Também como consequência dessa batalha, o major Armando Gusmão, do 5º RCD, foi nomeado para proceder um inquérito sobre as atrocidades praticadas pelos rebeldes na região de que foram expulsos.

Os governistas estavam com excelente estado moral para prosseguir no encalço dos rebeldes, mas ainda lhes faltavam suprimento, transporte, estradas em razoáveis condições e poder de combate.

Perseguir é batalha volante, de episódios soberbos, que, ao longo da estrada, vae encadeando, com elos de sangue e fogo uma serie monstruosa de feitos épicos e incontáveis morticínios.

---

<sup>49</sup> Comandou o 13º RI entre set. e nov. de 1923. Já havia respondido a conselho de guerra em virtude das ocorrências havidas nas extintas escolas militares do Ceará e do RJ entre 1897 e 1898.

<sup>50</sup> Telegrama n. 1.440, de 27 dez. 1924, do Ministério da Guerra.

## OS PRIMEIROS ATAQUES À CATANDUVAS

Em 10 de janeiro de 1925, há a emissão de ordem de operações n. 7 de ataque à Catanduvás com a seguinte concepção de manobra:

- O Dst PR operaria pela estrada de rodagem, com o objetivo de atacar, testa a testa, Catanduvás, sentido do Salto, objectivo ulterior.
- O Dst SC, entrando a picada hervateira da Colonia Paraguaya-Centenário, endireitaria para Salto, ao mesmo tempo que deixaria a 4ª Cia montada do 2ºBFPSC em Sítio, afim de se acorbetar pelo flanco esquerdo.
- O Dst N investiria rumo a Piquiry.

Assim, o 7º RI (- 1 Pel), do Dst PR, apoiado por artilharia, atacou as trincheiras dos rebeldes em Catanduvás, embaixo de muita chuva, enquanto o 2º/ 5º RCD (-1 Pel)<sup>51</sup> e mais 1 Pel/ 2º/ 4º RCD fixavam os rebeldes na linha de contato. O ataque foi precedido de minucioso reconhecimento, realizado no dia anterior, onde foram assinaladas as posições de inúmeras trincheiras.

Em arroio Roncador, onde estava general Rondon a acompanhar o ataque, estavam 1 Pel/ 2º/ 5º RCD, 1 Sec/ Cia Mtr/ 10º RI, 1 Cia BP Geraldo Rocha. O 2º BFPSP, o 2º/ 5º RCD, 1 Pel/ 2º/ 4º RCD, 1 Cia/ 13º RI, 1 peça/ 2ª/ 1º GAMth também por chegar na região desse arroio. O 2º/ 4º RCD (-) ficaria em Formigas.

---

<sup>51</sup> A comando do major Armando Gusmão.



Antes da operação, são lançados panfletos pelo vetor aéreo com o seguinte teor:

PROCLAMAÇÃO – Rebeldes do Paraná: aqui estamos no cumprimento do dever, dispostos a luta custe o que custar. Será em vão continuardes ainda a resistência que pretendeis nos oppor. Sustentáculos do Governo legalmente constituído, não trepidaremos em reduzir as resistências injustificadas que lhe são opostas. Guardai o vosso sacrifício para a defesa de outros ideais que ennaltecem e dignificam. Bem sabemos que fostes iludidos; por isso mesmo, combatendo-vos sem tréguas enquanto empunhardes armas, saberemos ser magnânimos quando ellas depuzerdes. Abandonai os vossos Chefes que vos iludiram com promessas falazes e que exigem de vós sacrifícios que eles nunca poderão recompensar. Abdicai dessa lucta inglória, entregai-vos porque não só vos garantimos as vidas, como também affirmamos não sereis maltrados. General Rondon.

Às 5 da manhã do dia 11 de janeiro o 1º BFPPR, que vinha da reabertura da picada dos Valérios juntamente com 2ª/ 1º GAMth, já está em coluna de marcha para fustigar a posição defensiva que protege Catanduvas. Depois de um rápido café com bolachas iniciam o deslocamento até Roncador. Após 7 horas de marcha, se posicionam na estrada, a retaguarda do 7º RI. Também foi incluído no poder de combate 1 Cia/ 2º BFPSP.

Nada de almoço. Novamente é servido café com bolachas. Ouve-se o som dos fogos de preparação conduzidos pelo tenente Ramiro Correia Júnior da 2ª Bia/ 1º GAMth e dos motores de uma aeronave que faz voos de reconhecimento. A aeronave é atingida, mas consegue pousar na fazenda Chagú.

Às 12:20h todas as unidades das forças legais estão prontas nas encostas que dominam o arroio Medeiros por leste. Na outra, já é possível ver os rebeldes. A força atacante se desdobra e são as metralhadoras que indicam o início da manobra. Uma das peças da 2ª Bia/ 1º GAMth não aguenta a saturação e fica indisponível.

A fuzilaria dura o dia todo. Chove à tarde. Não há muito movimento, só o capitão Sarmento que a cavalo percorre as posições até o seu próprio solípede ser alvejado.

Muita troca de tiros ao longo do dia e a noite veio a ordem para recuar. Nesse primeiro dia, foram contabilizados 3 mortos e 9 feridos. O tenente Joaquim Ignácio Tabora Ribas do 1º BFPPR está entre os mortos e o 1º tenente João Masteck, da mesma unidade, abandona o combate e pede demissão, não antes de ser recolhido preso no PC.

No dia 12 de janeiro, o poder de combate do ataque a Catanduvás é reforçado mais uma vez, onde inclui-se a 5ª Cia/ 13º RI e o BP Geraldo Rocha. O 1º BFPPR volta para a mesma frente de combate. No entanto, antes de iniciar os fogos, cavam abrigos com ferramentas de sapa. Essa proteção traz resultados, mesmo com artilharia rebelde tendo sido mais atuante que nos dias anteriores, pois houve 2 mortos e o número de feridos caiu para 4. À noite a força atacante retrai.

A fuzilaria não cessa. A ida ao rancho ou a latrina começa a ficar arriscada, pois os fogos rasgaram a vegetação e deixaram as posições mais expostas. No Hospital de Sangue há mais movimento. Anotaram duas baixas mortais nesse dia e dezenas de feridos.

Após mais uma noite chuvosa, a força atacante volta para as encharcadas posições descontínuas ao amanhecer do dia 13. Um reconhecimento comandado pelo tenente Irineu Ferreira de Castro, do 7º RCI, verificou que os rebeldes ocupavam Centenário, tendo trincheiras que dominam a via de acesso.

O 13º BC (-), a comando do capitão Alpheu Rodrigues de Barcellos, cerra à frente e ocupa posição no corte do rio Adelaide, juntamente com a Cia Mtr/ 9º RI.

No dia 14 são registrados mais 4 mortos nessa frente. No dia seguinte, os rebeldes fizeram fogo intenso de fuzis, durante pouco tempo, e somente quatro disparos de artilharia. Retirou-se o 1º BFPPR, deixando à retaguarda um GC sob o comando do 2º Sargento Euzébio de Carvalho, para o serviço de ligação, ficando todo o setor guarnecido pela 5ª Cia/ 13º RI.

Em outra frente de combate, o 9º BC<sup>52</sup>, reforçado com uma Sec/ Cia Mtr P/ 8º RI engaja-se no dia 16 de janeiro, depois de ter partido de Colônia Paraguaia a 13. O objetivo dessa manobra era interceptar, a partir de Centenário, as comunicações rebeldes entre Catanduvas e Santa Cruz. Na reserva do 9º BC, em deslocamento no itinerário Formigas - Colônia Paraguaia, estavam o 2º BFPSC<sup>53</sup>, a Cia Mtr P/ 8º RI (-)<sup>54</sup>, 1 Pel/ 3º/ 7º RCI e a 2ª/ 1º GAMth(-).

---

<sup>52</sup> Unidade de Caxias/RS a comando do tenente-coronel Arthur Américo Cantalice. Também é anotado como sendo o major Protásio.

<sup>53</sup> A comando do major Pedro Lopes Vieira. A unidade vinha se deslocando na esteira do 1º BFPPR na picada dos Valérios.

<sup>54</sup> A comando do tenente Edson de Novaes Magalhães.

Em seguida ao ataque, o 9º BC prepara posições descontínuas, na mata, com visibilidade limitada a uns 15 metros, sob uma chuva torrencial e um frio intenso.

A tropa que vinha na reserva do 9º BC acampa no passo do Boi Perdido no dia 15 e, a 16, no rio Iguá, de onde escuta o engajamento em combate do 9º.

O general Rondon telefona para o coronel Álvaro Guilherme Mariante e determina “o avanço das forças de ataque” ao “raiar do dia 17”. Algumas unidades recebem a ordem de ataque e para tanto, devem retrair para a preparação. O 9º BC seria substituído pelo 2º BFPSC.

A partir dia 17, na frente Centenário, as unidades governistas são inquietadas com fogos de artilharia e metralhadoras e uma sequência violenta de ataques e contra-ataques, desde o momento em que o 2º BFPSC assume a zona de ação, ao meio-dia, até o dia 20, às 8:30h, quando novamente o 9º BC volta para aquela área e os catarinenses passam a ocupar uma Zona de Reunião (Z Reu) no rio Iguá<sup>55</sup>. Os catarinenses, contentes com o desempenho nesse duro entrave, cantam a canção do seu batalhão:

Salve! Salve! Tais soldados  
Salve! Salve! Por se porte  
O batalhão que não teme a morte

Na frente Catanduvás, os governistas recebem alerta que os fogos dos revoltosos estavam por encobrir um abandono das posições daquele setor e, nesse caso, deveriam ter em mente a perseguição. A aviação deveria bombardear a picada telegráfica entre Salto e Catanduvás.

---

<sup>55</sup> As fontes citam rio Iguá, mas a cartografia atual nomeia de Iguá.

O 2º BFPSP apenas mantém o contato em Catanduvas. Uma Cia/ 13º BC (reforçado com 1 Pel/ 2º/ 5º RCD e 1 Sec/ Cia Mtr P/ 10º RI) ataca a esquerda do dispositivo de Catanduvas.

O 13º BC (-) levanta acampamento às 16:20h do dia 18 e marcha em serviço de exploração, a cavaleiro da estrada principal, com destino a Ozorio Freitas, onde chega às 20h e acampa.

O general Rondon julga que o 2º BFPSP e o 13º BC fizeram um ataque sem ímpeto no dia 17. Assim, telefona ao coronel Álvaro Guilherme Mariante para admoestá-lo e recomenda “ataques de verdade, custe o que custar” na linha de contato.

No dia 20, pelas 21:30h, o Dst SC faz um prisioneiro na área de retaguarda do PC. No interrogatório, diz fazer parte de uma força que vinha de Piquiri, com 500 homens, por uma picada e que deveria sair 3 km à retaguarda do PC e que essa força estava a 7 km. Acharam que era uma troça.

Às 5h do dia 21 de janeiro o BP Geraldo Rocha e o 2º BFPSP partiram de suas bases para atacar na frente Centenário, assim como o 7º RI partira para a frente de Catanduvas, quando chega a notícia que as FO estão sendo atacadas em Formigas. Os ataques foram suspensos e a conduta passou a ser a da fixação do oponente.

## O ATAQUE A FORMIGAS

No dia 6 de janeiro, o coronel revolucionário Miguel Costa apresentou um plano de ataque a Formigas, atrás da linha de contato, com o intuito de conquistar a posição para desorganizar as forças governistas, cortar a ligação com Catanduvás e, se possível, fazer um ataque pela retaguarda na posição defensiva e/ ou capturar o general Rondon.

Formigas estava a cerca de 20 km de Catanduvás, era um grande posto de abastecimento de víveres e munição, por ela passava a Estrada Guarapuava/Foz do Iguaçu e se iniciava a trilha para Centenário.

No ataque, o efeito surpresa seria essencial e, segundo Cabanas, “quanto maior a surpresa, mais mortandade, mais alegria”.

Foi planejada uma infiltração na mata, de 30 km, partindo de Sapucaí, nas proximidades de Santa Cruz, até a zona de reunião dos legalistas e designado o 6º BC, do major Cabanas, para a missão. Estillac Leal deveria fazer um ataque para fixar a tropa em Catanduvás.

Em 11 de janeiro, inicia a infiltração dos rebeldes com duas companhias e uma terceira subunidade na esteira com defasagem de dois dias. Eram ao todo 280 homens. O restante do 6º BC continuaria a guarnecer a antiga posição, no rio Piquiry. No dia 18, haviam percorrido 25 km na mata e construído cinco pontes, uma das quais com 16 metros, sobre o rio Ano Novo.

Em meio ao deslocamento, os governistas retomam a ofensiva com o coronel Vasco da Silva Varela atacando

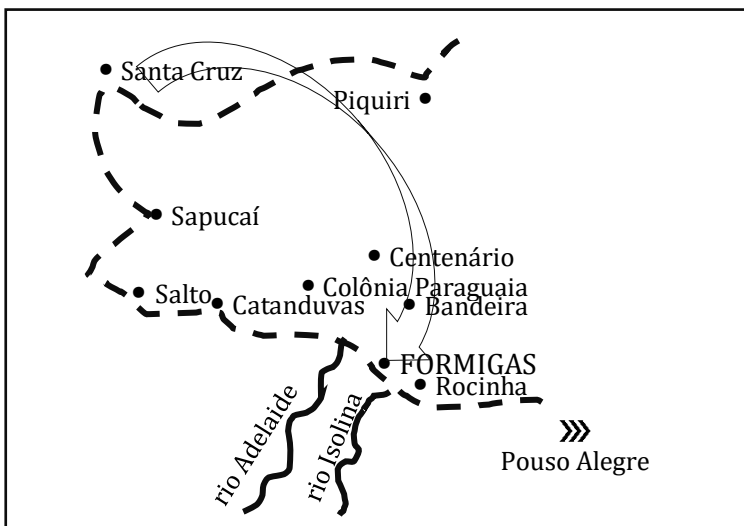
Centenário, flanco norte de Catanduvas, o que obriga a um contra-ataque das tropas do coronel Newton Estillac Leal, a comando do major Virgílio Ribeiro dos Santos, fixando essa tropa e impedindo o apoio à manobra de Cabanas.

Formigas era conhecida dos revolucionários, pois já a tinham ocupado. Era uma pequena povoação localizada em uma área de campo envolta por mata.

Ao amanhecer de 21 de janeiro, o 6º BC rebelde encontra o reduto guarnecido com postos de sentinela na picada telegráfica, na picada que conduzia à Centenário e no meio do acampamento.

Convencionaram que ao sinal das detonações da metralhadora de Cabanas “todos deveriam romper fogo a um tempo e na mesma direção, visando a maior casa do povoado, onde, segundo informações, podia estar o general Rondon”. O 6º BC ataca às 5 da manhã.

### *Croqui da área de combate*



O capitão governista Amaro Soares Bittencourt consegue passar a informação ao escalão superior, por telefone. Em seguida, as ligações telefônica e telegráfica da zona de reunião com Guarapuava e com Catanduvas são cortadas.

O informe do dia anterior, de que 500 rebeldes estavam a caminho começara a fazer sentido.

Os governistas foram surpreendidos, mas Rondon não estava na zona de reunião onde estacionavam os serviços de saúde e de reabastecimento das tropas. O efetivo estava o superior ao estimado pelos rebeldes.

O capitão legalista Clementino Olegário Vieira, Cmt Cia Mtr/ 8º RI, levanta-se rapidamente, monta uma Mtr e inicia uma reação, mas é morto com um tiro de revólver no coração.

O 1º tenente Edgard Alvares Lopes, mais dois subalternos e 15 praças do 2º GAC guarnecem de pronto uma peça, apontam e conseguem fazer 20 tiros. Matam o municionador e o remunicionador da metralhadora que Cabanas operava, além de outros mortos e feridos.

O capitão Antônio Baptista Leite, chefe do serviço de saúde não consegue escapar, é morto e tem seu dedo amputado para lhe roubarem o anel de grau universitário. Próximo dele estava o 1º Sgt de saúde Achyles Villar, que também é eliminado.

Cabanas planejara o bloqueio de reforços que poderiam vir de Centenário, Catanduvas ou Pouso Alegre, dispondo forças de bloqueios com os capitães Ribeiro,



Philogonio Antônio Theodoro<sup>56</sup> e Bispo, respectivamente, em cada eixo. O capitão Mário Barbosa de Oliveira comporia uma força de proteção.

O 2º BC<sup>57</sup> governista do coronel Francisco Severiano Ribeiro, com cerca de 291 homens, vinha em deslocamento de Pouso Alegre para Formigas e se depara com elementos em fuga e pede permissão para atacar.

O general Rondon expede uma série de ordens. Cerca 1.200 militares do coronel Vasco da Silva Varella de noroeste, o 1º BFPPR no eixo da picada telegráfica e reservas do destacamento, que não foram fixadas, deveriam convergir sobre a força atacante. O 10º BC também colaboraria no esforço e sairia de Colônia Mallet, em marcha motorizada, até Formigas. Também partiram para a área atacada 1 Sec/3ª Bia/ 9ª RAM que estava em Bormann, a comando do 1º Ten Punaro Bley e o 3º/ 5º RCD estacionado em fazenda Chagú.

Assim, o ChEM do Dst PR de Mariante, o capitão Alcides Mendonça Lima Filho, autoriza a montar uma força de reação e retirar da frente de Catanduvás ao comando do capitão Mário Xavier a guarda do QG (1 pelotão a comando do tenente comissionado Petronio Brilhante de Albuquerque), 1 pelotão do 2º/4º RCD com o tenente Accacio Benevides Falcão e uma Sec/ Cia Mtr P/ 10º RI com o 1º tenente Almeida, que já às 7h parte para Formigas.

---

<sup>56</sup> Conhecido pela alcunha de Filó. Era Capitão comissionado, originalmente sargento da PMSP, morreu na continuidade das operações em 28/12/1926.

<sup>57</sup> Com 13 oficiais, 263 praças e 36 solípedes e 9 viaturas.

O 1º BFPPR, também do Dst PR, sai da região do corte do arroio Medeiros, passa por Roncador e 24 de fevereiro, com 120 homens para, a partir de posições entrincheiradas na orla da mata, manter fogo cerrado e ininterrupto sobre o bloqueio do capitão Philogonio Antônio Theodoro. Os paranaenses fazem um prisioneiro que relata ser de uma tropa de Cabanas com o efetivo aproximado de 300 homens. O Cmt Sarmento informa que não tem poder de combate para esse ataque, mas recebe ordem para prosseguir com a proteção de uma Cia/ 2º BFPSP que cobriria uma trilha que saía de Formigas e alcançava 24.

O ChEM do Dst SC, major Benedicto Marques da Silva Acauan, aciona por telefone o 2º BFPSC e determina o deslocamento imediato da OM. Os catarinenses deixam a 1ª Cia do tenente João Baptista Paiva guarnecendo a Z Reu no rio Iguá. A 3ª Cia do capitão Pedro Manoel Pinheiro e 4ª Cia ficam entre Corrêa (PC do Dst) e Boi Perdido e reforçam o BP Clevelândia (guarda do PC). A 2ª Cia e mais a Cia Mtr P/ 8º RI continuam a marcha até a bifurcação das picadas Pensamento e Bandeira, a fim de protegerem os acessos que por norte chegavam a Formigas.

Durante toda a tarde, o batalhão de Cabanas resistiu e, à noite, sob intensa chuva, pelas 23 h, retrai para a mata.

A 2ª Cia/ 2º BFPSC, do tenente Rodolpho Félix do Carmo, consegue emboscar cargueiros com cunhetes de munição, fuzis e víveres destinados aos rebeldes. Uma fração dessa SU sofre um contra-ataque, morre o soldado Antônio Correia Lima e ficam dois feridos. A 4ª Cia Montada/ 2º BFPSC, próximo a Bandeira, faz um ataque na retaguarda de uma das colunas em fuga de Cabanas.

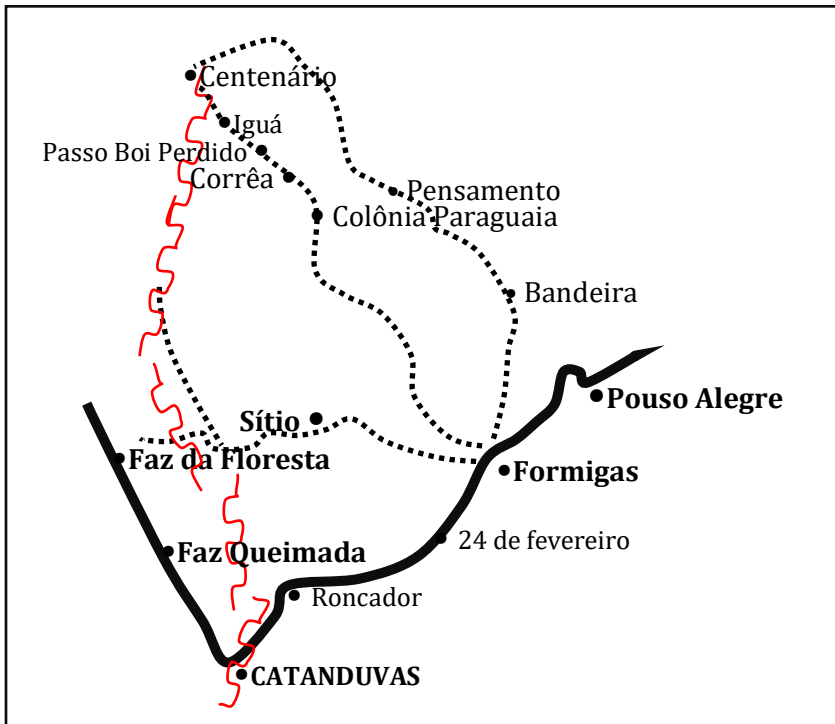
A região fica infestada de patrulhas de suprimento, de combate e de reconhecimento. Uma patrulha de suprimento da força pública catarinense é emboscada e morre o soldado Pedro Balles, de apenas 14 anos.

Às 5h da manhã do dia 22, uma patrulha de reconhecimento do 1º BFPPR constatou que os rebeldes haviam retraído. Às 8h, o 2º BC chegou em Formigas

O 1º BFPPR recebe a missão de perseguir os rebeldes e restabelecer o contato com o Dst SC, em Colônia Paraguaia e partem às 15:30h. Pelas 19h, fizeram alto para que no dia seguinte fizessem a junção em um posto do Serviço de Saúde (Grupo de Padioleiros Divisionários - GPD) a comando do major Justiniano da Rocha Marinho. No entanto, pelas 5h da manhã, a 4ª Cia Montada/ 2º BFPSC julga sofrer um ataque de uma fração de Cabanas e, de forma trágica, ocorre um fratricídio diante da patrulha de reconhecimento do 1º BFPPR a comando do 2º tenente Benedito Evangelista dos Santos, que resultou em 5 mortes e refletido nas mais de 30 deserções ocorridas no dia 24 de janeiro nesse batalhão paranaense.

Uma patrulha da 4ª Cia Montada/ 2º BFPSC, a comando capitão patriótico Alexandre Nogueira Mimoso Ruiz, parte para retomar Formigas com a abertura de uma nova trilha entre Pensamento e o caminho entre Pouso Alegre e Rocinha. No itinerário, faz um fustigamento em cerca de 25 rebeldes em fuga do 6º BC de Cabanas, que abandona grande quantidade de material de guerra. A SU não tinha a informação que todo o 6º BC já tinha se evadido de Formigas.

### *Croqui da área de combate*



Quando do ataque de Cabanas, estavam na Z Reu de Formigas em todo ou parte, as seguintes unidades: 2º Esq/4º RCD, 1ª Bia/ 2º GAC, 1 Pel/ 7º RI, BP Clevelândia, 3ª Cia Adm, Serviço de Intendência entre outras.

Em 1º de fevereiro a força rebelde infiltrante chega de volta à Santa Cruz, sem ter cumprido o objetivo estratégico planejado, mas fazendo 39 prisioneiros e 9 baixas entre os federados; inutilizados canhões; apropriando-se de mapas, boletins, documentos, munições, fuzis, duas metralhadoras e 70 solípedes. Cabanas perdeu 25 homens que caíram prisioneiros. Realizou um grande feito, mas que poderia ter tido melhores resultados operacionais se

a intenção não fosse simplesmente o massacre de quem estava na zona de reunião.

Cabanas, com dificuldade para transportar seus feridos, os deixa em Formigas com um bilhete:

Aos amigos legalistas. Deixo-lhes, com pesar, mais estes feridos. São meus, são dos vossos. A minha tropa cansada, noites sem dormir, sem comer etc., não é possível carregar todos. Entretanto já levo 16. Cabanas.

O general Azeredo Coutinho em uma análise crítica da ação de Cabanas, julgou que retardou a vitória dos governistas, porque isolou dois destacamentos das FO; forçou o Dst SC a recuar da frente que operava, além de obrigar o Dst PR a mobilizar uma parte de suas forças para acudir a área atacada, com prejuízo das demais ações planejadas.



*Movimento logístico*

## A GUERRA DE TRINCHEIRAS

Após a mudança da linha de contato, em dezembro de 1924, iniciou-se uma guerra de trincheiras que seguia o modelo da 1ª Guerra Mundial e havia sido preconizada pela Missão Militar Francesa que estava a atuar no Brasil<sup>58</sup>, onde a distância das trincheiras, escoradas com troncos, gravetos e tábuas, era de cerca de 300 metros, o que permitia que as tropas se observassem.

Ao fim de janeiro de 1925, o coronel Almada<sup>59</sup> reassume o comando do Dst PR.

Por efeito do ataque em Formigas, parte do dispositivo centro-norte das forças legais é reajustado e recuado, abandonando Corrêa. A 30 de janeiro encontra-se na seguinte situação: o 9º BC em Bandeira, o 2º BC em Formigas, o 2º BFPSC em Colônia Paraguaia e a 4ª Cia Montada/2º BFPSC na região de Sítio. Pouco tempo depois, a posição é reforçada com a 3ª Cia/ 13º BC, a comando do tenente Irapuan Elyseu Xavier Leal.

Fortes chuvas cobrem a região e alagam as posições. As tropas sofrem com o tifo, a sarna e a disenteria bacilar.

Nesse meio tempo, há notícias do progresso dos levantes do Rio Grande do Sul e do deslocamento de uma coluna de marcha em direção ao Paraná. Assim, para proteção sul, o general Rondon recria um Destacamento,

---

<sup>58</sup> Tanto a Força Pública de São Paulo quanto o Exército receberam instrução da Missão Francesa: São Paulo a partir de 1906 e o Exército após 1918.

<sup>59</sup> Octávio Saldanha Mazza era do Estado-Maior.

em Palmas, a comando do coronel Francisco Severiano Ribeiro.

Os revolucionários da LC, estimados em 600, aos poucos, iam perdendo o ímpeto. As linhas de comunicação e abastecimento estavam restritas. Há cerca de dois meses que não recebiam víveres, uniformes, remédios e munição de Foz do Iguaçu. Alimentavam-se apenas de milho, palmito, frutas e da caça existente na região. A única água que bebiam era a da chuva. Dispunham de poucos medicamentos e estavam quase sem assistência médica, mas aguardavam a chegada do apoio riograndense, que em 25 de janeiro atravessara o rio Uruguai, não sem antes perder quase mil desertores, com armas e animais.

Em 7 de fevereiro, a coluna do coronel revolucionário Luís Carlos Prestes<sup>60</sup> alcançava o Paraná, em Barracão. Ficam estacionados por quase um mês. Uma nova crise institucional aflige a coluna, quando o tenente João Pedro Gay subleva o 3º RCI (originário de São Luís Gonzaga) para desertarem. Descoberta a conspiração, o tenente é condenado à morte por fuzilamento, mas foge antes da aplicação da pena.

Nessa mesma época, Juarez Távora regressa ao front paranaense, vindo pelo Paraguai.

Os rebeldes da coluna gaúcha fazem ataques a Clevelândia e Palmas com João Alberto e Siqueira Campos e, só depois, no dia 24 de fevereiro, começam o deslocamento para Foz do Iguaçu, na picada de 144 Km preparada pelo coronel Fidêncio Mello, ao invés de seguirem para apoio à linha de contato em Catanduvás.

---

<sup>60</sup> Capitão, desertor do Exército.

Dias depois, o capitão Ítalo Landucci, emissário do general Padilha, faz contato com Prestes e ratifica a necessidade de apoio na frente Catanduvas. Ele ignora e continua a marcha para Foz do Iguaçu. O destacamento, depois das deserções, dispunha de 800 homens, quase 500 fuzis, 10 metralhadoras e 10 mil cartuchos, muito aquém dos 1.500 voluntários que iniciaram a marcha. “Catanduvas foi sacrifício feito em nome de Luís Carlos Prestes”.

A 8 de fevereiro, o coronel Vasco da Silva Varella pede exoneração do Dst SC<sup>61</sup> e o coronel Mariante, sai de Cmt Dst PR e vai para a função de Cmt daquele destacamento, tendo como ChEM o capitão Pedro Aurélio de Góes Monteiro.

Diante das circunstâncias que exigiam providências em várias frentes, o general Rondon solicita dois generais de brigada para comandarem os destacamentos à norte e ao sul do rio Iguaçu.

O coronel revolucionário Miguel Costa, procurava soerguer o ânimo dos companheiros de luta. O marechal<sup>62</sup> Isidoro Dias Lopes permitiu que enfermos e feridos abandonassem a coluna e se dirigissem para o Paraguai.

Em 13 de fevereiro, o QG dos revolucionários em Foz do Iguaçu recebe a visita do deputado João Batista Luzardo, simpático a causa revolucionária, que propõe ao marechal Isidoro Dias Lopes um encontro de paz a ser realizado no próximo mês em *Paso de los Libres*, Argentina.

---

<sup>61</sup> O ChEM do Dst SC era o major Benedicto Marques da Silva Acauan.

<sup>62</sup> Promovido a marechal por aclamação dos revolucionários em 17 de novembro de 1924.



O deputado recebe parte dos documentos apreendidos em Formigas, sai dessa posição e vai até a tropa legalista em Catanduvas.

Na área do 2º BFPSC um desertor da própria OM é capturado. O comandante determina que se forme a unidade e que cada militar o cuspa no rosto como sinal de desprezo àquele que não soube honrar a farda.

A artilharia legalista continua a martelar as posições de Catanduvas. Às 09:20h do dia 15 de fevereiro, um domingo, o 13º BC parte para um reconhecimento em força da linha de contato com duas companhias em primeiro escalão. A 1ª Cia, a comando do 2º tenente comissionado Orlando Martins Neves e a 2ª Cia a comando do tenente Antônio Prudente dos Santos. A reserva foi composta com 1 Pel/ 3ª Cia, mais um GC de cada SU do primeiro escalão. Cada companhia foi reforçada com uma seção do 2º BFPSP. Estabelecido o contato, “travou-se renhido combate, fortemente apoiado pelas metralhadoras em posição” da Cia Mtr comandada pelo 2º tenente Apparicio Archanjo Corrêa e “pela artilharia de apoio direto”. Às 14h, tendo o primeiro escalão atingido o rio Liso, o ChEM capitão Alcides Mendonça Lima Filho deu ordem de retraimento, pois considerou a missão cumprida.

No dia 22 de fevereiro o 13º RI perde mais um integrante por indisciplina, que é enviado para o Rio de Janeiro: Tullio Paes Leme.

## A QUEBRA DA MONOTONIA

Na manhã do dia 25 de fevereiro de 1925, toma posse o primeiro oficial general requerido por Rondon, o general de brigada Octávio de Azeredo Coutinho. Corre rapidamente o boato que tal oficial estava convocado para negociar a deposição das armas com anistia geral.

No mesmo dia, os rebeldes desfraldam diversas bandeiras brancas. Os 300 metros que separam as trincheiras oponentes são atravessados por soldados desarmados, de ambos os lados, que imaginam ser uma renúncia a luta, dando início a uma grande confraternização que se prolonga por mais de quatorze horas.

É articulada uma conferência no PC do 13º BC, na qual participam, do lado rebelde o tenente-coronel Mendes Teixeira e o major Olyntho Tolentino de Freitas Marques e do lado governista o ChEM capitão Alcides Mendonça Lima Filho e o capitão Cmt 13º BC Nereu Gilberto de Moraes Guerra <sup>63</sup>. Não há consenso sobre a liberação dos prisioneiros feitos e, com dificuldade, os lados trazem seus comandados de volta às trincheiras.

Ciente dos acontecimentos, o general manda a seguinte mensagem:

embora lamentando aprisionamento oficial e praças nossos, não é possível haver negociação troca prisioneiros, nem hasteamento bandeira branca nossas posições. Irei ahi amanhã.

---

<sup>63</sup> Do 14º BC, à disposição do 13º BC para o combate.

No dia 26 de fevereiro, às 5 da manhã os revoltosos, a comando de Estillac Leal, iniciaram um movimento para atacar toda a frente de Catanduvas. À tarde, a cavalaria do tenente Deusdedit Augusto de Loyola<sup>64</sup>, ataca no flanco sul governista e as trincheiras são conquistadas onde estavam a 5ª Cia/ 13º RI, uma seção da FPSP, uma peça da 2ª/1º GAMth, todos ao comando do 1º tenente Alberto Lopes, do 13º RI. Com a munição quase esgotada o tenente manda “calar as baionetas” para retomar a trincheira e repelir os rebeldes, com o base de fogos de um Pel, ao comando do 2º sargento Manoel Vicente do 13º RI. Um Pel/ 2ª/ 7º RI, enviado como reforço, tomou posição à esquerda. Esse pelotão foi substituído pela 2ª Cia/ 2ºBFPSP, sob o comando do capitão Higino Borges, que buscava ímpeto aos gritos de “viva o Brasil, viva a República e viva a Legalidade”. A tropa fez três baixas fatais e forçou a debandada dos revoltosos.

No flanco direito dos governistas a Cia insurgente do capitão Philogonio Antônio Theodoro não conseguiu avançar no terreno sem cobertas ou abrigos. No eixo da picada centenário a subunidade do major Virgílio Ribeiro dos Santos foi emboscada e retraiu. Pela picada aberta por Cabanas no ataque a Formigas, atuava o tenente Hermínio, que mesmo tendo avançado 14 km sem resistência, retornou a zona de reunião.

Em outra parte do campo de batalha, na região de Sítio<sup>65</sup>, na posição do 1º BFPPR, um cachorro adotado nas trincheiras anuncia que há algo anormal e uma ação de incursão de Cabanas é plotada e prontamente rechaçada.

---

<sup>64</sup> Civil comissionado oficial.

<sup>65</sup> Uma clareira com duas casas.

O alerta permaneceu por dois dias e a posição legalista foi reforçada pela Cia Mtr P/ 9º RI.

Terminado esse embate, o batalhão paranaense recebe a visita do ChEM capitão Pedro Aurélio de Góes Monteiro para avisar da substituição da unidade e tentar persuadir o capitão Sarmento a permanecer no front. Também aproveita a oportunidade para cumprimentá-lo pela promoção a major por “actos de bravura”.

No deslocamento dos militares do 1º BFPPR até Colônia Mallet para serem substituídos “desaparecem como por encanto os costumes estropiados” e ao passarem por Pouso Alegre, são homenageados por outros “soldados que em fila dupla ao longo da estrada” se despediam com “uma prolongada salva de palmas”. São rendidos pelo 2º BFPPR, que estava sendo mobilizado desde janeiro.

Nesse meio tempo, em passo do arroio Bormann se apresentam 21 desertores dos revoltosos, sendo um tenente do Batalhão Alemão, 3 praças do Batalhão Ferroviário, 1 do 3º RCI e 16 civis.

## A NOVA ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS

Com a chegada do primeiro oficial general requerido por Rondon, em 23 de fevereiro, é publicada a nova organização das tropas federais no terreno:

- Grupo de destacamentos do Paraná a comando do general de brigada Octávio de Azeredo Coutinho, com os Dst Almada e Mariante, oriundos dos Dst PR e SC, respectivamente.
- Destacamento Francisco Severiano Ribeiro, originalmente Dst Palmas.
- Flancoguarda Norte, originalmente Dst Norte, a comando do capitão João Theodoro Pereira de Mello Netto, do 5º RCD.

O general Octávio de Azeredo Coutinho expede sua Ordem de Operações nº 1, em 4 mar. 1925, com a orientação de seguirem um princípio de guerra da situação defensiva que preconiza que se mantenham ao máximo as ações ofensivas:

Até a chegada das novas unidades de reforço, os Destacamentos Almada e Mariante manter-se-ão em suas actuaes posições, conservando-as a todo custo. Continuarão a effectuar reconhecimentos e golpes de mão afim de conservar o contacto e fazer prisioneiros, e aproveitarão todas as ocasiões favoráveis para a execução de ataques locais.

No dia 6 de março, houve uma negociação para selar a paz, em *Passo de los Libres*. O deputado João Simplício de Carvalho em conferência com o marechal Isidoro Dias Lopes apresenta a proposta que recebera diretamente do presidente da República: os revolucionários deveriam depor as armas e o Congresso Nacional formularia uma lei de anistia. Os revolucionários consideraram

inconsistentes as garantias oferecidas. Firmam posição de que não baixariam as armas enquanto não fosse revogada a Lei de Imprensa e adotados o voto secreto e o ensino público obrigatório. Os negociadores solicitam tempo para novas consultas, porém não voltariam mais a reunir-se.

Em 9 de março foi a vez dos governistas promoverem um ataque, acompanhado de intensa concentração de artilharia, de mais de três dias. Houve muita falha na munição e pelo menos 400 granadas foram recolhidas pelos revolucionários.

Três dias antes, reapareceram os 6 oficiais capturados em 25 de fevereiro e as informações repassadas foram essenciais para esse ataque legalista. Também reaparecem, em 14 de março, mais 2 oficiais<sup>66</sup>, 2 sargentos e 2 soldados em Roncador fugidos de Depósito Central, onde estavam prisioneiros e ratificam as informações. No mesmo dia, 5 famílias fugidas de Catanduvás, aparecem em Roncador.

O segundo general requisitado por Rondon se apresenta em 14 de março e é designado comandante do 2º Destacamento. Trata-se do general de brigada Nestor Sezefredo dos Passos <sup>67</sup> que recebe o Destacamento Severiano e outras peças de manobra. O destacamento do general Azeredo Coutinho passa a se chamar 1º Destacamento e estabelece o PC em Roncador.

Sem conhecer os planos dos revolucionários e antes que houvesse a junção com o reforço da divisão riograndense, os legalistas resolvem atacar Catanduvás.

---

<sup>66</sup> Entre eles o 2º Ten comissionado Hermógenes Thomas de Aquino.

<sup>67</sup> Seu ChEM era o major Bernardo Fragosó.

## A BATALHA DE CATANDUVAS

O presidente da república Arthur Bernardes estava sob forte pressão, pois além do levante no Rio Grande do Sul ocorreram outros movimentos de apoio aos revolucionários, em particular a sublevação de parte da tripulação do encouraçado São Paulo e do torpedeiro Goiás sob a liderança de Herculino Cascardo, em 4 nov. 1924 e o incitamento de apoio liderado pelo capitão de mar e guerra Protógenes Pereira Guimarães (Conspiração Protógenes), o que pressionava para um desfecho operacional por parte do general Rondon.

Ao fim de fevereiro, é decidida a manobra para o cerco Catanduvás a ser executada em 30 dias. Um mês inteiro acumulando-se tropas, mantimentos e munição em Roncador e Formigas.

A Aviação Militar havia sido dispensada, pois muitos aviões <sup>68</sup> tiveram panes e estava no período de chuvas torrenciais.



*Aviação militar*

---

<sup>68</sup> Faziam parte da esquadrilha de aviação as aeronaves *Caxias*, *Guarapuava*, *Pelotas*, *Cruz Alta* e *Bagé*. Também havia um avião escola.

No entanto, novos meios almejados pelo general Azeredo Coutinho passam à disposição:

- II Batalhão do 11º RI<sup>69</sup> (reforçado com elementos do 2ºBFP de Sergipe, que foi dissolvido por conta da disciplina<sup>70</sup>)

- 2º Batalhão de Caçadores (600 homens)<sup>71</sup>

- 10º Batalhão de Caçadores (379)<sup>72</sup> – a comando do coronel João Manoel de Souza Castro

- 2º Batalhão da Força Pública da Bahia – 2º BFPBA (600)<sup>73</sup>, a comando do tenente-coronel Alberto Lopes

- 6º Corpo Auxiliar da Brigada Militar /RS – 6º C Aux BMRS (400)<sup>74</sup>, a comando do coronel Edmundo de Oliveira

- 2º Batalhão da Força Pública do PR – 2º BFPPR (200), em substituição ao 1º BFPPR a comando do capitão Deocleciano Gomes de Miranda

- 2ª Bateria/ 3º Grupo Independente de Artilharia Pesada  
– 2ª Bia/ 3º GIAP<sup>75</sup> (178)

Na frente Catanduvas, o poder de combate dos atacantes inclui 346 oficiais, 5.634 praças e 1.970 animais. O dos defensores com aproximadamente 1.100 homens.

---

<sup>69</sup> A comando do major Polydoro Rodrigues Coelho, com 16 oficiais, 223 praças, 42 solípedes e 9 viaturas.

<sup>70</sup> A comando do major Francisco de Araújo Caldas Xexéo, a polícia saiu de Sergipe com 600 homens e, após inúmeras deserções, chegou no teatro de operações com 18 oficiais, 314 praças, 3 solípedes e algumas viaturas.

<sup>71</sup> Havia integrado o Destacamento do Norte, que liquidou com a revolta na calha do Amazonas.

<sup>72</sup> De Ouro Preto/MG, com 12 Of, 367 praças e 28 solípedes e 3 Vtr.

<sup>73</sup> Com 21 oficiais e 570 praças.

<sup>74</sup> Com 25 oficiais, 370 praças, 370 solípedes e 10 Vtr.

<sup>75</sup> Com 5 oficiais, 93 praças, 113 cavalos, 3 mueres e 32 bois.



## Organização do 1º Grupo de Destacamentos<sup>76</sup>

### Destacamento Almada<sup>77</sup>

- 7º RI (-)
- 13º BC
- II Btl/ 13º RI
- BP Geraldo Rocha
- 2º BFPSP
- 6º C Aux RS
- Cia Mtr P/ 7º RI
- Cia Mtr P/ 9º RI
- Cia Mtr P/ 10º RI
- 2º Esq/ 4º RCD (-1 Pel)
- 2º Esq/ 5º RCD
- 4ª Bia/ 5º RAM
- 2ª Bia/ 3º GIAP (-1 Sec)
- 1ª Bia/ 2º GAC
- Sec/ 2ª Bia/ 1º GAMth
- Sec/ 3ª Bia/ 9º RAM

### Ligação

- 3º/ 5º RCD<sup>80</sup>

### Destacamento Mariante<sup>78</sup>

- 2º BC
- 9º BC
- 2º BFPBA
- 2º BFPSC
- Cia Mtr P/ 8º RI
- 1 Pel/ 2º Esq/ 4º RCD
- 1 Pel/ 3º Esq/ 7º RCI
- Sec/ 2ª Bia/ 1º GAMth (-)

### Reserva

- 10º BC (- 1 Cia)
- II/11º RI
- 2º BFPPR

### Tropas do Comando

- 3º BC<sup>79</sup>
- Btl Clevelândia
- 3º/ 7º RCI (-)
- 2ª Bia/ 1º GAMth (-)
- 3ª Bia/ 9º RAM (-1 Sec)

A ordem geral de operações nº 2, datada de 20 de março, previa um duplo envolvimento e assim estavam as missões dos destacamentos:

---

<sup>76</sup> Ch EM capitão José Meira de Vasconcellos.

<sup>77</sup> ChEM capitão Alcides Mendonça Lima Filho.

<sup>78</sup> ChEM capitão Pedro Aurélio de Góes Monteiro.

<sup>79</sup> Com 13 oficiais, 290 praças e 19 animais.

<sup>80</sup> Com 4 oficiais, 67 praças, 88 cavalos e 10 muares a comando do Cap João Propício Menna Barreto.

a) Destacamento Almada

- Fixar os rebeldes sobre toda a frente de Catanduvás, e manobrar pelo sul tendo por objetivo o flanco direito e a retaguarda das posições adversas.

- Em caso de retirada dos rebeldes exercerá a perseguição para oeste, seguindo o eixo da picada do Telegrapho, e pela estrada de Salto até o arroio Tormentinha.

- De posse de Catanduvás, o destacamento manter-se-á prompto para cooperar no ataque a Salto, ou para auxiliar o Destacamento Mariante na hypothese deste não ter podido atingir a estrada Catanduvás-Salto.

b) Destacamento Mariante

1) Exercerá esforço principal na direção Sítio-Faz. Augusto gomes, com o objectivo de atingir a estrada Real, afim de interceptar as comunicações entre Catanduvás e Salto.

- Atingido esse objetivo, cobrir-se-á o lado direito de Salto, e cooperará, pelo norte, na tomada de Catanduvás, se esta ainda resistir.

- Após a queda desta localidade, as tropas do Destacamento deverão aproximar-se de Salto, cujas posições serão atacadas ulteriormente.

2) Simultaneamente com as operações previstas no item anterior, deve ser levada a efeito uma investida contra Corrêa, donde se ameaçará Centenário.

O general deixa a reserva a comando do coronel João Manoel de Souza Castro (do 10º BC). O 3º/ 5º RCD recebeu o encargo de ligação entre os destacamentos.

Os revolucionários estavam com a brigada de Miguel Costa na frente Piquiri-Salto e o TC Estillac Leal no trecho Salto-Catanduvás. No reduto de Catanduvás, além de

Estillac Leal estavam o capitão Filinto Müller<sup>81</sup> como Ch EM, e na posição defensiva os majores Olynth Tolentino de Freitas Marques (ao centro), Nelson de Mello (a sul), Luís Cordeiro de Castro Afilhado (ao norte). No flanco sul estava a proteção do esquadrão do tenente Deusdedit Augusto de Loyola (em Cajati). No flanco norte, barrando as duas vias penetrantes estava em Fazenda da Floresta a tropa de Cabanas, a comando, inicialmente do capitão Mário Barbosa de Oliveira, em seguida de Juarez Távora e, em Centenário, o major Virgílio Ribeiro dos Santos.

Em 23 de março, a ofensiva do general Azeredo Coutinho inicia com intensa concentração de artilharia, disparando uma granada por minuto sobre as trincheiras revolucionárias, das 7 às 14h, por 4 dias. São disparadas cerca de 1.200 granadas.

Começa o dia 27 de março e chove torrencialmente. Às 4h inicia o deslocamento do Destacamento Almada ao sul da zona de ação. Às 6h, há uma intensificação de fogos de artilharia. Às 7h, o destacamento exerce uma pressão frontal com o 13º BC e a Cia Mtr P/ 10º RI ao norte. Ao centro atua o Subdestacamento da Esquerda (II Btl/13º RI, 1 Btl/ 7º RI, 1 Cia/ 2º BFPSP, 1 Sec/ Cia Mtr P/ 7º RI e 1 peça/2ª Bia/ 1º GAMth), a comando do capitão Jocelyn Carlos Franco de Souza. O BP Geraldo Rocha, também ao sul da Z Aç, na região de Paiol, embora encontre certa resistência, consegue fixar os revolucionários. Pelo flanco sul, um pelotão de cavalaria guarnecia a posição defensiva e o 6º C Aux BMRS <sup>82</sup> infiltra-se, por quase 29 km,

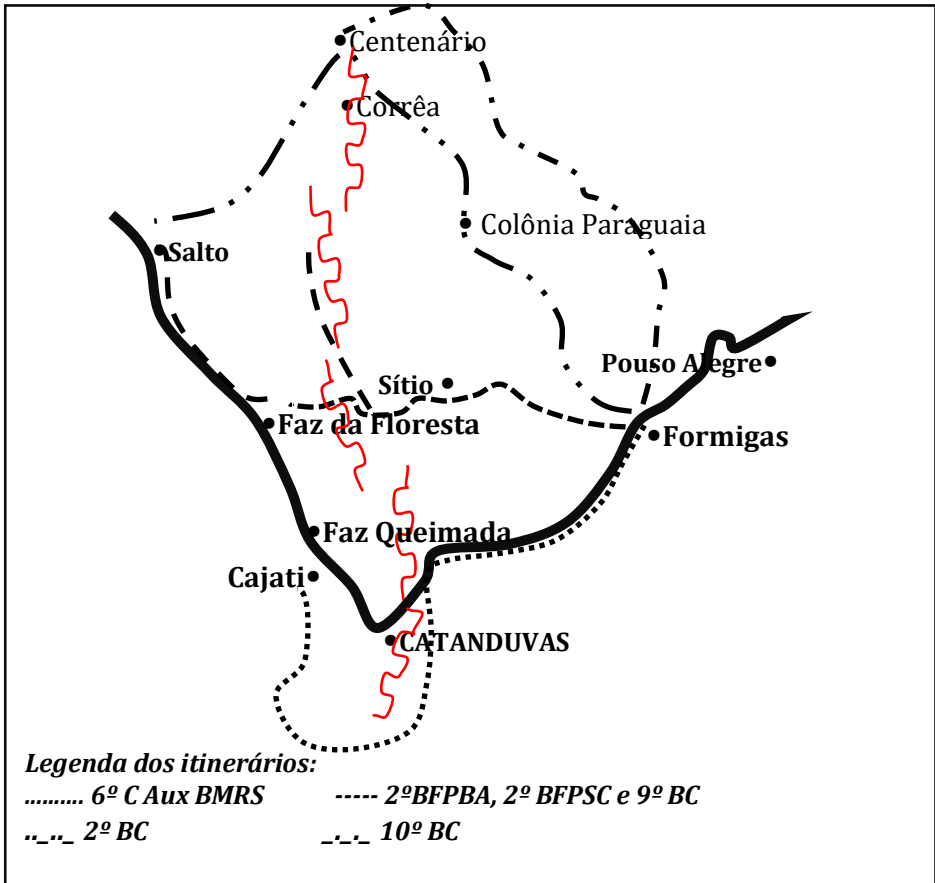
---

<sup>81</sup> Foi promovido a major, por bravura, em 14 abr. 1925, mas expulso em maio, por desonra, por ter incitado a tropa à deserção.

<sup>82</sup> Ou Regimento Provisório do Rio Grande do Sul.

desbordando a linha das trincheiras e ataca para conquistar Fazenda Queimada.

### *Croqui da área de combate*



Às 7:30h a artilharia rebelde responde com 3 disparos que atingem as trincheiras legalistas. Às 10h o 13º BC atinge o rio Liso e recebe ordem para esperar a progressão das demais unidades e para anunciar aos rebeldes que “aquelles que quisessem se apresentar seriam recebidos com as garantias da lei” e prossegue no ataque pelas 16h.

O BP Geraldo Rocha também segue em seu avanço. O comando fica sem informações do 6º C Aux BMRS e lança estafetas que trazem a informação somente às 20:15h que às 13h aos gaúchos haviam alcançado Cajati, após aprisionar uma patrulha e ter escaramuças com a cavalaria rebelde<sup>83</sup>. A FT faz um ataque que é fortemente rechaçado, sendo obrigada a retrair.

O Destacamento Almada havia preparado uma reserva, a comando do tenente-coronel Primo Pereira de Paula Dias com o 7º RI e uma Cia/ II/ 11º RI. O destacamento praticamente mantém suas posições no dia 28, aguardando o Destacamento Mariante.

O coronel Almada faz um agrupamento de baterias em Roncador com a 4ª Bia/ 5º RAM, e 1ªBia/ 2º GAC e uma peça/ 3ª Bia/ 9º RAM.

O Destacamento Mariante, pelo norte da Z Aç, se infiltra pela mata a partir das 6h, com o 2º BFPBA (Ref 2 Sec Mtr P e 1 Pel/ 2º Esq/ 4º RCD), com o objetivo de alcançar a estrada para Foz do Iguaçu, a 2,5 km a retaguarda de Catanduvás, e cortar as comunicações com Salto, onde estava o PC do coronel Miguel Costa. O 2º BFPSC (Ref com Cia Mtr P/ 8º RI (-)) e o 9º BC (reserva do Dst Mariante) deslocam-se na esteira dos baianos, em uma picada lamacenta. Os catarinenses partem de Sítio. O 2º BC deverá manter Colônia Paraguaia e atacar para conquistar Corrêa e o 10º BC, Iguá. O 10º BC também deveria fazer a proteção do flanco norte, com atuações em Pensamento e

---

<sup>83</sup> Nos combates em Cajati o 6º C Aux BMRS teve 2 mortos e 3 feridos. Apreendeu 50 armas, revólveres e outros objetos. Os revolucionários anotaram 19 mortes e grande número de feridos.

José Roque. O 2º deveria coordenar ações com o 10º em Centenário e com o 2º BFPBA em Salto.

O Cmt 2º BC, major Francisco Mello, deixa de cumprir ordens do Cmt Dst e é substituído pelo major Pedro Ângelo Correa.

O comando só recebe notícias, por meio de estafetas, às 10:15h e estava tudo como planejado com os baianos e catarinenses.

O revolucionário Virgílio Ribeiro dos Santos esboça um contra-ataque, mas teve que recuar pois os governistas estavam desdobrados em ponte do Hermínio e Piquiri.

Às 6h da manhã de 28 de março a tropa está de pé e às 12:30h o Dst Mariante alcança as proximidades da Fazenda da Floresta (Augusto Gomes), onde estava o batalhão de Cabanas, com cerca de 150 homens, a comando do major Juarez Fernandes Távora. A 4ª Cia/ 2º BFPBA achando-se com seu flanco batido por intenso fogo é reforçada com 2 Pel/ 1ª Cia/ 2º BFPSC, sendo um a comando do tenente João Ferreira de Resende e outro, de Frederico Ewald com apoio de fogo de 1 Sec/ 1º GAMth. A 2ª Cia/ 2º BFPBA reforçada com 1 Pel/ 2ª Cia/ 2º BFPSC a comando do tenente João Sales tem a missão de bater, na retaguarda, uma picada onde o inimigo estava a se infiltrar.

O 1 Pel/ 3ª Cia/ 2º BFPSC passa a integrar a 3ª Cia/ 2º BFPBA que tem a missão de cortar as ligações telefônicas<sup>84</sup> e as vias de suprimento.

---

<sup>84</sup> Ao 2º Sgt Severino Alvim de Moura (do 3º RI e adido ao 9º BC) é dado o crédito da missão de corte da ligação telefônica rebelde. Como recompensa, foi comissionado como 2º tenente.

Os rebeldes enviam patrulhas para atacar na retaguarda da força ofensiva e a 2ª Cia/ 2º BFPSC a comando do tenente Rodolfo Feliz do Carmo faz a proteção dessa força.

Às 16h os rebeldes informam aos superiores que as posições estavam insustentáveis.

Ao final da jornada, o restante do 2º BFPSC, a Cia Mtr P/ 8º RI, 1 Pel/ 2º Esq/ 4º RCD, que vinham na esteira dos baianos, alcançam a estrada Catanduvras-Salto ao passo que o 9º BC se desloca para Sítio.

Não havia comunicações telefônicas, sendo usados mensageiros. Os rebeldes, por todos os meios ao seu alcance, procuram restabelecer as comunicações, pois agora já era questão de vida ou morte.

O general Azeredo Coutinho julga conveniente que o Destacamento Mariante apoie a continuidade das ações e assim, ordena ao seu ChEM capitão Pedro Aurélio de Góes Monteiro que fosse, pessoalmente, transmitir as ordens para as quatro unidades voltarem a atacar a posição de Catanduvras pela retaguarda.

Góes Monteiro segue por uma picada por 18 Km e, ao chegar na zona de reunião, repassa as ordens: o 2º BFPSC deveria atacar Catanduvras pela retaguarda e bloquear os revolucionários em Fazenda Queimada, em apoio de um novo destacamento temporário, a comando do tenente-coronel Primo Pereira da Paula Dias formado pelo 6º C Aux BMRS (que havia conquistado Cajati) e pelo 7º RI.

E assim findou mais um dia das operações, sem que se tivesse qualquer notícia do resultado dos ataques. Porém,

ao cair da noite, recomeçaram os tiros de fuzil, de metralhadora e alguns tiros de canhão.

No dia 29 de março, o 2º BFPBA, reforçado com a 1ª Cia/ 2º BFPSC, a comando do 1º tenente João Baptista Paiva, apoiada por 1 Pel/ 3ª Cia/ 2º BFPSC a comando do tenente Otaviano Rômulo Colônia, e com 3 Sec/ Cia Mtr P/ 8ª RI marcham sobre Fazenda Queimada e cerca de três horas depois fazem contato com rebeldes no corte do rio Tormentinha. Travam combate durante 20 minutos. Pelas 10h, os legalistas operam uma brilhante carga de baionetas, pondo o oponente a correr na seguinte situação:

Deixou em sua fuga desastrada, além da refeição do almoço já preparada, importantes e valiosos despojos, entre os quais armas automáticas, munições, muares, ferramentas etc.

Consta que, em outra parte de combate, os revolucionários também deixam 6 carroças.

Os catarinenses ocupam temporariamente as trincheiras abandonadas e tem a missão de atacar Catanduvás, sendo reforçados com mais um pelotão do 2º BFPBA.

O 2º BFPBA que havia bloqueado as saídas da Fazenda da Floresta (Augusto Gomes), sofre uma série de tiros de artilharia de arrebentamento alto, mas às 13h conquista em definitivo a posição.

O 9ºBC havia partido de Sítio para Salto em busca dos elementos avançados dos rebeldes, mas com ordem para não se engajar em combate. A unidade encontrou os rebeldes entrincheirados pouco além de Fazenda da Floresta (Augusto Gomes).



O 2º BFPSP tentou um desbordamento pela mata, porém se deparou com trincheiras e prosseguiu em outro itinerário, abrindo uma picada para alcançar a estrada e fazer contato com o 2º BFPSC que estava na região do rio Tormentinha.

Na noite de 29 de março, Catanduvás estava cercada e é enviado um ultimado de rendição: “o comandante da tropa do governo os intima a depor as armas no prazo de duas horas, sob a pena de tomar ofensiva com oito mil baionetas vitoriosas”. Os revolucionários fazem circular um mensageiro a cavalo para cobrir os 90 km de frente, com vistas a executar a Ordem de Retirada nº 3.

Miguel Costa e seu Ch EM Juarez Fernandes Távora escrevem um ofício resposta da rendição: “enquanto ao meu lado palpitar o coração de um brasileiro livre e me sobrar um cartucho, não deporei as armas da revolução” e que os legalistas “poderiam tomar a ofensiva”.

Às 23:30h de 29 de março, os legalistas dão sinal para mais uma de carga de infantaria, mas na trincheira principal da frente revolucionária, agita-se uma bandeira branca.

O general Azeredo Coutinho dá ordem que para aqueles que quisessem se render lhes seriam dadas as garantias legais e deveriam se apresentar em grupos de três, desarmados, na picada dos telégrafos, em um local balizado com uma lamparina, próximo às posições do 13º BC.

Trezentos e vinte e três combatentes abandonam as trincheiras de mão levantadas. Entre os militares, há o civil Dr. Victor Pacheco Leão. O 6º C Aux RS fica encarregado da

apreensão dos materiais e encontra 385 fuzis, 6 metralhadoras pesadas, 2 metralhadoras leves, um obus Krupp 105 C-14, 2 canhões Krupp 75 C-28 entre outros itens.

O general Rondon, na mesma noite de 29, expede mensagens telegráficas ao ministro da guerra Fernando Setembrino de Carvalho, com o relato da vitória, que já no dia 30 estampam as primeiras páginas dos jornais brasileiros. Também cumprimenta os responsáveis pelo extraordinário feito militar, chamando cada batalhão de “bravo” e dizendo simplesmente “os meus parabéns”.

Às 2h da madrugada, em uma noite fria de lua crescente de 31 de março, o último defensor da posição de Catanduvás cai prisioneiro. Se apresentam o capitão Olyntho Tolentino e os tenentes Nelson de Mello e Castro Afilhado. No dia seguinte, mais 40 rebeldes se apresentam no II Btl/13º RI e outros 4 para as tropas de Roncador.

O comandante legalista, por todos os meios, manda avisar da rendição de Catanduvás e sustar o ataque programado para a manhã do dia 30 de março. Envia um emissário até o PC de Miguel Costa dando o prazo de uma hora para rendição das outras frentes, caso contrário seriam desencadeados outros ataques nas demais frentes.

Ao amanhecer, “Catanduvás agasalhava os novos senhores, não se lhe hasteou bandeira de espécie alguma. Nem estrugiram fanfarras. Sem festas, acolheu-se a vitória”.

Rendidos, os 71 insurgentes que podiam caminhar foram conduzidos em fila indiana, por 15 dias, com a

escolta do 13<sup>o</sup> BC<sup>85</sup>, sob comando do seu Cmt, o capitão Nereu Gilberto de Moraes Guerra, até a cidade de Irati, aonde chegam no dia 23 de abril e são embarcados na composição ferroviária com destino ao porto de Paranaguá. Foram transportados no cargueiro Cuiabá para o Rio de Janeiro, onde ficaram no calabouço da Polícia Central e no navio-prisão Campos até serem transferidos para o “inferno verde” de Clevelândia, no Amapá, nos navios Comandante Vasconcellos e Caxambu.

O capitão Olyntho Tolentino, os tenentes Nelson de Mello e Castro Afilhado, assim como os demais oficiais, foram conduzidos de trem até a Guanabara para depoimentos. No julgamento, em 1927 <sup>86</sup>, foram sentenciados a dois anos de reclusão com cumprimento da pena no presídio da ilha Grande.

O tenente-coronel Estillac Leal e o capitão Filinto Müller foram postos a salvo pelos revolucionários e com mais a SU do capitão Philogonio Antônio Theodoro, com 80 homens, saíram pelo sul, inicialmente, em uma nova picada preparada de véspera e, a seguir, tomando a picada do telégrafo na direção de Boi Preto – Foz do Iguaçu. Estillac e Filinto passam no PC de Miguel Costa antes de seguirem para o oeste.

---

<sup>85</sup> A escolta conta com 12 oficiais e 374 praças.

<sup>86</sup> Dos 282 acusados de tomar parte na revolta de 1924, 115 foram condenados.

## **A RETIRADA REBELDE DE CATANDUVAS ATÉ FOZ DO IGUAÇU**

Em 30 de março de 1925, unidades do Destacamento Mariante sofrem um ataque na picada entre Sítio e Fazenda Queimada (Augusto Gomes). Elas são reforçadas com tropas do comando, nomeadamente uma 1 Cia/ II/ 11º RI e o 3º/5º RCD.

Também vai para Sítio o BP Geraldo Rocha e a 4ª/ 5º RAM. O 2º BFPSC retrai para Augusto Gomes e se junta ao 2º BFPBA.

O 2º BC, agora reforçado por uma 1 Cia/ 10º BC, atinge Centenário e segue para Salto. No local encontra os poucos casebres existentes ainda em chamas.

O 9º BC, além do rio Tormenta, é a unidade mais à frente em busca do contato com os revolucionários.

Cerca de 800 remanescentes da defesa de Catanduvas iniciam o movimento retrógrado para Foz do Iguaçu, em ação retardadora no eixo Salto – Cascavel – Depósito Central Barthe – Dois Irmãos – Porto Santa Helena, a fim de permitir a junção com a coluna gaúcha que, tendo transposto o rio Iguaçu, marchava para o entroncamento de Benjamin.

A jornada de 31 dos governistas é destinada a consolidação e a reorganização. No dia seguinte, o general Rondon percorre as posições ocupadas em Catanduvas e Fazenda Queimada.

O general de brigada Octávio de Azeredo Coutinho é designado para realizar a perseguição dos rebeldes e dá

início ao planejamento. O tenente-coronel ChEM das FO Benedicto Olympio da Silveira da ordem que o Destacamento de Perseguição use uma fita branca no boné ou chapéu.

O general Azeredo Coutinho opta por não iniciar a perseguição imediata, com toda a tropa disponível. Julga que as dificuldades de aprovisionamento, a fadiga da tropa e a falta de espírito militar exigiam prudência. Resolve, então, constituir um Destacamento de Perseguição a comando do major Corbiniano Cardoso, do 10º BC, com a seguinte composição:

- 2º e 3º/ 5º RCD
- Batalhão constituído (1 Cia/ 3º BC, 1 Cia/ 10º BC, 1 Cia/ II/11º RI, Cia Mtr P/ 11º RI)
- Sec/2ª Bia/ 1º GAMth.

Esse destacamento passa a atuar a partir de Salto. Um morador da área informa que o efetivo rebelde era de cerca de 600 homens.

Por parte dos rebeldes, o capitão Djalma Soares Dutra é destacado para a vanguarda da tropa em retraimento e para fazer contato com a coluna de Luís Carlos Prestes. No dia 3 de abril, o coronel Miguel Costa passa o comando da força de retraimento para Juarez Távara e parte para Benjamim, pela picada Firmino, para um encontro com Prestes, conforme acertado por Djalma Dutra. Feito o contato, vão juntos ao encontro do marechal Isidoro Dias Lopes, recém-chegado da conferência de paz com o deputado João Simplício de Carvalho. Prestes e Miguel Costa tinham recebido uma carta de Isidoro, escrito logo após a queda de Catanduvas, que dizia “nada mais posso e nem devo exigir de vós, a quem dou completa liberdade de

ação, acatando a deliberação que a situação atual vos obrigue a tomar” e precisavam definir os rumos da revolta.

Juarez Távora, comandando o 6º BC de Cabanas, monta a primeira posição retardadora a poucos quilômetros ao sul de Salto com a finalidade de dar segurança à retirada. A segunda, a nordeste de Salto, para evitar um envolvimento pela retaguarda.

Em 5 de abril, os revolucionários estão em Cascavel e Cabanas reassume seu batalhão. Juarez Távora determina a organização de uma terceira posição, com o batalhão de Cabanas, mais uma companhia do major Virgílio Ribeiro dos Santos de um pelotão de cavalaria. Essa linha seria apoiada com uma seção de artilharia para proteger os deslocamentos.

Dois dias depois, os revolucionários chegam em Depósito Central Barthe. A maior enfermaria dos revolucionários estava nesse lugar e abrigava mais de 100 feridos.

Na calha do rio Paraná, o major Paulo Kruger da Cunha Cruz, agora apoiado com elementos de Cabanas comandados pelo major Alves de Lira, melhora as trilhas entre porto Santa Helena - Dois Irmãos - porto Britânia - porto Artaza - porto Mendes, para economizar meios fluviais nos deslocamentos pelo rio Paraná.

Em 9 de abril, o marechal Isidoro Dias Lopes, já muito idoso, por limitação física, comunica que não conseguiria dar continuidade à “guerra de movimento”, passa o comando do Destacamento São Paulo para o general Bernardo de Araújo Padilha e o comando das Forças

Revolucionárias ao agora general Miguel Costa e se exila na Argentina.

Neste mesmo dia 9 de abril, a tropa legalista do general Tourinho, vinda do Mato Grosso, a comando do coronel Toscano de Britto secundado pelo capitão João Guilherme Leal Ferreira, com 48 militares, conquistou Guaíra até então guarnecida pelo major rebelde Asdrúbal Gwyer de Azevedo.

A 12, ocorre a junção de parte dos contingentes gaúchos e paulistas em Benjamim. A 15, em Foz do Iguaçu, fazem uma conferência para definir os rumos revolucionários.

Aos revoltosos, prensados contra o rio Paraná só resta a fuga para o Paraguai, pois estavam cercados. Antes de partir, inutilizam 19 km do ramal ferroviário entre porto Mendes e Guaíra.

O Destacamento de Perseguição legalista tinha iniciado a marcha em 4 de abril, partindo de Salto, e percorrido os primeiros 10 Km. A 6, chega em Cascavel e localiza 84 fuzis sem ferrolho. A 8, alcança o Depósito Central Barthe e ali encontra três obuses 105, um canhão de campanha 75, muitas armas e 15 carros de munições inutilizados e outros objetos abandonados na retirada. A oficina de reparações e o hospital de evacuação estavam queimados.

A partir de Depósito Central Barthe, Rondon conta com 3 grupamentos de Força: 1º Grupo de Destacamentos, a norte do Iguaçu, 2º Grupo de Destacamentos ao sul e

destacamento do general Mário Alves Monteiro Tourinho<sup>87</sup> procedente do Mato Grosso,

O 1º Grupo de Destacamentos adota outro esquema de manobra, com nova composição, na qual constitui mais 4 destacamentos de perseguição:

- Destacamento Almada
- Destacamento Mello
- Destacamento Corbiniano
- Destacamento Mariante

O destacamento do capitão João Theodoro Pereira de Mello Netto, anteriormente designado como flancoguarda norte, segue pela picada Aliica. Participa que não pode ser mais eficaz pois lhes faltava munição, sendo ressuprido só em 27 de abril.

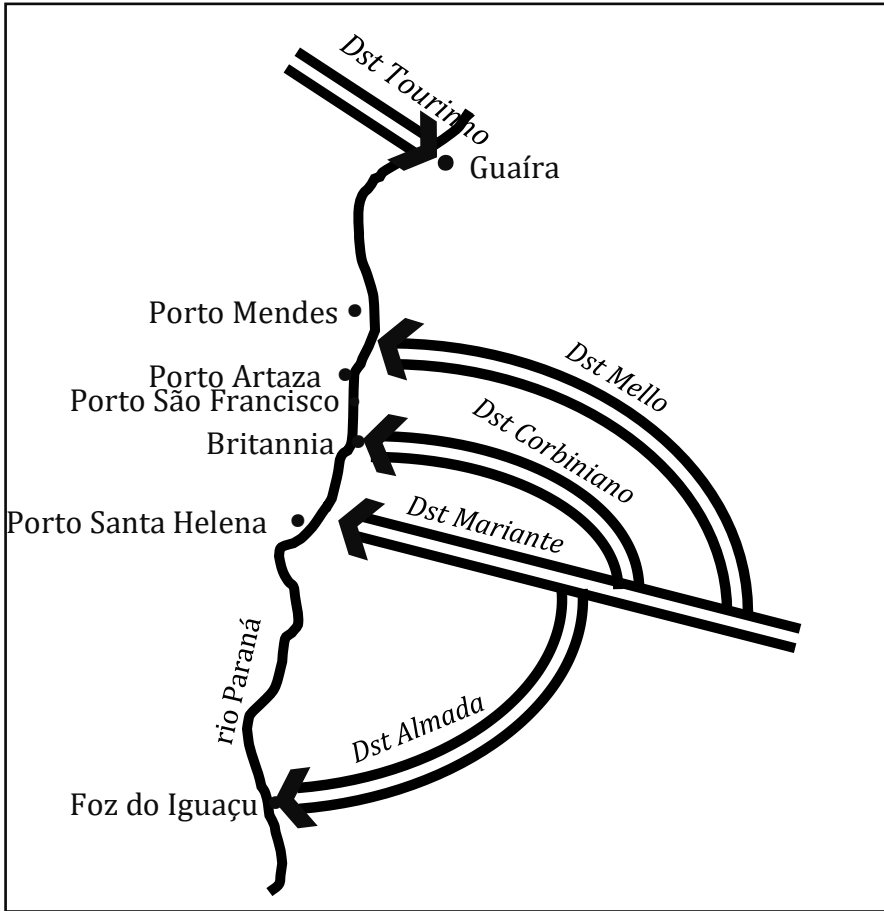
O Destacamento Almada, pela picada Firmino, vai retomando Boi Preto, Benjamim e finalmente Foz do Iguaçu. Em Benjamim encontrou cerca de 200 armas queimadas. Já o Destacamento Mariante segue pela Estrada Geral e o Corbiniano pela picada do Telégrafo.

---

<sup>87</sup> O seu ChEM é tenente-coronel Epaminondas de Lima e Silva, que havia servido nas FO de Rondon.



*Croqui da área de combate*



## Organização da Perseguição

### Destacamento Almada

- 7º RI
- 2º BFPSP
- 6º C Aux RS
- BP Geraldo Rocha
- 1 Pel BP Moreira Garcez
- 2º Esq/ 4º RCD
- Cia Mtr P/ 9º RI
- Cia Mtr P/ 10º RI
- 2ª Bia/ 3º GIAP (-)
- 1ª Bia/2º GAC

### Destacamento Mariante

- 2º BC (+1Cia/ 3º BC)
- 9º BC
- 2º BFPSC
- 1 Cia/ II/ 11º RI
- 2º e 3º Esq/ 5º RCD
- Cia Mtr P/ II/ 11º RI
- Cia Mtr P/ 8º RI
- 1 Pel/3º/ 7º RCI
- 2ª Bia/ 1º GAMth (-)
- 4ª Bia/ 5º RAM
- 1 peça/2ª Bia/ 1º GAMth

### Destacamento Mello

- 1º Esq/ 4º RCD<sup>88</sup>
- 1º Esq/ 5º RCD
- Elm 6º BC
- 3ª Cia/ 19º BC<sup>89</sup>
- 1 Cia BP Mal Bormann
- 1 Cia BP Moreira Garcez
- 2 Sec Mtr P

### Destacamento Corbiniano

- 10º BC
- 2º BFPBA (-)

O Dst Almada estará em Foz do Iguaçu a 20 de abril com quase todo o seu efetivo. O Dst Mariante chega em Santa Helena em 23 de abril com 2º/ 5º RCD e o 9º BC. O Dst Mello ocupa portos Artaza e Mendes a 29, e o Dst Corbiniano alcança os seus objetivos a 30 de abril.

---

<sup>88</sup> A comando do capitão Romulo Pacheco d'Ávila.

<sup>89</sup> O 19º BC tinha 20 oficiais, 390 praças, 44 animais e 15 viaturas. E estava a comando (interino) do capitão José Bento Thomaz Gonçalves.

O general Azeredo Coutinho, ao alcançar o rio Paraná, em 20 de abril, acrescenta um elemento na organização, ao que ele nomeia destacamento de ocupação a comando do coronel Cantalice desdobrado em Depósito Central, Catanduvas e Guarapuava.

General Rondon dá ordens para garantir a livre navegação do rio Paraná e planeja a saída de algumas unidades do teatro de operações por esse rio. Também determina o retrainamento do Destacamento Tourinho a fim de apoiar as futuras operações no Mato Grosso e, por fim, assina a Proclamação da Vitória, em 3 de maio.

## A GUERRA DE MOVIMENTO

Em 14 de abril, o general Miguel Costa publica o primeiro boletim da 1ª Divisão Revolucionária e a 26, no 7º boletim, depois de várias considerações decide por “entrar em território estrangeiro armado e prosseguir, com toda energia e decisão, por ahi, a sua marcha em direção ao estado do Mato Grosso.” Decide por ter tropas mais leves e montadas para empreender em uma **guerra de movimento**.

Os sobreviventes das colunas rebeldes (Divisão São Paulo e Divisão Rio Grande), com cerca de 1.500 homens, se uniram em Porto Santa Helena para embarcar no porto local no vapor *Bell* e nos portos de Mendes e Artaza, no vapor Assis Brasil, com cavalos, armamento pesado e munições, e desembarcar no *puerto* Adela, na margem paraguaia.

O vapor *Bell* tinha sido aprisionado, em 27 abr., pelos revolucionários comandados por Siqueira Campos ao chegar de uma viagem entre Assunção e *puerto* Adela.

A tomada de *puerto* Adela foi executada pelo tenente-coronel João Alberto de Lins e Barros a bordo da lancha à vapor Assis Brasil, construída pelos revoltosos em Foz do Iguaçu. Ele conquistou o porto paraguaio apoiado por grupos de combate em lanchas. Os 400 m que separavam as margens do rio Paraná estavam com forte correnteza. João Alberto temia as altas barrancas do lado paraguaio.

Houve protesto, mas não resistência do contingente estrangeiro que com cerca de 50 militares, guarnecia o local, a comando do *Capitan* Ortiz.

Os revoltosos articulam com o Ortiz, que entregarão as armas tão logo atinjam 5 km para o interior do território paraguaio, pois precisam garantir a transposição do rio. Atestam, também, que será apenas uma passagem pelo estado estrangeiro. Dão como garantia uma carta redigida por Juarez Távora e assinada por 14 oficiais.

Para realizarem a travessia, organizada pelo major Paulo Kruger da Cunha Cruz, de 27 a 29 de abril de 1925, os revolucionários haviam ordenado que um esquadrão, comandado pelo 1º tenente Deusdedit Augusto de Loyola, atraísse o grosso da tropa legalista para Foz do Iguaçu e o major Luiz de França Albuquerque conquistasse Guaíra, enquanto a coluna se evadia. No entanto, os legalistas já se encontravam próximos a Porto Mendes e essa manobra não surtiu efeito, sendo necessária a intervenção de um contra-ataque para desaferrar a tropa revolucionária de norte.

Através de *puerto* Adela, deslocaram-se pelo Paraguai por 150 km, até o retorno ao Brasil por Porto Lindo, no estado do Mato Grosso, com a transposição do rio Iguatemi. Tal manobra ficou assim descrita no 9º Boletim da Divisão Revolucionária:

“acompanhado de meu E. Maior, marchei de Porto Adela (R. do Paraguai) às 13 horas do dia 29 de abril último, fazendo as seguintes etapas de marcha, através do território paraguaio: ainda a 29, fazenda Crós-Cús, 30 à margem de um arroio de nome desconhecido; a 1º à margem do Rio Piratini e às 13 horas do dia 2, tudo do corrente, na fazenda Jacareí, na fronteira brasileira, onde acampeí”.

A tropa, então, reorganizada, com as duas colunas unidas resultaram na “1ª Divisão Revolucionária” ou “Coluna Miguel Costa - Prestes”.

## **A ORGANIZAÇÃO DA COLUNA MIGUEL COSTA - PRESTES**

O general Bernardo de Araújo Padilha, o tenente-coronel Newton Estillac Leal e o capitão Filinto Müller<sup>90</sup> pedem exoneração de suas funções e se refugiam na Argentina.

Com essas importantes baixas, a coluna Miguel Costa – Prestes foi, inicialmente, assim organizada:

Comandante: general Miguel Costa.

Estado-Maior: major Coriolano d’Almeida Júnior,  
capitão Djalma Soares Dutra,  
capitão Lourenço Moreira Lima e  
capitão Alberto Costa.

Brigada São Paulo, com 700 homens, a comando do tenente-coronel Juarez Távora com o major Mário Geri no seu Estado-Maior.

2º BC: major Manuel Alves Lira

3º BC: major Virgílio Ribeiro dos Santos

Bateria de Artilharia de Montada: capitão Henrique Ricardo Holl

2º Esquadrão de Cavalaria Independente (50 homens):  
capitão Georges Danton da Silva

---

<sup>90</sup> Existe a versão que Filinto Muller teria sido expulso, por ter incitado a tropa a deserção. Também há a versão de haver “abandonado covardemente a defesa de Foz do Iguaçu, então sob seu comando, passando para o território argentino com seus soldados, levando armas e munições”.

Brigada Rio Grande, com 800 homens, a comando do coronel Luís Carlos Prestes com o major Paulo Kruger da Cunha Cruz e o capitão Ítalo Landucci no seu Estado-Maior.

1º B Fv: tenente-coronel Oswaldo Cordeiro de Farias

2º RCI: tenente-coronel João Alberto de Lins e Barros

3º RCI: tenente-coronel Antônio de Siqueira Campos

1º Esquadrão de Cavalaria Independente (50 homens): capitão Ari Salgado Freire.

A 10 de junho, a coluna que originalmente estava composta por duas brigadas, recebe nova organização, com quatro destacamentos, com 400 homens cada, para evitar os confrontos de origem regional:

1º - a comando do TC Oswaldo Cordeiro de Farias (1º BFv e a maioria dos elementos do 3º BC de Virgílio Ribeiro dos Santos, que passou a ser o SCmt);

2º - TC João Alberto de Lins e Barros (2º RCI e a maioria dos elementos do 2º BC, de Manuel Alves Lira, que passou a ser o SCmt);

3 - TC Antônio de Siqueira Campos (3º RCI e elementos do 2º BC). De SCmt ficou o major Trifino Correia); e

4º -TC Djalma Soares Dutra (1º e 2º esquadrões de cavalaria independente) do capitão Georges Danton da Silva e do major Ari Salgado Freire, sendo esse seu SCmt).

Como ChEM ficou com Luís Carlos Prestes e como SChEM Juarez Távora, que tinham o major Paulo Kruger e os capitães Geri Aldo e Lourenço Moreira Lima como ajudantes.



# **AS BAIXAS DOS LEGALISTAS NA REVOLTA DE 1924 NO PARANÁ**

Pela leitura dos relatórios das unidades e das FO, pelas publicações oficiais do Ministério da Guerra, pelos registros cartoriais e livros históricos, foi possível montar uma relação com 113 combatentes mortos na revolta do Paraná.

Para facilitar a montagem da tabela, utilizou-se a seguinte legenda.

## **LEGENDA DA COLUNA "A" - local do enterro**

- 1 Cemitério Público de Arroio Bormann
- \* Transladado para o Memorial do 62ºBI
- 2 Cemitério Militar do Roncador
- 3 Cemitério do 13º RI
- 4 Cemitério Público de Colônia Mallet
- 5 Cemitério Público de Pouso Alegre
- 6 Cemitério em Iguá
- 7 Cemitério de Formigas
- 8 Cemitério entre Faz. da Floresta e Sítio
- 9 Cemitério entre Faz. da Floresta e Faz. Queimados
- 10 Cemitério Militar de Cascavel

## **LEGENDA DA COLUNA "B" - registro**

Está registrado seu de óbito no cartório de  
LS Laranjeiras do Sul

## **LEGENDA DA COLUNA "C" - motivo**

- C Em combate
- D Por doença
- R Em atividade de reconhecimento



Data	Cidade	OM	P/G	Nome	A	B	C
------	--------	----	-----	------	---	---	---

### 1924

26/09	F. do Iguaçú	RCP	Sgt	Hartmann			C
22/10	Guarapuava	1º BFPPR	2ºSgt	Otávio Bueno da Rocha			
14/11		1º BFPPR	Sd	Jayme Vianna	1		
19/11		BP GR	Sd	Pedro Pontes		LS	
23/12	Valérios	1º BFPPR	2ºSgt	Pedro Higino dos Santos			R
24/11	Belarmino	Cia Mtr/10º	1ºTen	Alípio Dias	1	LS	C
24/11	Belarmino	13º BC	3ºSgt	Antonio Baptista Netto	1*	LS	C
24/11	Belarmino	13º BC	Mus	Dionísio Custódio da Silva	1*	LS	C
24/11	Belarmino	13º BC	2ºTen	Olympio Ribeiro	1*	LS	C
24/11	Belarmino	13º BC	2ºSgt	Estefano Biancheski	1		C
24/11	Belarmino	13º BC	Sd	Virgilio Manoel da Rosa	1*		C
24/11	Belarmino	13º BC	Sd	Sezefredo Pauleto	1*		
24/11	Belarmino	13º RI	2ºTen	João André de Melo	1	LS	C
24/11	Belarmino	14º BC	Cb	Diogo Jeremias Vieira		LS	
24/11	Belarmino	BP GR	3ºSgt	Felix Alves Conceição	1	LS	C
24/11	Belarmino	4º RCD	Sd	Carmelino Rodrigues Paiva	2		
24/11	Catanduvás	13º RI	Sd	Paulo Farias	3		R
24/11	Catanduvás	13º RI	Sd	Paulo Augusto Buhner	3		R
07/12		13º RI	Sd	João Rodrigues da Costa	1	LS	C
08/12	Belarmino	13º BC	Sd	João Jega	1	LS	C
10/12	Belarmino	13º BC	Sd	Pedro Fritzen	4	LS	C
14/12	Catanduvás	2º BFPPR	1ºSgt	Antonio Rosa			
14/12	Catanduvás	2º BFPPR	Sd	Joaquim Felinto			
14/12	Catanduvás	2º BFPPR	Sd	João Barbosa da Rocha			
14/12	Catanduvás	BP GR	Sd	Alcebíades Alexandre Rosário			
16/12		13º BC	2ºTen	Estefano Biancheski	1		C
24/12	Catanduvás	7º RI	3ºSgt	Olmiro Xavier			
24/12	Belarmino	7º RI	Cb	Aldomiro Xavier	1		C

### 1925

02/01	Guaira	1º BFPPR	Cb	Vicente Américo de Moraes			R
08/01	P. Alegre	1º GAMth	Sd	Sebastião Teixeira da Silva	5		D
11/01	Catanduvás	1º BFPPR	2ºTen	Joaquim I. Taborda Ribas	3		R
11/01	Catanduvás	1º BFPPR	Cb	Alfredo Schmidt	3		R

<b>Data</b>	<b>Cidade</b>	<b>OM</b>	<b>P/G</b>	<b>Nome</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
11/01	Catanduvás	1º BFPPR	Sd	Olympio Nunes Nascimento	3		R
12/01	Catanduvás	13º BC	2ºSgt	Fernando Frederico Schultz	3		R
12/01	Catanduvás	7º RI	Sd	Christiano Alves da Rosa	2		C
13/01	Catanduvás	1º BFPPR		Nicácio Gomes Ferreira	5		C
14/01	Catanduvás	1º BFPPR	Cb	Alcides Rodrigues da Silva			
14/01	Catanduvás	1º BFPPR	Sd	José Alves Pequeno			
14/01	Catanduvás	1º BFPPR	Sgt	João Neves			
13/01	Catanduvás	1º BFPPR	Sd	Júlio Vicente dos Santos			
14/01	Catanduvás	1º BFPPR	Sd	Antonio Valentim da Silva			
14/01	Catanduvás	2º BFPSP	Sd	João Domingos da Silva			
16/01	Centenário	9º BC	Sd	Luciano Telles	6		C
17/01	Catanduvás	BP GR	Cb	Francisco Martins Machado	2		
20/01	Centenário	9º BC	Cb	José Maria de Pinho	6		C
20/01	Centenário	9º BC	Sd	Cesário Antonio Scaglione	6		C
21/01	Formigas	13º RI	1ºSgt	Milton Figueiredo Martins	7		LS
21/01	Formigas	2º BFPSC	Sd	Pedro Balles			
21/01	Formigas	2º BFPSP	Praça	Joaquim Miguel	7		LS
21/01	Formigas	2º GA Cavalo	Cb	Cesário de Lima França	7		LS
21/01	Formigas	3ª Cia Adm	2ºSgt	Leonel Brígido Vieira	7		LS
21/01	Formigas	3ª Cia Adm	2ºSgt	José Norberto da Costa	7		LS
21/01	Formigas	3ª Cia Art	3ºSgt	Feliciano Alves Ferreira	7		LS
21/01	Formigas	4º RCD	Sd	Agenor da Silva Ribeiro			LS
21/01	Formigas	4º RCD	Sd	Pedro N. de Assis Vasconcellos	7		LS
21/01	Formigas	4º RCD	Sd	Benedito Rodrigues Teixeira	7		LS
21/01	Formigas	Cia Mtr/8º	1ºTen	Clementino Olegário Vieira	7		LS C
21/01	Formigas	BP Clevelân					
21/01	Formigas	Saúde	Cap	Antônio Baptista Leite	7		LS C
22/01	C. Paraguaia	Saúde	1ºSgt	Achylles Villar	7		LS
22/01	C. Paraguaia	2º BFPSC	Sd	Antônio Correia Lima			R
22/01	Centenário	9º BC	Cb	Claudio Francisco Bandeira	5		LS
23/01	C. Paraguaia	1º BFPPR	3ºSgt	Francisco da Costa e Souza			R
23/01	C. Paraguaia	2º BFPSC	Sd	Modesto			R
23/01	C. Paraguaia	2º BFPSC	Sd	Veloso			R
24/01	Belarmino	2º BFPSP	1ºTen	Joaquim Theotonio Cavalcante	1		LS D
24/01	Catanduvás	7º RI	Cb	João Francisco Garcia	2		C
24/01		Cia Mtr/8º	Sd	Avelino Pereira dos Santos	5		D

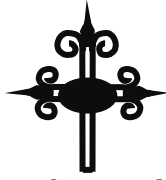
<b>Data</b>	<b>Cidade</b>	<b>OM</b>	<b>P/G</b>	<b>Nome</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
25/01	Belarmino	14º BC	3ºSgt	Diego Jeremias Ferreira	4		C
25/01	P. Alegre	10º BC	Cap	Leônidas Marques dos Santos	5		
28/01	Formigas	1º Btl Eng	Sgt	Aloysio Gonçalves Lopes	4	LS	C
31/01	Adelaide	7º RI	Sd	Dorival João da Roza	2	LS	D
01/02		5º RAM	Sd	João Joaquim dos Santos	4	LS	D
06/02		7º RI	Sd	Francisco Ávila Cardoso	4	LS	D
26/02	Sítio	1º BFPPR	Cb	Raimundo Cardoso dos Santos			C
27/02	Adelaide	13º RI	Sd	Miguel Zacotenski	2	LS	C
04/03	C. Mallet	14º BC	2ºSgt	Manoel Vieira da Silva	4	LS	D
07/03	Adelaide	13º RI	2ºTen	Manoel Domingos de Freitas	2	LS	C
07/03		7º RI	Sd	Lydio Gonçalves Medeiros	5		D
09/03	Roncador	7ºRI	Cap	João Pio Pereira	2	LS	D
10/03	Adelaide	13º RI	Cb	Osvaldo dos Santos	2	LS	C
15/03	Adelaide	2º BFPSP	Sd	Paulo Francisco Vicente	2	LS	C
23/03		7º RI	Sd	Willy Piralski	1	LS	
24/03		2º BFPSP	Sd	Laudelino de Souza Bueno	2		D
25/03	C. Mallet	1º BI	Sd	Leopoldo Bispo de Campos	4	LS	D
25/03		BP GR	Sd	João Claudino Mello	4	LS	D
26/03	C. Mallet	7º RI	Sd	Victorio Pivetto	4	LS	D
27/03	Catanduvas	13º RI	2ºTen	Manoel Vicente de Oliveira	3	LS	C
27/03	Catanduvas	13º RI	Cb	Honório Ramos	3		C
27/03	C. Mallet	9º BC	Cb	Caramuru Pereira de Souza	4	LS	D
30/03	Faz Floresta	1º Btl Eng	Sd	Eugênio Bittencourt	8		C
30/03	Faz Floresta	1º Btl Eng	Sd	Eduardo Mendes Magalhães	9		C
01/04		9º RAM	Sd	João Fonseca	4	LS	D
06/04		2º BFPBA	Cb	Arlindo Braga de Amorim	2		D
13/04	Formigas	11º RI	3ºSgt	Benedicto Abilio do Sacramento	7	LS	
24/04		10º BC	Cb	Emydio Passos	7	LS	D
25/04		14º BC	Sd	Raul Antonio de Mello	4	LS	D
26/04	Formigas	2º BC	3ºSgt	Antonio Lourenço do Amaral	7	LS	D
06/05	Formigas	10º BC	Sd	José Evangelista Pereira	7	LS	D
14/05		7º RI	Sd	João Marcos da Silva	4	LS	
16/05	Cascavel	11º RI	Mus	Jovelino Ferreira dos Santos	10	LS	D
16/05	Cascavel	6ºCAuxBMRS	Cb	Felipe Meira de Barcellos	10		D
22/05	Pensamento	1º BFPPR	Sd	Abílio Cândido de Azevedo			C
23/05	Cascavel	6ºCAuxBMRS	Cb	João Luges Ky	10		D

<b>Data</b>	<b>Cidade</b>	<b>OM</b>	<b>P/G</b>	<b>Nome</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>
24/05	C. Mallet	7º RI	Sd	Oscar Martins Xavier	4	LS	D
27/05	C. Mallet	1º GAM	3ºSgt	Severiano Gomes de Barros	4	LS	D
01/06		13º RI	Sd	Geraldo Rocha	3		
01/06		13º RI	Sd	Alderico Duarte	3		
06	Guaíra	1ºBFPPR	Sd	José de Oliveira Dias			
08/07	Curitiba	13º RI	Cb	João Francisco da Silva	3		
01/09	F. do Iguacu	13º RI	3º Sgt	José Fischer	3		
?	Adelaide	7º RI	Sd	Argemiro Bernardo Nunes	2	LS	D
?		2º BFPSP		Paulo Inocência de Freitas	2		
?		7º RI	Sd	Floresmundio Rosa Leite	5		D

A lista relaciona 113 nomes, mas o número oficial de mortos, feridos e desaparecidos é o que consta no quadro a seguir:

<b>Perdas das FO durante a campanha</b>		
Mortos	Oficiais	15
	Praças	164
	Total	179
Feridos	Oficiais	12
	Praças	289
	Total	301
Desaparecidos	Oficiais	4
	Praças	56
	Total	60

Foram utilizados diversos cemitérios locais e alguns outros foram construídos para dar um fim nobre aos combatentes que padeceram no campo de batalha. Em comum, em todos os cemitérios foi a cruz cravada em cada sepultura que identificava os militares.



*Cruz das sepulturas*

Muitos já foram trasladados, como o tenente Alípio Dias, que acabou por ser enterrado no Rio de Janeiro, por sua família.

Algumas organizações militares participantes do conflito construíram mausoléus, como o 13º RI (atual 13º BIB), que o fez no cemitério municipal de Ponta Grossa, em 1942, e o 13º BC (atual 62º BI), no cemitério municipal de Joinville.

Entre as baixas registradas está a do capitão legalista Clementino Olegário Vieira, da Cia Mtr/ 8º RI, morto no dia 21 de fevereiro de 1925, no ataque de Cabanas a Formigas. Na imagem, está uma fração da sua Companhia de metralhadoras *Hotchkiss*, em Catanduvas.



*Fração do capitão Clementino Olegário Vieira*

## O MEMORIAL DE CATANDUVAS

Inaugurado no dia 25 de julho de 2013, o Memorial de Catanduvás tem como finalidade resgatar, proteger e divulgar a história da Revolta de 1924 em solo paranaense.

No museu, é possível ver objetos, imagens e outros suportes de memória dentro de uma linha do tempo que começa a se delinear a partir da República Velha até a promulgação da Constituição de 1988.



*Memorial de Catanduvás*

## FIM DOS CONFLITOS NO PARANÁ

O general Rondon comunica ao ministro da guerra e ao presidente do estado do Paraná Caetano Munhoz da Rocha, em 4 de maio, “ter voltado o regime de ordem na região do alto Paraná”. Também manda publicar no Boletim das FO a ordem do dia intitulada “a Vitória da Lei: está terminada a luta com a derrota completa dos rebeldes”.

As Forças em Operações nos Estados do Paraná e Santa Catarina são extintas a 12 de junho.

Assim, começam as medidas administrativas de desmobilização. Algumas unidades retraem pelo rio Paraná e outras, fazem uma longa marcha até alcançar a estação ferroviária de Irati que pertencia a linha São Paulo – Rio Grande ou diretamente para seus aquartelamentos.

Cada unidade recebe calorosa recepção na chegada as suas cidades de origem. O 2º BFPSC, por exemplo, chega em Florianópolis no paquete Ana em 13 de junho de 1925:

desembarca no trapiche Rita Maria, sob intensa vibração acolhedora por parte das autoridades, povo oficialidade da Força Pública, representantes das Forças Armadas e da Banda de Música da Corporação que executava músicas patriotas.

Já o grosso da tropa da Força Pública paranaense só chega em Curitiba em 8 de novembro. Quando o batalhão chega na capital, o general João Nepomuceno da Costa, Cmt 5ª RM assim se expressa na cerimônia cívico-militar:

os agradecimentos pela proveitosa cooperação do Governo do Estado, que muito contribuiu para a



manutenção da paz e da ordem de que tanto precisava o País.

Rondon e seu Estado-Maior chegam no Rio de Janeiro, por via férrea, em 20 de junho, e a maioria dos militares volta a servir no mesmo órgão de direção setorial.

No alto Paraná, permaneceram tropas desdobradas até o final do mês de out. 1925 com a missão de guardar os portos do rio Paraná e fazer policiamento da Z Op:

- a) **Ao norte do rio Iguaçu:** Cmt João Batista Pires Almada (QG em Catanduvas).
  - II Btl/ 13º RI- Foz do Iguaçu:
  - 2º BFPPR – Porto Mendes
  - 2º BFPSP – Guaíra:
  - 5º RCD – Fazenda Augusto Lemes
  - 10º BC – Guarapuava:
- b) **Ao sul do rio Iguaçu:** Cmt 29º BC
  - 29º BC
  - 2º Esq/ 6º RCI – Palmas
  - BP Mal Bormann – Barracão

Em nov. 1925 é criado um Destacamento de Fronteira, com sede em Guaíra, e designado comandante o 2º Ten Abílio Gomes Chacon, do 13º RI. Reforça esse contingente, até fev. 1926, 1 Pel/ FPPR a comando do 2º Ten Laurindo Olegário Dias.

Com o término da missão, o II Btl/13º RI faz uma marcha a pé de 600 km, de Foz do Iguaçu até Ponta Grossa, aonde chega no dia 20 nov. 1925.

O comandante do 13º RI coronel Martim Francisco Cruz saúda os combatentes e assim destaca:

“Assim, pois, conquistastes a gratidão da pátria e os vossos feitos hão de figurar na história de nossas lutas

como dignos de merecer os aplausos de nossos compatriotas.

Viva o Brasil, a República, o Exército e o II Batalhão do 13º Regimento de Infantaria. “

O feito épico é destacado na obra do artista plástico Saulo Pfeiffer, intitulado “a Grande Marcha”, que ornamenta o acervo do museu do 13º RI.



*“A Grande Marcha”  
Autor Saulo Pfeiffer*

Após as seguidas nomeações para integrar as FO, verifica-se que Rondon compôs sua assessoria operacional com base no Estado-Maior do Exército do Ministério da Guerra. O anuário Almanak de 1925 mostra a organização de 1924. No mesmo documento foram destacadas às seções a que foram designados os componentes das FO:

# Anuário Almanak/ 1925

## Estado-Maior do Exército

Cmt Dst

Adj E3

E2

**Gabinete:**  
 Chefe: Vago.

**1.ª Secção:**  
 1.ª sub-chefia:  
 1.º sub-chefe: Octavio Azeredo Coutinho, gen. de brig.  
 Ajud. de ordens: Liberato da Cruz Barroso, 1.º ten.

**2.ª Secção:**  
 Chefe: Constancio D. Cavalcanti, cor.  
 Ajudante: Euvico Gaspar Dutra, cap.

1.ª Sub-secção:  
 Chefe: Armando Dirval Sergio Ferreira, ten. cor.  
 Adj.: Delfino Moreira Lima, maj.

2.ª Sub-secção:  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 José Moreira de Vassouras, maj.  
 Ernani Augusto Corrêa, cap.

**3.ª Secção:**  
 Chefe: Augusto L. Teixeira de Freitas, cor.

1.ª Sub-secção:  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 Joaquim de Souza Reis Netto, maj.  
 Eugenio Nicolle de Almeida, cap.

2.ª Sub-secção:  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 Alvaro Joaquim do Amarante, maj.  
 Christovão Ferreira da Silva, cap.

2.ª Sub-chefia:  
 2.º sub-chefe: Nestor Sezefero dos Passos, gen. de brig.  
 Ajud. de ordens: Eduardo Gonçalves Maia, 2.º ten.

**1.ª Secção:**  
 Chefe: Waldomiro Castilho de Lima, cor.

**1.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Benedicto Olympio da Silveira, ten. cor.

Adjuntos:  
 José Joaquim de Andrade, cap.  
 Alcides de Mendonça Lima, cap.

**2.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 Collatino Marques, cap.  
 Ambrélio de Moraes Pires, cap.

**3.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Vago.  
 Adjunto: Carlos Cermack Possolo, cap.

**4.ª Secção:**  
 Chefe: Vago.

**1.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 Julio Caetano Herda Barbosa, maj.  
 Glycerino Fernandes Lopes, cap.

**2.ª Sub-secção:**  
 Chefe: José Gay, ten. cor.  
 Adjunto: Bernardo Fragozo, cap.

**5.ª Secção:**  
 Chefe: Joaquim Marques da Silva, cor.

**1.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Vago.

Adjuntos:  
 Mario Barreto, maj.  
 Alvaro Jansen Silva Lima Jardimna, cap.

**2.ª Sub-secção:**  
 Chefe: Canguolent de Lima Costa, ten. cor.  
 Adjunto: Lucio Corrêa de Castro, cap.

**Secção de Aeronautica:**  
 Chefe: Fernando Miguel Pacheco Chaves, cap.

Cmt Dst

Ch EM

Ch EM

E1

Ch Sv Auto

E4

Adj E2

## **A REVOLTA DE 1924 NO PARÁ**

A revolta no Estado do Pará foi um reflexo do pivô amazonense, iniciada por jovens tenentes que serviam no 27º BC de Manaus em 23 de julho de 1924.

A revolta em Belém teve causas e efeitos próprios.

## O INÍCIO DA REVOLTA NA AMAZÔNIA

Na capital amazonense serviam militares com espírito revolucionário e entre eles estavam os 1º tenentes do Exército Joaquim de Magalhães Cardoso Barata e Sebastião Mendes de Hollanda e na Flotilha Amazonas o 1º tenente da armada José Backer Azamor.

Magalhães Barata, no Natal de 1923, havia recebido a missão de dirigir-se ao Paraná e prender o ministro da guerra Fernando Setembrino de Carvalho, no dia 28 de dezembro. O ato seria o sinal convencionado para desencadear levantes no Paraná e no Rio de Janeiro. Entretanto, o plano foi denunciado e Magalhães Barata preso no deslocamento, sendo transferido para o 27º BC.

Sebastião Mendes de Hollanda também estava no rol dos acusados do levante do Forte de 1922. Foi processado pela Justiça Militar e transferido para o 27º BC.

Azamor havia sido preso em 28 abr. 1922, sob a acusação de ter participado de um atentado contra o presidente Epitácio Pessôa, que naquele dia regressava de Petrópolis. Foi processado pela Justiça Militar e poucos meses depois foi absolvido e transferido para Manaus.

No início da noite de 23 de julho, os oficiais do 27º BC <sup>91</sup> reuniram-se no quartel, com seu comandante interino, o capitão do Exército José Carlos Dubois<sup>92</sup>, que ordena que se prendessem todos os oficiais, sargentos e praças da Polícia Militar do Estado que se encontrassem

---

<sup>91</sup> Incluso o 2º tenente farmacêutico Antônio Mendes da Silva.

<sup>92</sup> Entusiasmado participante da campanha presidencial de Nilo Peçanha.

pelas ruas e que o 1º tenente Magalhães Barata e 2º tenente intendente Euclides Joaquim Lins prendessem tanto o comandante da Flotilha do Amazonas<sup>93</sup> quanto o Capitão dos Portos, missões essas que foram cumpridas sem qualquer dificuldade.

Logo depois, o 27º BC toma os quartéis da Polícia Militar, sem encontrar resistências significativas e conquista o Palácio Rio Negro, sede do governo, obrigando o Dr. Turiano Chaves Meira, presidente da Assembleia, em exercício de funções do governo, a fugir.

No dia seguinte, os revoltosos dominaram completamente a cidade e comunicaram à população, por meio de um aviso, que havia perfeito entendimento entre as tropas do Exército e da Marinha ali sediados. O documento foi firmado pelo capitão José Carlos Dubois e pelo tenente da Armada José de Lemos Cunha, que havia assumido o comando da marinha no Amazonas.

A conquista de Manaus recebe o apoio da população. O 1º tenente do Exército Alfredo Augusto Ribeiro Júnior foi investido como chefe de uma junta governativa.

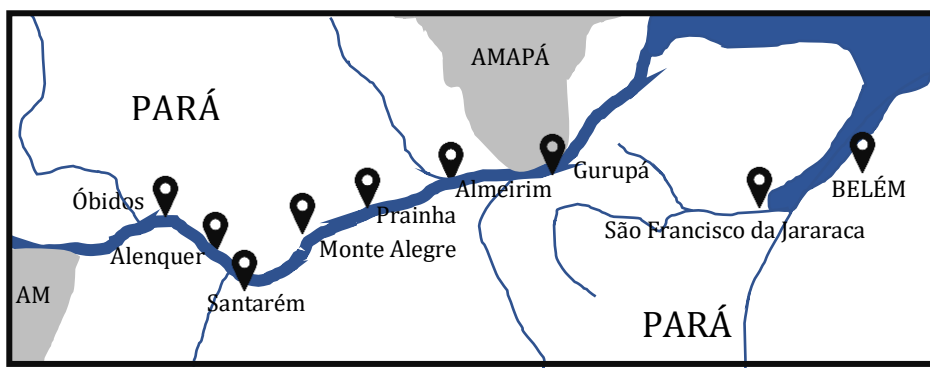
As forças desse novo governo foram avançando em direção ao Pará e ocupando as populações ribeirinhas.

---

<sup>93</sup> Composta por quatro pequenos navios: o aviso **Ajuricaba**, comandado pelo capitão de corveta Leopoldo Gomensoro; o aviso **Teffé**, comandado pelo 1º tenente Aurélio Linhares, e a canhoneira **Missões**, sob o comando do 1º tenente José de Lemos Cunha. A canhoneira **Amapá** era o quarto navio da Flotilha.

## AS CONQUISTAS REBELDES DO AMAZONAS AO PARÁ

Os revolucionários pretendiam bloquear o acesso a Manaus e incitar a Belém. O primeiro e melhor ponto a ser conquistado seria Óbidos e, a seguir, o plano previa avançar pelo Pará e ocupar as cidades de Alenquer, Santarém, Monte Alegre, Prainha e Almeirim.



Para isso, apoderaram-se do navio da Companhia Lloyd Brasileiro Bahia e nele fizeram embarcar cerca de 700 homens, quatro canhões pesados, metralhadoras e a munição que dispunham. Esse navio transformado em transporte de guerra, apoiados pela canhoneira Missões e pelos navios-aviso Ajuricaba<sup>94</sup> e Teffé, da Flotilha do Amazonas, dirigiu-se para Óbidos.

Em Óbidos, ocuparam a cidade e a fortaleza do 4º Grupo de Artilharia de Costa (4º GACos<sup>95</sup>), sem resistência,

---

<sup>94</sup> O 1º tenente da Armada José Backer Azamor assumiu o comando do aviso Ajuricaba.

<sup>95</sup> A abreviatura da OM, na época, era 4º GAC.

ao amanhecer do dia 26 de julho de 1924, dia de Nossa Senhora de Santana, padroeira da cidade. O comandante da fortaleza de Óbidos, capitão Oscar Bastos Nunes, entregou a praça e acabou por aderir ao movimento sedicioso. O administrador municipal intendente Dr. Corrêa Pinto foi feito prisioneiro. A invasão causou grande apreensão nos moradores e o esvaziamento da cidade.

Seguiram então para Santarém, onde prenderam o intendente Dr. Manoel Waldomiro Rodrigues dos Santos e apoderaram-se da estação telegráfica. O intendente foi levado a bordo do Ajuricaba e solto em São Francisco de Jararaca, de onde partiu para Muaná e depois para Belém.

Em São Francisco de Jararaca, o navio Bahia abasteceu-se de lenha e se preparava para ir para Belém, junto com a canhoneira Missões e o aviso Ajuricaba. No entanto, os oficiais leram nos jornais da capital paraense notícias da vitória das tropas legais contra os revoltosos do 26º BC. Ante esse fato, resolveram voltar para Óbidos, com a maioria do efetivo, mas dois navios armados seguem até Belém.

Em todo esse avanço para o leste, desde Manaus, aprisionaram as embarcações Jary<sup>96</sup>, União, Andirá, Simão e Bittar e inutilizaram os telégrafos. Os habitantes locais, apavorados, refugiavam-se no interior da selva. Não atacaram nem Alenquer e nem Monte Alegre, pois não visualizaram qualquer vantagem tática naquelas cidades.

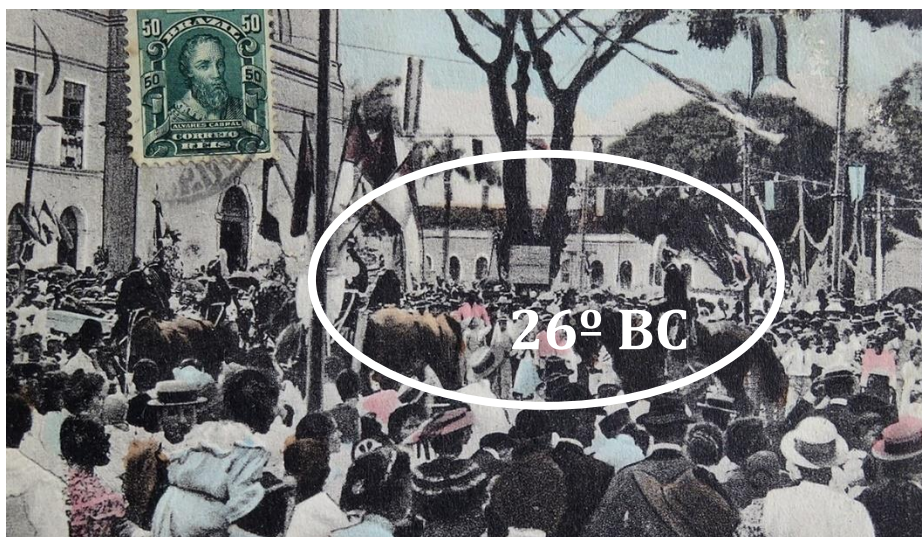
---

<sup>96</sup> Confiscada em Gurupá, no dia 5 de agosto.



## O COMBATE URBANO EM BELÉM

Na noite de 26 de julho de 1924, um sábado, o 26º BC estava aquartelado. A organização militar localizava-se em frente da praça Justo Chermont, ao lado da basílica de Nossa Senhora de Nazaré<sup>97</sup>. Um contingente de 50 homens do batalhão deveria seguir para Óbidos, conforme ordens recebidas a 24 de julho do comandante da 8ª Região Militar (RM) de Belém e emitidas pelo ministro da guerra.



*Círio de Nazaré (década de 1920) - população na praça Justo Chermont com visão parcial da Basílica de Nazaré e do 26º BC*

A 3ª Cia/ 26º BC se dirige para o cais, próximo ao Forte do Castelo, às 19h, a comando do 1º tenente João da Costa Palmeira, para embarcar no paquete Rodrigues Alves. A embarcação havia sido requisitada da Companhia

---

<sup>97</sup> Foi alçada a condição de basílica em 1923.

de Navegação Lloyd Brasileiro para tal transporte e já estava armada.

A 2ª Cia/ 26º BC ainda estava no quartel. O cabo Sapucaia havia saído do quartel após a revista do recolher e ido ao botequim do Sr. Maxiamo Lopes, na praça Justo Chermont. Bêbado, fez apologia a revolta de São Paulo. Ele foi preso e a tropa passou a não acatar as ordens superiores e a recusar a sair do batalhão para embarcar. A situação sai de controle e o 1º tenente Josué Justiniano Freire tenta manter a disciplina.

A guarnição não consegue informar aos superiores, pois o telefone da unidade estava inutilizado. O 1º sargento Delcídio Palmeira sai de automóvel do quartel e dirige-se a sede da empresa telefônica, a fim de tratar do reparo do aparelho. Em apuração sumária foi constatado que o último a utilizar o aparelho teria sido o capitão Augusto Assis de Vasconcellos, a conversar com o comandante da 8ª RM.

Nesse interim, o sargento Nobre e o cabo Góis incitam as praças.

O comandante do 26, major João Manoel de Souza Castro, é preso pelos rebeldes e levado para sua residência, próximo ao quartel, onde permanece até o fim dos acontecimentos. Nesse mesmo ano é enviado para a frente de Catanduvás para comandar o 10º BC e é promovido a coronel.

O capitão Augusto Assis de Vasconcelos<sup>98</sup> assume a direção da rebelião.

Começam a sair grupos armados do 26<sup>o</sup> BC que estabelecem sentinelas, levantam barricadas e trincheiras na praça Justo Chermont e posicionam uma metralhadora no eixo da avenida Nazaré. Prendem os guardas civis e policiais que passavam ao seu alcance.

Os disparos começam a ser ouvidos em várias direções, causando um alarme natural na cidade. Os rebelados atacam a sede do Tiro de Guerra 564, na avenida Nazaré, e confiscam as munições.

As famílias que aguardavam a saída do segundo contingente para embarque no cais, se dispersaram.

O tenente Josué Justiniano Freire, na confusão, consegue sair do 26 e vai ao comandante da região para participar os últimos acontecimentos, que determina então que o grupo que estava no cais, vá para o QG. No deslocamento, o grupo é interceptado e, com exceção do tenente João da Costa Palmeira, aderem ao movimento.

O Cmt 8<sup>a</sup> RM vai ao Palácio de Governo com 11 oficiais e 19 praças, onde o governador Antônio Emiliano Souza Castro reunira os secretários do Estado, comandante e oficiais da polícia e dos bombeiros, para organizar a defesa da legalidade.

---

<sup>98</sup> Chefe interino do serviço de engenharia e comunicações, vinculado à 8<sup>a</sup> RM.



*Fotografia do capitão de engenharia  
Augusto Assis de Vasconcelos,  
tirada em julho de 1924, no QG 8ª RM, em Belém*

O comandante dos bombeiros, major Heráclito César Gurjão, recebe a missão de guarnecer o QG. Para lá se dirige, pronto para o combate. O corneteiro-mor dos bombeiros correu na frente e de arma em punho determinou aos presentes “mãos ao alto”, o que foi obedecido. Assim, o 1º Ten Josué Justiniano Freire<sup>99</sup> passa a organizar a defesa do quartel reforçada com 16 bombeiros<sup>100</sup>.

Os seguintes meios da Força Policial do Pará, a comando do major do Exército Raymundo Furtado de Vasconcelos Leão, estavam disponíveis: dois Batalhões de Infantaria (500 homens com quatro companhias e um pelotão extranumerário); o Regimento de Cavalaria (200 homens - com três esquadrões e um pelotão extranumerário) e um grupo misto formado por uma companhia de metralhadoras e uma de administração.

Do Exército, ainda havia remanescente uma Companhia de Administração do QG, com 5 oficiais e 60 praças.

Da Guarda Civil eram 54 homens.

A canhoneira Amapá ficaria de prontidão para evitar que navios rebelados aportassem em Belém.

---

<sup>99</sup> Josué era paraense. Havia sido comandante do Corpo de Bombeiros, em 1917, comissionado como major. Na revolução de 1930, formou a resistência do 12º RI, em Belo Horizonte.

<sup>100</sup> Existe uma versão que Companhia de Administração abandonou o QG e outra, que teria colaborado com cerca de 5 oficiais e 60 praças, reforçados com quatro metralhadoras Nordenfelt.

Assim ficou a composição de meios para o enfrentamento inicial aos rebelados:

Força do eixo Norte  
(força de bloqueio)  
**Cia Fzo** (Cap Tacyel  
Cylleno)

Armada  
- canhoneira Amapá/  
Flotilha do Amazonas

Guarda do QG

Força do Eixo Sul  
(ataque principal)  
**Cia Fzo** (Cap Antônio José do  
Nascimento)  
(com 60 homens)  
- 1 Pel Fzo (2ª Ten Antônio de  
Oliveira Machado)  
- 1 Pel Fzo (Ten Hernani de  
Oliveira Gomes)  
- 1 Sec Mtr com 2 armas (Ten  
José Albino Menezes e 2º Ten  
Manoel Pinto Bomfim)  
- 1 Pel cavalaria ligeira  
- 1 Sec artilharia

Às 11h da noite, a polícia já defendia o Palácio de Governo. A Força Legal recolheu ao palácio a munição que já estava embarcada no cais, assim como o armamento disponível no QG. A madrugada foi tensa.

Na manhã de 27, o 2º tenente da Força Pública Henrique Ferreira da Silva faz uma patrulha de reconhecimento a cavalo com 34 cavaleiros. Na esquina da rua Rui Barbosa com a avenida São Jerônimo, foi recebido à bala pelos revoltosos que ocupavam metade da avenida Nazaré. O tenente Henrique é atingido mortalmente. O piquete de cavalaria retrai.

Na tarde de 27 de julho, um domingo, pelas 14h, tanto os revolucionários do 26º BC quanto a Força Pública já tinham planos de ação e passaram a pô-los em execução.

Os revoltosos a comando do capitão Augusto Assis de Vasconcelos, secundado pelo 2º tenente contabilista Eremita da Silva e mais 350 civis<sup>101</sup> armados com fuzis Mauser iniciaram a marcha desde o quartel até praça da República, pela avenida Nazaré. Entre os civis estavam eletricitários, motorneiros, estivadores, desordeiros e muitos elementos estrangeiros. O objetivo era tomar o Quartel General, na praça Saldanha Marinho<sup>102</sup>.

Ao chegarem na travessa Rui Barbosa, dividiram-se em três frentes: uma seguiu pela própria estrada de Nazaré; outra, pela avenida São Jeronimo<sup>103</sup>; e a terceira, pela avenida Conselheiro Furtado. No itinerário da São Jerônimo, Assis de Vasconcelos vinha à frente, ladeado por duas praças e um corneteiro, que volta e meia dava o toque de avançar.

Ao alcançar o cruzamento da travessa do Dr. Moraes, a tropa rebelde era quase atingida por fios de alta tensão, que, ao romper-se, provocaram sua momentânea desorganização.

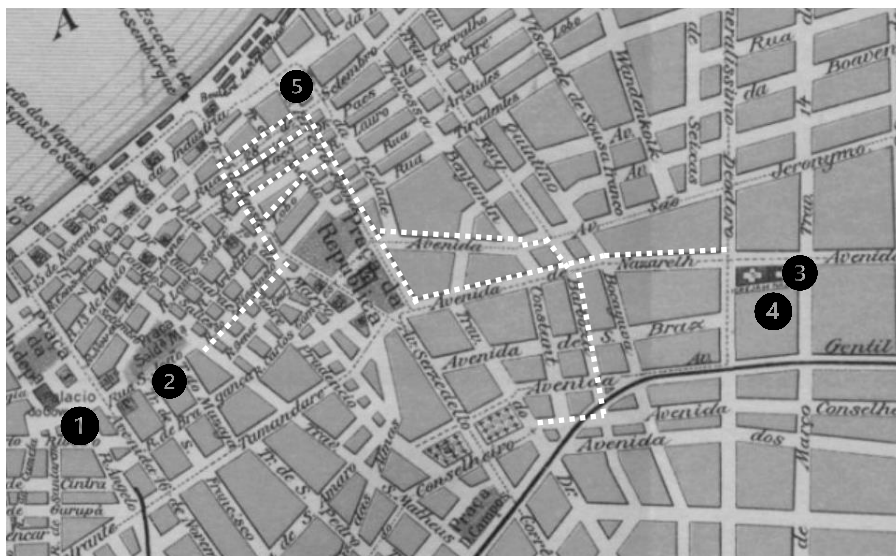
Prosseguindo em sua jornada, os amotinados, depois de passarem em frente a Garagem Central, atingiram a Praça da República, onde foram recebidos por nutrido fogo de fuzis e rajadas de metralhadora, provocando o desbaratamento deles.

---

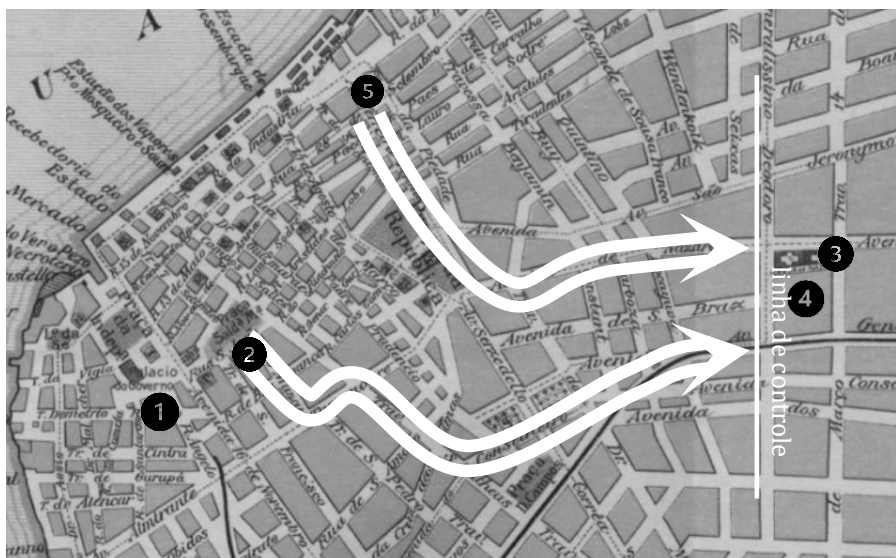
<sup>101</sup> Consta que houve intensa participação dos trabalhadores da empresa Pará Eletric. A imprensa deu destaque para a prisão de um único civil: o pedreiro Antônio Ferreira de Moraes.

<sup>102</sup> Atual praça da Bandeira.

<sup>103</sup> Atual avenida Governador José Malcher.



*Plano de movimento dos rebeldes*



*Plano de operações dos governistas*

*Legenda: ① Palácio de Governo ② QG; ③ Basílica de Nazaré;  
④ 26º BC; ⑤ Batalhão de Infantaria da Força Pública.*

*Mapa base: Theodoro Braga. Guia do Estado do Pará. 1916.*



Depois de organizados, o Capitão Assis de Vasconcellos determinou uma carga de baioneta, na esquina da rua São Jerônimo com a rua 29 de agosto. Houve um confronto com as forças da Brigada Militar e foi travado cerrado tiroteio. Morre um dos escudeiros de Assis de Vasconcellos. Entre os feridos estavam o comandante da coluna de norte o capitão Tacyel Cylleno e o líder revolucionário Assis de Vasconcelos, atingido na coxa direita. Os revolucionários prosseguem até rua Lauro Sodré<sup>104</sup>, onde padece mais um dos escudeiros de Assis de Vasconcelos e, ele próprio, é alvejado com outro tiro, dessa vez no peito.

O cabo Joaquim da Silva Pantoja e os músicos Benedicto Epifanio da Silva e Belarmino Ribeiro foram os escudeiros abatidos que avançaram ao lado do capitão engenheiro.

Assis de Vasconcelos foi evacuado para o Hospital da Ordem Terceira, onde morreu poucas horas depois<sup>105</sup>. Ele era paraense, solteiro, noivo no Rio de Janeiro da filha do general Vilasboas e estava com 28 anos. Com a morte do capitão, assume o comando dos revoltosos do 26º BC o tenente Juventino Alves Bezerra.

---

<sup>104</sup> Atual rua Ó de Almeida.

<sup>105</sup> Foi enterrado no cemitério Santa Isabel, em Belém do Pará.

As forças legais simulam uma retirada pela rua Ferreira Pena <sup>106</sup> , até a esquina com avenida da Indústria<sup>107</sup> , onde se localizava o Batalhão de Infantaria da Força Pública.



*Batalhão de Infantaria da Força Pública*

Os revoltosos se apoderarem da sede do Tiro de Guerra 14, situado na avenida Ferreira Pena, esquina rua Lauro Sodré e prosseguem no seu avanço.

O Batalhão de Infantaria da Força Pública fica cercado. No entanto, as forças legais fazem uma base de fogos, entrincheirados nos muros e telhados, e uma tropa que estava camuflada na serraria Batista Lopes, à rua 28 de Setembro, faz um contra-ataque.

Os rebeldes foram surpreendidos por fortes descargas de fuzilaria e ficam dispersos pelas ruas Aristides Lobo, Lauro Sodré, Paes de Carvalho<sup>108</sup> e 28 de setembro.

---

<sup>106</sup> Atual rua Assis de Vasconcelos.

<sup>107</sup> Atual rua Gaspar Viana.

<sup>108</sup> Atual rua Senador Manoel Barata.

Em seguida, se reuniram na avenida 15 de agosto<sup>109</sup> onde parte do efetivo abandonou a luta, ocultando-se em casas de familiares, mas 30 deles desceram pela rua Riachuelo para alcançar o QG da 8ª RM e o Palácio de Governo onde estava o governador Souza Castro.

Os rebeldes aprisionam, na rua de Bragança, duas patrulhas de reconhecimento dos legalistas, comandadas pelos Sargentos Nehemias Borges e Lauro Vianna.

Na área do QG, os legalistas estavam organizados em linha de defesa na praça Saldanha Marinho guarnecidas pela Companhia de Administração, reforçada por bombeiros e apoiada por quatro metralhadoras *Nordenfelt*.



*Metralhadora Nordenfelt*

A praça é palco de cerrado combate, sendo os três ataques ao QG repelidos heroicamente.

No Palácio de Governo, oito sentinelas da Força Pública conseguiram repelir os remanescentes rebeldes.

---

<sup>109</sup> Atual avenida Presidente Vargas.

Vendo infrutíferos os seus assédios, os revoltosos recuaram e fugiram em direção ao 26º BC.

Em outra parte da frente de combate, na avenida Conselheiro Furtado, quando a Força Pública alcança a travessa do Dr. Moraes, iniciam-se as escaramuças.

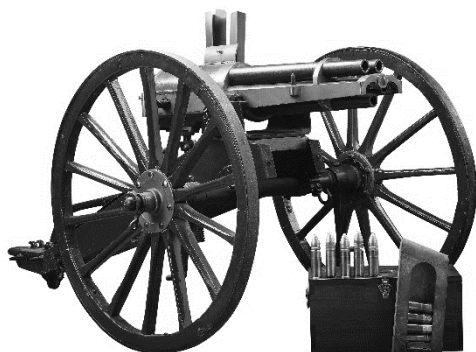
A Força do Eixo Sul fica detida e uma arma da seção de metralhadora deixa de funcionar, mas a Força recebe o reforço de um pelotão a comando do tenente José Martins do Nascimento e inicia-se o apoio de fogos de artilharia.

Com mais ímpeto, os revoltosos não conseguem conter essa coluna, que alcança a linha de controle de movimento na avenida Generalíssimo ao final da tarde, pelas 18 horas.

A escuridão da noite permitiu que as forças legais de norte também alcançassem a linha de controle na Generalíssimo. As forças consolidam a posição e se reorganizam. Os feridos são evacuados e a munição redistribuída.

O cabo Corumbá e mais dois soldados do 26º BC tomaram à força um barco de pesca e põem-se em fuga de Belém para Óbidos a fim de se juntarem aos rebelados. Lá chegando são reverenciados e promovidos.

Uma peça de canhão revólver *Hotchkiss* é posicionado para atingir a retaguarda do 26º BC. Cuidam dessa missão o capitão Artur Fernandes de Sá, o 2º tenente Manuel Campelo de Miranda e o 3º sargento Abílio Possidônio de Souza.



*Canhão revólver Hotchkiss*

Às 4h da manhã, no eixo da coluna de sul, o canhão revólver e a artilharia abrem fogo. São dispersados os entrincheirados nas avenidas de S. Braz <sup>110</sup> e Gentil Bitencourt, ficando apenas uma resistência nos fundos da unidade do 26º BC. Os revoltosos tentam uma investida nos atiradores do canhão. Pela frente do quartel, o capitão Synésio Carvalho também ataca. Todo cuidado é tomado para não se atingir a basílica de N. Sra. de Nazaré. Às 8:30h é realizada uma investida no quartel e logo em seguida cessa o fogo e se estabelece a ordem.

Quem primeiro adentra ao 26º BC é o marinheiro José Alexandre de Paula, que estava de licença, mas se apresentou voluntário. Entrando no quartel, o marinheiro

---

<sup>110</sup> Atual Braz de Aguiar.

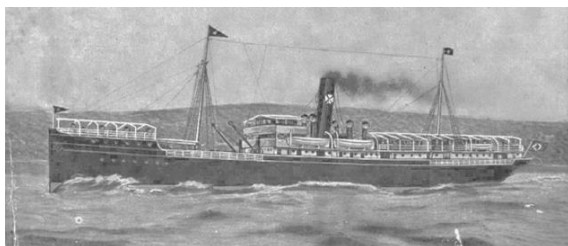
quebrou a tiro de pistola o cadeado do xadrez e libertou 30 legalistas.

Os primeiros militares revoltosos são presos e recolhidos ao quartel da Polícia. Uma parte dos que debandaram também são perseguidos e presos.

O governo estabelece censura para a imprensa, sendo também resolvido que ninguém poderia sair da capital sem salvo-conduto da polícia e decreta feriado para os próximos dias 28 e 29 de julho.

No dia 28, a polícia ainda está em busca de 30 revoltosos foragidos e mais dois fuzis-metralhadoras. À tarde, realizou-se o enterro dos soldados legalistas, com grande acompanhamento público. O deputado estadual Severino Silva, o primeiro príncipe dos poetas paraenses, faz um discurso emocionado e patriótico.

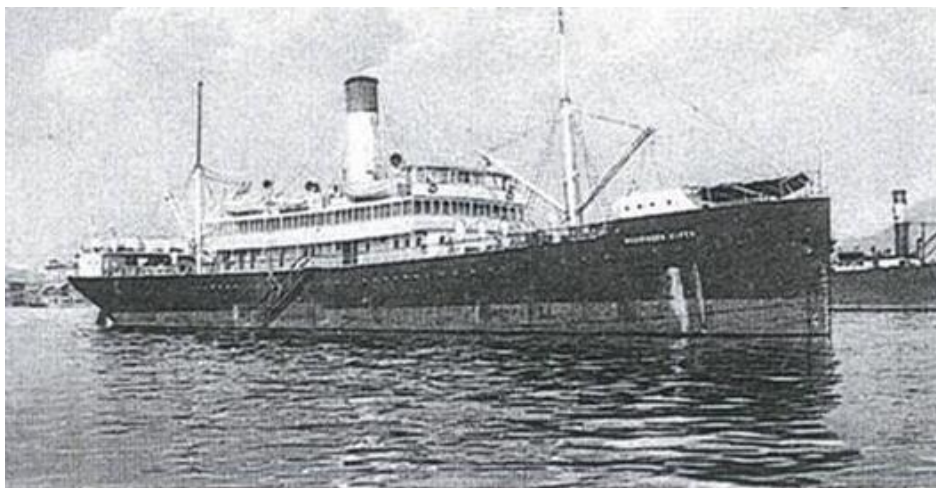
Já no dia 29 de julho é feita a abertura de inquérito policial-militar (IPM) em presença do Procurador da República. Em seguida, os revoltosos presos (2 oficiais, 200 revoltosos e muitos civis) são transferidos para os paquetes Itajubá e Rodrigues Alves, a funcionarem como presídio, sob a responsabilidade do Exército e fundeados na baía de Guajará.



*Paquete Itajubá*

O paquete Itajubá pertencia a Companhia Nacional de Navegação Costeira, famosa pela série de navios cujos nomes começavam com “Ita”. Esse navio, em particular, havia aportado em São Luís, no último dia 10 de julho, e estava na doca de Belém até ser requisitado pelo governo como presídio.

O paquete Rodrigues Alves seguia na rota Rio de Janeiro – São Luís - Santarém – Itacoatiara – Manaus. Dias antes, em 21 de julho, havia feito escala em São Luís e, no porto, a Companhia de Comédia Viriato, do Theatro Trianon, do Rio de Janeiro, fez uma divertida apresentação. Em Belém, fora requisitado para transporte de tropa até Manaus e agora servia de presídio.



*Paquete Rodrigues Alves*

Entre os presos está o cabo Hermógenes Alves Rodrigues, filho do professor Jacques de Lima Rodrigues e de dona Olinda Alves Rodrigues, solteiro, com 21 anos, nascido em São Caetano de Odivelas, que havia

incorporado como voluntário na primeira Companhia do 26<sup>o</sup> BC, há menos de dois anos.



*Cabo Hermógenes Alves Rodrigues*

A repressão da revolta foi violenta na qual os legalistas consumiram cerca de 18.000 cartuchos de fuzil *Mauser*.

Os jornais da capital paraense deram notícias da vitória das tropas legais contra os revoltosos do 26<sup>o</sup> BC, comandados pelo capitão Augusto Assis de Vasconcelos, que pretendiam depor o governador paraense Antônio Emiliano Souza Castro e, em seguida, enviar reforços à luta do general Isidoro Dias Lopes, em São Paulo, contra o presidente Arthur Bernardes.



O editorial do jornal da "Província do Pará", assim relata:

(...) dos acontecimentos paraenses que nos surpreenderam na noite de 26 [julho de 1924], enlutando as famílias, trazendo-nos amargurados durante cerca de 36 horas; (...) pela cerrada fuzilaria de parte a parte dos combatentes, todos irmãos, todos ligados à família paraense, uns jovens incendiados, vítimas de sua loucura, bravos, os outros servidores do Estado, os heroicos milicianos da gloriosa Brigada Militar do Estado (...) Tivemos também na figura imperturbável de Souza Castro, o digno governador do Pará, o exemplo emocionante da coragem cívica na sua mais legítima expressão. (...) O governo teve a felicidade de ver ao seu lado a opinião pública paraense (...)."

Nos dias 3 e 4 de agosto, navios rebelados se aproximam de Belém, dão um único tiro de alerta e comunicam pelo telégrafo ao governador do Pará da independência do estado do Amazonas. O governador Antônio Emiliano Souza Castro, lacônico, apenas informa que estavam a caminho da Amazônia forças de terra e mar oriundas do Rio de Janeiro.

No dia 14 de agosto de 1924, o cabo Hermógenes Alves Rodrigues recebe a visita de seus parentes na prisão, assim como os demais rebeldes. Durante a visita, os familiares recebem a recomendação de conduzirem trajés civis para os detentos, até o dia seguinte, pois todos os militares haviam sido excluídos do serviço ativo e iriam para um presídio na cidade.

## **A AÇÃO GOVERNISTA NA CALHA DO AMAZONAS**

Frente ao movimento de Manaus e de seu prolongamento pelo baixo Amazonas a reação do governo da União não se fez esperar. Em 27 de julho, é decretado Estado de Sítio para os estados do Pará e Amazonas e a 1º de agosto partem do Rio de Janeiro as Forças de Terra e Mar (Destacamento do Norte), com três batalhões de infantaria e uma tropa de cavalaria, perfazendo o total de 2.700 homens, a comando do general de brigada João de Deus Menna Barreto.

Participaram dessas Forças o major Leopoldo Jardim de Matos (Ch EM), o tenente-coronel Aurélio Frederico de Lima (Ch Pessoal); o capitão Eurico Gaspar Dutra (Ch Operações)<sup>111</sup>; tenente-coronel Joaquim Moreira Sampaio (Ch Serviço de Saúde); tenente-coronel Aurélio Frederico de Lima (Chefe da Caixa Militar). Como auxiliares atuaram os capitães Mário Coutinho, Alberto Magioli, Ângelo Autran Dourado e os segundos tenentes Waldemar Noronha Menna Barreto e Sérgio Mura de Castro. A tropa era composta pelo 1º BC (de Andaraí/ RJ), 2º BC (de Niterói/ RJ), 3º BC (de Vitória/ ES), Grupo de Artilharia Montada (GAM), além da 2ª Cia de metralhadoras pesadas.

No dia 7 de agosto, o coronel Raymundo Rodrigues Barboza, comandante da 8ª RM, com área de responsabilidade nos estados do Acre, Amazonas,

---

<sup>111</sup> Ao terminar essa tarefa, assumiu a chefia da seção de operações das FO (no Paraná), a partir de fev. 1925.

Maranhão, Pará e Piauí, recebe um telegrama do Presidente da República, informando, oficialmente, as medidas que haviam sido tomadas para sufocar a rebelião na região Norte.

No dia 9 de agosto, começa a chegar a Belém a força governista, sendo o primeiro a atracar o cruzador Barroso, comandado pelo capitão de fragata Adalberto Nunes.

No dia 11, às 7h da manhã chega do Rio de Janeiro o navio de transporte (paquete) Poconé, comandado pelo capitão Acácio Faria. No mesmo dia, completam a frota os contratorpedeiros Sergipe e Mato Grosso, a comando dos capitães de corveta Galdino Pimentel Duarte e Augusto Pacheco Alves de Araújo, respectivamente. Além disso, vinham dois hidroaviões MF da Marinha do Brasil.



*Contratorpedeiro Mato Grosso*

O 1º BC não desembarca do paquete Poconé durante sua estadia em Belém. O 2º BC, do coronel Francisco Severiano Ribeiro, e a 2ª Cia Mtr P, do capitão Antonio Bricio Guilhon, vão para o Regimento de Cavalaria da Força Pública e o 3º BC se dirige ao 26º BC.

Em Belém, o general Menna Barreto assume o comando da 8ª Região Militar.

Um dos primeiros atos foi excluir do serviço ativo os militares envolvidos no levante de 26, 27 e 28 de julho em Belém, após o inquérito concluir não convir a permanência deles nas fileiras do Exército e que ficariam sujeitos a processo civil.

Em 15 de agosto, à noite, cerca de 200 familiares e curiosos assistiram ao desembarque dos presos no largo de Santo Antônio, já em trajes civis. Foram escoltados por 65 guardas civis (a comando do tenente Waldemar Siqueira de Barros Arouk), por 40 praças do 26º BC (às ordens do sargento Augusto Gomes) e por mais 20 praças do próprio paquete Rodrigues Alves.

Em seguida, o general reorganizou a força-tarefa para subir o rio Amazonas em perseguição dos revoltosos em Santarém, Óbidos e Manaus, na qual incluiu o 26º BC na composição de meios do Destacamento do Norte.

Na falta de oficiais subalternos, foram comissionados como segundo-tenentes 49 sargentos que atuaram de forma relevante na repressão do movimento sedicioso de Belém.

Já no dia 16, com bandas acompanhando cada unidade nos deslocamentos dos quartéis até o porto, acontece o embarque e o governador Sousa Castro visita cada navio.

Pouco depois das 10h, parte a Flotilha com o cruzador Barroso; os contratorpedeiros Sergipe e Mato Grosso; o paquete Poconé; os navios auxiliares de transportes Belo Horizonte, Rio Mar, Sobralense e Cuiabá.

No Cuiabá estavam o apoio para a aviação militar. Também acompanharam a flotilha a canhoneira Amapá e o rebocador Ernestina.

O coronel Raymundo Rodrigues Barboza deixa registrado um elogio pela lealdade, patriotismo e amor à ordem para os seguintes oficiais: major médico Leopoldo Félix de Sousa, capitães Teófilo Ribeiro da Fonseca e Frederico Villeroy França e primeiros tenentes Augusto da Cunha Pereira e Cândido Avelino de Barros.

Três dias depois, a 19, pelas 5h da manhã, o cruzador Barroso atraca no porto de Santarém e não encontra resistência. Faz desembarcar alguns oficiais que imediatamente se apossam do posto telegráfico. Os hidroaviões MF fazem voos pela cidade e adjacências, sendo ovacionados ao pousar. A cidade estava retomada e é investido no cargo de superintendente o coronel Joaquim de Vasconcellos Braga.

O aviso Teffé, de posse dos insurgentes, foi atacado pelo cruzador Barroso, que disparou sobre ele seus canhões de 152 mm e 75 mm, mas como não foi atingido, os rebeldes puderam se evadir, mas sendo presos no dia 22 de agosto.

A 21, zarpou de Belém o navio-transporte Campos Sales, levando a bordo o Grupo de Artilharia Montada de apoio às operações de Menna Barreto.

Os contratorpedeiros Sergipe e Mato Grosso e os hidroaviões MF partem logo para Óbidos em patrulhas de reconhecimento. Na madrugada do dia 22, próximo à ilha das

Marrecas, o Sergipe avistou o vapor mercante Jary, que se aproximava, e fez um tiro de alerta com pólvora seca. Esse navio era de propriedade do senador José Júlio de Andrade e havia sido aprisionado no dia 5 de agosto pelos revoltosos, em Gurupá. O Jary vinha guarnecido com 100 homens, armado com canhões e metralhadoras e andava em serviço de reconhecimento por parte dos revoltosos. Após o tiro de aviso, o Jary rompeu fogo no contratorpedeiro que revidou com energia e, após uns cinco disparos, meteu a pique o Jary, matando metade de sua tripulação. O navio-transporte Cuiabá, serviu de navio hospital. Os resgatados foram levados para cadeia pública de Santarém e o comandante da embarcação tenente da Armada José de Lemos Cunha levado para o paquete Poconé para prestar depoimento.

No dia 24, o Comandante do Destacamento do Norte começa o deslocamento com todas as embarcações de Santarém para Óbidos. Incorporam-se na Flotilha os navios-transporte Curitiba e Campos Sales.

A 25 de agosto, nas proximidades de Óbidos, o comandante do destacamento recebe a informação que apenas a aviso revolucionário Ajuricaba estava atracado no porto. As demais embarcações apresadas, União, Andirá, Simão e Bittar já tinham levantado âncoras. Assim, ordena o desembarque de vários elementos em ambas as margens do rio Amazonas, onde havia artilharia dos rebeldes, e na Ilha Grande, em cuja ponta existiam dois canhões Krupp 75.

As forças de terra progredem durante os dias 25 e 26, tomam os canhões dos revoltosos e aprisionam as respectivas guarnições, apreendendo grande quantidade de munição de guerra e de suprimento.

No dia 26, pela manhã, fecha-se novamente o livro da Convenção de Haia de 1907. Os canhões dos revoltosos fizeram vários disparos sobre as forças legalistas, que revidam, apertam o cerco e bombardeiam a cidade pelo vetor aéreo. Nesse mesmo dia 26, os revoltosos, depois de um pedido de cessação de hostilidades, que não foi atendido, informam ao general que estavam dispostos à rendição incondicional. No dia seguinte, a cidade foi ocupada pelas forças governistas.

O capitão revolucionário José Carlos Dubois, comandante do 27º BC, os tenentes do 4º GACos Aluízio Pinheiro Ferreira, Abelardo d'Eça Rangel e Ademar Soares Rocha fogem para Manaus. Na lista dos prisioneiros de guerra estão o capitão Oscar Severiano Bastos Nunes, fiscal da Fortaleza de Óbidos; o 1º tenente da Armada José Backer Azamor; o 1º tenente Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, do 27º BC; o 1º tenente Saint'Clair Peixoto Paes Leme, do 4º GACos; e o 1º tenente da armada Aurélio Linhares, Cmt Aviso Teffé.

Por ordem do general Menna Barreto, assumiu o comando do Forte de Óbidos o capitão Frederico Villeroy França<sup>112</sup> e como comandante do 4º GACos/ guarnição de Óbidos ficou o tenente-coronel Jeremias Fróes Nunes.

---

<sup>112</sup> Chefe do serviço de material bélico da 8ª RM.

Também permanece em Óbidos um destacamento do 3º BC/ Dst Norte. Além das obrigações de caráter militar, foram confiadas a esse oficial as atribuições de fazer reintegrar as autoridades municipais.

No dia 27 de agosto, o Destacamento do Norte, sob o comando do general João de Deus Menna Barreto, partiu de Óbidos para Manaus. O rebocador Ernestina é liberado e volta para Belém. O Destacamento vai restabelecendo a ordem em Parintins, Itacoatiara, Borba, Boa Vista e Manacapuru.

Em Itacoatiara, o contratorpedeiro Sergipe comunica ao general Menna Barreto que o destacamento avançado, a comando do capitão de mar e guerra Hormidas Maria d'Albuquerque, havia prendido o 1º tenente rebelde Alfredo Augusto Ribeiro Júnior e assumido interinamente o governo do Amazonas. A capital amazonense havia sido ocupada sem encontrar resistência significativa e foram presos vários oficiais do Exército, da Armada e da Força Pública, que foi dissolvida.

O general determina que o coronel Raymundo Rodrigues Barboza e o 26º BC seguissem imediatamente para Manaus.

A tomada de Manaus foi feita pelo contratorpedeiro Mato Grosso, chegando ao porto em 28 de agosto de 1924. Seguem-lhe os navios-transporte Macapá, Campos Sales, Manaus, Curitiba e Belo Horizonte, o navio-hospital Cuiabá, as canhoneiras Amapá e Missões e o contratorpedeiro Sergipe. Depois chegariam a Manaus o



cruzador Barroso e o paquete Poconé, esse servindo de Quartel-General do Destacamento.

Como o presidente estadual não foi encontrado e duas outras autoridades locais se recusasse a reassumir, dentro da precedência, o general Menna Barreto nomeou como governador provisório do Estado do Amazonas o coronel Raymundo Rodrigues Barboza.

Estava reestabelecida a paz com a vitória dos legalistas na Amazônia. O Presidente prorroga o Estado de Sítio até 31 de dezembro, mas o governador pede logo sua suspensão no dia 3 de setembro.

Os tenentes insurgentes amazonenses enfrentaram a oligarquia dos Rego Monteiro, governaram por quase cinco meses, mas não resistiram aos canhões da Marinha e aos 2.700 homens que se encontravam a bordo do paquete Poconé.

Os rebelados haviam fracassado e o senador pelo Pará Lauro Sodré já pleiteava a anistia para os derrotados.

Os contratorpedeiros legalistas passam por Belém, no dia 8 de setembro. O paquete Poconé transporta em seus porões toneladas de material de guerra aprisionados dos excedentes do 27º BC, da Brigada Militar manauara e do 4º GACos com destino ao Rio de Janeiro. Dentre os itens do relatório do capitão Gentil Falcão destacam-se 1.106 fuzis, 2.280 projéteis de artilharia e 890 cartuchos para fuzil e diversas metralhadoras.

O 3º BC sai de Óbidos só a 13 de setembro e a 22, o vapor Macapá deixa Belém com o 1º e 3º BC em retorno ao

Rio de Janeiro. O 2º BC fica pouco tempo em Niterói e logo segue para o Paraná para integrar as FO e chega no front em meados de novembro.

Ao fim de setembro o general João de Deus Menna Barreto deixa Manaus com destino ao Rio de Janeiro e a 12 de outubro, o cruzador Barroso, os contratorpedeiros Sergipe e Mato Grosso chegam ao Rio de Janeiro.

Em Belém, o governador Antônio Emiliano Souza Castro reconhece o valor da sua polícia na revolta de 1924 e cria o dia da Força Pública, mas em alusão ao combate de 25 de setembro de 1897, no arraial de Canudos:

DIA DA FORÇA PÚBLICA ESTADUAL - 25 DE SETEMBRO  
Pelo Decreto Governamental Nº 4.099, de 24 de setembro de 1924, considerando os relevantes serviços prestados pela Polícia Militar Estadual à causa pública, à ordem legal e à autonomia estadual, em toda a sua longa e brilhante existência, resolve criar no dia 25 de setembro, como o *Dia da Força Pública do Estado*.

## AS BAIXAS NA REVOLTA DE 1924 (EM BELÉM)

### da Força Pública:

1º tenente Henrique Ferreira da Silva  
2º tenente Plácido Martins Pereira  
Cabo Raymundo Pedro da Costa  
Cabo João Horácio da Silva Filho  
Soldado Claudio de Castro Pereira  
Soldado Gemino Ferreira Gomes  
Soldado Raymundo Alicerio da Silva

### da Força insurgente:

Capitão Augusto Assis de Vasconcelos  
Cabo Joaquim da Silva Pantoja  
Soldado Abel Baía  
Soldado Armindo do Mello Valle  
Músico Benedicto Epifanio da Silva  
Músico Belarmino Ribeiro

### Civil:

Severino da Costa

O estado legalista reconhece os bons serviços daqueles que faleceram no cumprimento do dever e os promovem *post-mortem*:

Pelos Decretos Governamentais Nº 4.090 e 4.092, de 28/07/1924, foram promovidos por bravura:

- a capitão: o 1º tenente Henrique Ferreira da Silva;
- a 1º tenente: o 2º tenente Plácido Martins Pereira.

Pelo Comandante Geral da Força Pública, foram promovidos por bravura:

- a 3º sargento: os cabos Raymundo Pedro da Costa e João Horácio da Silva.
- a cabo: os soldados Cláudio de Castro Pereira e Gemino Ferreira Gomes.

Os rebeldes serão anistiados em 1930.

## O MEMORIAL REVOLUCIONÁRIO NO PARÁ

Tal qual no Paraná, os líderes e demais implicados na revolta de 1924 foram presos e conduzidos para o cárcere. A maioria dos oficiais teve como destino o presídio da Ilha Grande/ RJ e os praças, o presídio militar de Clevelândia do Norte, junto ao rio Oiapoque, no Amapá (anexo III).

Os detidos em Belém ficaram em cárceres na própria cidade, após um curto período em presídios temporários nos paquetes.

Magalhães Barata estava preso em Belém, mas conseguiu fugir da prisão e refugiou-se no Uruguai, de onde retornou pelo Rio Grande do Sul alguns meses antes da Revolução de 30. Em agosto, com identidade falsa, regressou a Belém onde foi preso novamente e enviado para o Rio de Janeiro.

Quando foi deflagrada a revolta de 1930 em Belém<sup>113</sup>, no dia 5 de outubro, o soldado Antônio de Araújo Rodrigues (1902-1994) estava de guarda ao quartel no 26º BC, cumprindo sua escala vermelha, pois era um domingo.

Ao longo do dia apreciara, à distância, os preparativos para o arraial do Círio de Nazaré na praça Justo Chermont e lamentava que naquele ano, mais uma vez não teria a tradicional corda protegendo a berlinda.

---

<sup>113</sup> Nas demais cidades onde irrompeu a revolução foi no dia 3 out.

O governador Eurico de Freitas Valle havia determinado que os militares se recolhessem aos quartéis.

Pelas 22h chamou a atenção da guarnição de serviço a passagem de viaturas do corpo bombeiros em direção ao bairro do Marco, quando então viram o capitão-tenente da armada Eurico Castilhos França, comandante do navio aviso Ajuricaba, se aproximar do 26º BC, juntamente com o tenente da armada Álvaro do Cabo e outros líderes revolucionários. O soldado Antônio não sabia, mas tinha sido um falso incêndio e as sirenes do comboio dos bombeiros eram o sinal para a revolta em Belém iniciar e Castilhos França avançar.



*Soldado Antônio de Araújo Rodrigues*

Quando o líder militar da revolta no Pará estava a uns 10 metros do corpo da guarda, próximo do meio fio, ouviu-se um tiro, disparado por um soldado sentinela. O tiro, para o chão, ricocheteou e acertou mortalmente no abdômen de Castilhos França, que ainda deu alguns passos e desfaleceu encostado na parede do quartel.

Castilhos França estava no Pará transferido a bem da disciplina. Quando do levante da armada do encouraçado São Paulo, em novembro de 1924, ele servia no encouraçado Minas Gerais e recusou-se a atirar no navio amotinado em fuga para o Uruguai.

No atordoamento da tragédia com Castilhos França, elegeram o tenente do Exército Ismaelino de Castro como novo chefe e saíram para atacar o Palácio de Governo, além de outros pontos estratégicos. As forças legais, todavia, dominaram a situação e os revolucionários se evadiram da cidade.

Embora o governador paraense Eurico de Freitas Valle tenha resistido à revolução, ele caiu a 24 de outubro.

Com a vitória da Revolução de 30, os tenentistas de outrora promovem uma anistia e reincorporam nas Forças Armadas os excluídos.

Decreto nº 19.395, de 8 de novembro de 1930

Concede anistia a todos os civis e militares envolvidos nos movimentos revolucionários ocorridos no país

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil

DECRETA:

Art. 1º É concedida anistia a todos os civis e militares que, direta ou indiretamente, se envolveram nos movimentos revolucionários, ocorridos no país.

§ 1º São incluídos nesta anistia todos os crimes políticos e militares, ou conexos com esses.

§ 2º Ficam em perpétuo silêncio, como se nunca tivessem existido, os processos e sentenças relativos a esses mesmos fatos e aos delitos políticos de imprensa.

§ 3º Os beneficiados pela anistia não terão direito a diferença de vencimentos relativa ao tempo em que estiveram presos, em processo, cumprindo sentença ou por qualquer motivo ausentes do serviço ou de suas funções, sendo-lhes, porem, contado esse tempo para os demais efeitos legais.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1930, 109º da Independência e 42º da República.

GETULIO VARGAS

Nesse mesmo contexto, Magalhães Barata foi enviado para Belém a fim de assumir as funções de Interventor em 12 nov. 1930, em companhia de Juarez Távara e José Américo de Almeida.

O cabo Hermógenes Alves Rodrigues, excluído do Exército em agosto de 1924, por ato administrativo do general João de Deus Menna Barreto foi reincluído no 26º BC, em 24 de novembro de 1930, com base neste Decreto nº 19.395.

As reinclusões e promoções dos expulsos das fileiras em 1924 gerou um clima de crise nos quartéis brasileiros.

Como interventor do Pará, Magalhães Barata criou símbolos e inventou tradições para cultuar as revoluções de 1924 e 1930, das quais fora protagonista, demarcando aqueles movimentos como emblemáticos na luta pela ruptura com a ordem vigente.

O governo da “Nova Era” elevou ao patamar de heróis os revolucionários Assis de Vasconcelos (1924) e Eurico Castilhos França (1930) e renomeou diversas ruas,

avenidas e bulevares na capital paraense e construiu um Memorial Revolucionário na praça da República, quase na esquina da rua Osvaldo Cruz com a avenida Presidente Vargas.



*Memorial Revolucionário  
Belém do Pará*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como foco principal descrever episódios da história militar que mereceram poucas linhas de análise ao longo do tempo.

A revolta de 1924 tem a alcunha de “revolução esquecida”. Assim, o que estávamos a apresentar seriam as batalhas esquecidas da revolução esquecida.

A revolta talvez devesse realmente ser esquecida, por confrontar brasileiros contra brasileiros, que atuavam dentro do mesmo segmento de trabalho mas partiram para a luta armada, geraram milhares de mortes, e quase nada de transformador teve de resultado, o que só veio a acontecer na revolução de 1930. Por isso, tampouco o movimento deve ser nominado como revolução.

Um outro dado que traduz esse pensamento seja a nítida falta de firmeza ideológica, refletido pelo número significativo que deserções que afetaram tanto rebeldes quanto governistas.

A revolta de 1924 eclodiu em 5 julho na capital paulista e em 27 de julho, enquanto São Paulo era bombardeada, tem início o movimento rebelde em Belém e, ao mesmo tempo, o governo central envia um Regimento de Cavalaria Provisório para conter um possível avanço insurgente no alto Paraná.

No Pará, foi um episódio de curta duração, encerrado no início de outubro de 1924, e parte do efetivo governista

que aí combateu tomou destino do Paraná, para atuar nessa outra frente operacional.

Em maio de 1925, praticamente se encerra a revolta de 1924 e dá-se um novo rumo nos acontecimentos com a guerra de movimento capitaneada por Miguel Costa e Luís Carlos Prestes, mais conhecida pelo nome de coluna Prestes.

Em 12 de junho de 1925, o general Rondon publica o último boletim das Forças em Operações (FO) nos Estados Paraná e Santa Catarina.

As campanhas trouxeram reflexos no campo militar. As mobilizações de combate afetaram o serviço militar, perdurando os batalhões patrióticos em detrimento da força federal. A aviação tomou novo rumo, pois foi bastante ineficaz nesses teatros de operações.

A técnica da infiltração, para obter o máximo da surpresa em uma ação ofensiva, foi utilizada tanto pelos governistas quanto pelos rebeldes. No entanto, a ação de mais conhecida foi a promovida pelo batalhão de Cabanas, por ter sido mais eficaz do que a reabertura da picada dos Valérios pelo 1º BFPPR.

Para alguns leitores, pode ter chamado a atenção a quantidade de oficiais intermediários (capitães) em funções de estado-maior, até mesmo de chefes. No entanto, todos já haviam passado pelo Curso de Altos Estudos Militares.

Existem falsas verdades a serem corrigidas: nunca existiram 17 (dezessete) generais a combater os rebeldes em Catanduvas, ao final de março de 1925, pois esses foram no máximo três. O número de combatentes rebeldes enfrentados nesse conflito em particular, não era menor do que mil, há registro de 323 presos em primeira instância, 44 em dias subsequentes e no mínimo 800 em reatamento na direção de Foz do Iguaçu.

Nas palavras de Affonso Arinos de Melo Franco, no livro *Um Estadista da República*, em 1955:

o movimento de 5 de julho de 1922 se apresenta como ponto de partida de um processo de transformação das instituições políticas e sociais do Brasil, o qual se vem desenvolvendo incessantemente, até o presente, através de apresentações sucessivas, às vezes aparentemente contraditórias, mas que obedecem, todas, no fundo, a uma mesma coerência e lógica.

O ministro da guerra mandou contar em dobro o tempo de serviço compreendido no período de 5 de julho de 1924 a 24 de março de 1927, aos oficiais e praças que estiveram efetivamente de campanha.

Com a assunção do poder de Getúlio Vargas, em 1930, foi concedida a anistia a todos os civis e militares que, direta ou indiretamente, se envolveram nos movimentos revolucionários e faz ascender a direção do Brasil os que lutavam do lado rebelde. Assim, ficaram a trabalhar, lado a lado, governistas e rebeldes e deram continuidade à Missão Militar Francesa (Anexo I).

Além disso, muitos dos partícipes da revolta de 1924 acenderam em suas carreiras tanto militar quanto política e continuar a influenciar suas instituições ao longo do tempo (Anexo II).

Tantos vencedores quanto vencidos foram submetidos a julgamentos. Alguns governistas foram aos tribunais por deserção e falta de ação de comando. Os rebeldes pelo crime de guerra de insurgência e deserção. Em comum o destino dos prisioneiros. A Colônia Penal de Clevelândia abrigou soldados e sargentos, ao passo que o presídio da ilha grande os oficiais (Anexo III).

# ANEXO I

VOL. I

MINISTERIO DA GUERRA

369

## SECRETARIA DE ESTADO

Praça da Republica

4-7019

MINISTRO DE ESTADO: General de Brigada  
JOSÉ FERNANDES LEITF DE CASTRO.

Gabinete:

Chefe: Coronel Mauricio José Cardoso.

Officiaes de Gabinete:

Major: Ivaro Fiuzu de Castro.

Capitães:

→ José Carlos Dubois.

→ Orestes da Rocha Lima.

→ Newton Estillac Leal.

→ Dulcídio Espirito Santo Cardoso.

Ajudantes de ordens:

1. os tenentes:

→ Eduardo Gomes.

→ Henrique Ricardo Hall.

→ Oswaldo Cordeiro de Farias.

→ Alcindo Nuns Pereira.

→ Felinto Muller.

1. os tenentes:

Adhemar de Queiroz.

Gabriel Ferrugem de Mello Mattos.

Oswaldo Menna Barreto.

Carlos de Faria e Albuquerque.

### ESTADO MAIOR DO EXERCITO

→ Chefe: General de Brigada Alfredo Malan d'Angrogne.

→ Chefe do Gabinete: Coronel Manoel Corrêa do Lago.

Ajudante de ordens: 1.º tenente Benjamin Arco-  
verde de Albuquerque Cavalcanti.

#### 1.ª SUB-CHEFIA

→ Sub-Chefe: General de Brigada Alvaro Guilherme  
Mariane.

Ajudante de ordens: 1.º tenente Aurelio de Lyra  
Tavares.

#### 2.ª SUB-CHEFIA

Sub-chefe: General de Brigada Firmino Antonio  
Borba.

Ajudante de ordens: 1.º tenente Gashypo Chagas  
Pereira.

→ Chefes de Secção:

Coroneis:

José Ribeiro Gomes.

...

Archivista: Major ref. Francisco de Siqueira Rego  
Barros.

1.º VOL. — 1931 — 24

### IMPRESA MILITAR

Encarregado: Orosmano da Soledade.

Chefe das officinas: Armando Cezar Petra de  
Barros.

### GABINETE PHOTOGRAPHICO

Encarregado: Antonio Luiz de Freitas Pereira.

### ESTADO MAIOR GENERAL DO EXERCITO

Generaes de divisão:

Augusto Tasso Fragoso.

Alfredo Ribeiro da Costa.

Alexandre Henriques Vieira Leal.

João de Deus Menna Barreto.

→ Hastimphilo de Moura.

→ Isidoro Dias Lopes.

→ Octavio de Azeredo Coutinho.

→ João Alvares' de Azevedo Costa.

Generaes de brigada:

José Fernandes Leite de Castro.

Estanislau Vieira Pamplona.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães (\*).

Firmino Antonio Borba.

Marçal Nonato de Farias.

Alfredo Malan d'Angrogne.

José Luiz Pereira de Vasconcellos.

João Gomes Ribeiro Filho.

Pantaleão Telles Ferreira.

Nicolau Antonio da Silva.

Francisco Ramos de Andrade Neves.

Alvaro Guilherme Mariane.

→ Constançio Deschamps Cavalcante.

Jorge França Wiedmann.

José Victoriano Aranha da Silva.

Augusto Limpo Teixeira de Freitas.

João Baptista Machado Vieira.

Fernando de Medeiros.

### MISSÃO MILITAR FRANCEZA

Chefe da missão: Vago.

Intendente geral: General Louis Buchalet.

Coronel: Jacques Baudoin.

...

(\* ) Fallecido em 22 de Janeiro de 1891 e con-  
servado no Almanak Militar por decisão unanime  
do Congresso Nacional.

Almanaque de Officiaes — edição de 1931

Legenda: → governista em 1924; → revolucionário em 1924

## ANEXO II

### PERSONAGENS SIGNIFICATIVOS CITADOS

Houve um elevado número de personalidades, de ambos os lados, que permaneceu grafado na história do Brasil nos anos subsequentes, alguns deles na própria carreira militar e outros enveredaram para a política, atingiram o ápice de suas carreiras, sendo que o espírito revolucionário refletiu para os anos subsequentes e em outras revoluções como em 1930, 1932 e 1964.

<b>personagem</b>	<b>em 1924</b>	<b>tempos depois ...</b>
Alcides Mendonça Lima Filho	capitão EB ChEM do Dst Almada das FO	Cmt da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (36/39)
Álvaro Guilherme Mariante	coronel EB, Cmt Dst nas FO	ministro STM
Antônio de Siqueira Campos	tenente - participou da revolta do Forte Copacabana, conhecida como 18 do Forte	faleceu em um acidente aéreo, pouco antes da revolução de 1930
Benedicto Marques da Silva Acauan	major ChEM Dst SC das FO	Cmt 7º BC na revolução de 1930
Benedicto Olympio da Silveira	tenente-coronel Ch EM das FO	general de divisão ChEM do Exército

<b>personagem</b>	<b>em 1924</b>	<b>tempos depois ...</b>
Cândido Mariano Rondon	general de divisão/ comandante das FO do PR e SC	marechal e patrono da arma de comunicação do Exército <sup>114</sup>
Collatino Marques	major E1 das FO do QG Paraná	oficial general
Eduardo Guedes Alcoforado	capitão E1 do Dst Paraná das FO	general de divisão
Epaminondas de Lima e Silva	tenente-coronel a serviço no EM das FO e Cmt AD	fundador da revista Defesa Nacional como componente da missão indígena, jovem turco
Eudoro Barcellos de Moraes	capitão adjunto do serviço de automóveis das FO	general de brigada
Eurico Gaspar Dutra	capitão Ch Op das FO	presidente da república
Filinto Strubling Müller	major rebelde	interventor e governador eleito no Mato Grosso
Frederico Augusto Rondon	tenente da artilharia das FO	general de divisão
Gentil Falcão	capitão do EB do Dst do Norte	general
Herculino Cascardo	capitão da armada - liderou a rebelião do navio São Paulo	interventor no Rio Grande do Norte
Hermógenes Alves Rodrigues	soldado rebelde do 26º BC	foi anistiado, reintegrado e promovido a 2º Sgt

---

<sup>114</sup> No contexto da revolução de 1930, foi detido em 3 out. 1930 por Miguel Costa, em Marcelino Ramos (RS), durante um deslocamento ferroviário. Rondon recusou-se a apoiar ou aderir ao movimento. Foi conduzido para Porto Alegre onde permaneceu algum tempo preso.

<b>personagem</b>	<b>em 1924</b>	<b>tempos depois ...</b>
Isauro Reguera	capitão Adj E3 das FO	general de divisão
João Alberto de Lins e Barros	tenente-coronel rebelde	interventor em São Paulo
João Cabanas	rebelde/ tenente do Regimento de Cavalaria da FPSP	deputado federal
João de Deus Menna Barreto	general de brigada Cmt Dst N	general de divisão, depôs o presidente Washington Luís, interventor no RJ, ministro STM
João Theodoro Pereira de Mello Netto	capitão Cmt flancoguarda norte das FO	coronel Cmt 4º RCD
João Theodureto Barbosa	capitão EB delegado do QG das FO	general de exército
Joaquim Antônio de Moraes Sarmiento	capitão da FPPR	patrono da Polícia Militar do Paraná
Joaquim de Magalhães Cardoso Barata	1º tenente do EB - rebelde	interventor no Pará
Joaquim Fernandes do Nascimento Távora	capitão do EB	faleceu em 15/07/1924. Nome de município no Paraná
José Alberto de Mello Portella	major E3 das FO	oficial general
José Ângelo Gomes Ribeiro	tenente comandante do QG das FO e aviador	pioneiro da aviação militar do Exército
José Meira de Vasconcellos	capitão E2 das FO	general de divisão



<b>personagem</b>	<b>em 1924</b>	<b>tempos depois ...</b>
Josué Justiniano Freire	tenente do EB que resistiu a revolta em Belém em 1924	papel relevante em 1932 em Belo Horizonte
Juarez Fernandes do Nascimento Távora	capitão do EB, desertou e ficou ao lado dos rebeldes	general de exército e político
Luís Carlos Prestes	pediu demissão do EB em 1924 - rebelde	líder do Partido Comunista
Miguel Costa	major da FPSP subcomandante do Regimento de Cavalaria da FPSP	comandante da Força Pública de São Paulo e general honorário de Exército
Milton de Freitas Almeida	capitão EB E2 de Dst das FO	general de exército
Nelson de Mello	tenente do EB - rebelde	combateu na FEB como Cmt 6º RI. general de exército e governador do Amazonas
Nereu Gilberto de Moraes Guerra	capitão Cmt 13º BC, encarregado da escolta dos PG de Catanduvas	Cap Cmt 21º BC, de Recife, foi assassinado em 31/10/1931 numa rebelião que pretendia derrubar o interventor do Estado
Newton Estillac Leal	capitão do EB: tenente-coronel revolucionário	ministro da guerra
Oswaldo Cordeiro de Faria	major do EB - rebelde	general de divisão, participou da FEB, foi interventor no Rio Grande do Sul e governador eleito em Pernambuco

<b>personagem</b>	<b>em 1924</b>	<b>tempos depois ...</b>
Pedro Aurélio de Góes Monteiro	capitão do EB integrante das FO	ministro da guerra e ministro do EMFA
Protógenes Pereira Guimarães	capitão de mar e guerra - rebelde	ministro da marinha
Raul da Silveira de Melo	capitão do EB chefe do serviço de engenharia das FO	general de brigada
Raymundo Rodrigues Barboza	coronel do EB – Cmt 8ª RM em Belém	general de divisão - ministro do STM
Rossini de Medeiros Raposo	tenente EB do II/ 11º RI	general de brigada
Waldemar Siqueira de Barros Arouk	tenente PM em Belém	Cmt da Guarda Civil de Belém e Cmt Geral dos Bombeiros
Wolgrand Pinheiro Cruz	capitão EB Adj E4 das FO	general de divisão

## ANEXO III

### A COLÔNIA PENAL DE CLEVELÂNDIA

Em 1925, o governo reconfigurou o Núcleo Colonial-Agrícola Cleveland, inaugurado em 5 maio 1922, instalado na margem brasileira do rio Oiapoque, e instituiu a Colônia Penal de Clevelândia do Norte, com o objetivo de desterrar os envolvidos em levantes e delitos comuns durante a vigência do estado de sítio, tal qual previsto na Constituição de 1891, em seu artigo 80; e vadios e capoeiras, como previsto no Código Criminal.

Os núcleos agrícolas surgiram por proposta do senador Justo Chermont, em 1919, ratificada pelo senador Lauro Sodré, como forma de povoamento da terra abandonada na linha de fronteira, com prioridade de ocupação para nordestinos flagelados pela seca.

No primeiro grupo de encaminhados ao desterro, em 26 de dezembro de 1924, estavam 250 presos de delitos diversificados do Rio de Janeiro, incluindo da conspiração Protógenes e do levante do encouraçado São Paulo. Em outro, de 6 jan. 1925, estavam 119 praças do Exército e da Armada envolvidos na revolta de 1924 do Pará e do Amazonas. No terceiro, em junho de 1925 estavam 577 dos rebeldes aprisionados por Rondon no Paraná.

As embarcações maiores não atracavam no cais da Oiapoque. Elas chegavam até a foz do rio e a partir desse ponto, caminhava-se e pegava-se canoa para atravessar igarapés, perfazendo uns 18 quilômetros mata adentro.

Os presos em Clevelândia permaneceram alojados em grandes barracões construídos por eles mesmos, chamados de bangalôs, separados conforme suas afinidades políticas ou crimes praticados, vivendo em um local com as peculiaridades climáticas da Amazônia equatorial.

Paulo Sérgio Pinheiro registrou que dos 946 presos, 491 morreram e pelo menos 262 conseguiram fugir, uns para a Guiana Francesa e outros em retorno para o núcleo central brasileiro.

Os detentos viviam em um regime de trabalho exaustivo com o estabelecimento de hierarquia entre eles. A disenteria, a malária e outras doenças tropicais eram de rotina. A fugas para as matas da Guiana era objetivo permanente. Estima-se que metade dos presos morreu durante a execução da pena.

A situação das enfermidades agravou-se com a chegada dos rebeldes de Catanduvas. Até junho de 1925 haviam sido enterrados 35 prisioneiros. As demais baixas foram anotadas pós esse período.

Quando Washington Luís assume a presidência, em novembro de 1926, determina o encerramento da colônia penal.

No dia 8 de janeiro de 1927 o navio Baependy atracou na baía de Guanabara trazendo setenta e sete ex presos. A estrutura dos porões do navio, é assim descrita:

em número de três: um na proa, outro quase ao centro, e o terceiro na ré. O primeiro compreendia duas partes: a superior e a inferior. Naquela ficamos, não só nós, os “presos políticos” desta capital, e conosco os inferiores do exército e da Brigada

Policia, embora uns e outros desterrados não naquela qualidade mas como simples indesejáveis, mas ainda aqueles oficiais comissionados de Catanduvas. Na parte inferior, ficaram os ladrões, vigaristas, punguistas, salteadores e vadios, [...]. No porão quase ao centro, iam os soldados e inferiores do Paraná; e no da ré, em que havia armamento e munição, os cinquenta soldados que constituíam a escolta. Os camarotes foram reservados aos oficiais e sargentos desta e aos oficiais e sargentos do navio (publicado no periódico A Nação, do Rio de Janeiro, em jan. 1927).

No dia 22 de fevereiro de 1927, o jornal *O Combate* anuncia a chegada dos últimos oito prisioneiros de Clevelândia, “todos muito doentes”, chegados no vapor “Macapá”.

## REFERÊNCIAS

ALMADA, coronel João Baptista Pires de. **Relatório do Destacamento Almada**. 1924. Disponível no Arquivo Histórico do Exército.

**ALMANAK LAEMMERT**: administrativo, mercantil e industrial, edições de 1924, 1925, 1926 e 1930.

ALVES FILHO, Armando; SOUZA JÚNIOR, José Alves, BEZERRA NETO, José Maia. **Pontos da história da Amazônia**, v.2. Belém: Paka-Tatu, 2000.

ARAGÃO, Isabel. **O levante das forças do Exército e da Marinha no Amazonas no ano de 1924**. Rio de Janeiro: ESG, 2014.

ASSIS, Dilermando. **Nas barrancas do alto-Paraná: fragmentos históricos da Revolução de 1924**.

BENTO, Cláudio Moreira. **Amazônia Brasileira: conquista, consolidação e manutenção (1616-2003)**. Porto Alegre: AHMTB, 2003.

BORDIN, Marcelo. **A guerra de trincheiras esquecida em Catanduvas, Paraná (1924/1925): aspectos geohistóricos**. Geographia Opportuno Tempore, Londrina, v.1, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2014. 58-67.

BRAGA, Theodoro. **Guia do Estado do Pará**. Belém: 1916.

BRASIL. **A história do Exército brasileiro: a revolução de 1924**. Disponível em [www.eb.gov.br](http://www.eb.gov.br).

BRASIL, **registro histórico do 13º BC**. Joinville-SC.

BRITO, Edson Machado de. **Do sentido aos significados do presídio de Clevelândia do Norte: repressão, resistência e a disputa política no debate da imprensa**. [mestrado]. São Paulo: PUC, 2008.

BURGARELLI, Ricardo. **Um homem que conta histórias é de maior confiança do que um homem que dá conselhos** [mestrado]. Belo Horizonte: UFMG, 2016.

CABANAS, João. **A coluna da morte**. São Paulo, 1928.

CARNEIRO, Glauco. **História das revoluções brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.

CARVALHO, J. Nunes de. **A revolução no Brasil: 1924-1925 – apontamentos para a história**. 3ed. Rio de Janeiro: 1931., 1927.

CASTELLO BRANCO, Adauto. **Catanduvás**. São Paulo: Irmãos Ferraz

CASTRO, Maria Clara Spada de. **Além da Marcha: a (re)formação da coluna Miguel Costa – Prestes** (mestrado). Guarulhos: USP, 2016.

COIMBRA, Creso. **A Revolução de 30 no Pará: análise crítica e interpretação da História**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1981.

CONDURU, J. M. **Blog de fotografias**. Disponível em <http://jmconduru.blogspot.com/2013/04/belem-ontem-hoje-6.html>

COUTINHO, Lourival. **O General Góes depõem...**, 1955, p. 20-21.

COUTINHO, general Octávio de Azeredo. **Relatório do Destacamento do Paraná**. 1924. Disponível no Arquivo Histórico do Exército.

COSTA, Yuri Abyaza. **Marchando com Miguel Costa: a ação da coluna Paulista no interior de São Paulo e a ligação da coluna Prestes**. São Paulo: ed. do Autor, 2021.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

DORIA, Pedro. **Tenentes: a guerra civil brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

DOSSIÊ IPHAN. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Iphan, 2006.

DUTRA, capitão Eurico Gaspar. **Diário de Operações diante de Catanduvás**. 1925. Disponível no Arquivo Histórico do Exército.

FGV. CPDOC. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br>

- GOMES, Francisco. **O Tenentismo no Amazonas**. Blog, 2012.
- HELLER, Milton Ivan. **De Catanduvras ao Oiapoque: o martírio de rebeldes sem causa**. Curitiba: Instituto Histórico e Geográfico, 2006.
- Jornal O Imparcial**, edições de 1924. Rio de Janeiro/ RJ.
- Jornal O Paiz**, edições de 1924 e 1925. Rio de Janeiro/ RJ.
- Jornal Pacotilha**, edições de 1924. São Luís/ MA.
- KEITH, Henry Hunt. **Soldados Salvadores**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1989.
- KOLING, Paulo José. **A revolução tenentista em São Paulo e seu desdobramento no oeste do Paraná - Catanduvras - uma história para ser contada**. Curitiba: UNIOESTE. ISBN 978-85-8015-053-7.
- LANDUCCI, Ítalo. **Cenas e episódios da revolução de 1924 e da Coluna Prestes**. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- LOPES, Edson. **Nunca vencidos: 13º Batalhão de Infantaria Blindada**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2019.
- MAGALHÃES, J.B. **A evolução militar do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1956.
- Mapa do estado do Paraná, 1924**. Centro Cultural Digital. Disponível em <https://centrocultural.com.br/items/show/7>. Acesso em 29/09/2021.
- MARIANTE, coronel Álvaro Guilherme. **Relatório do Destacamento Mariante**. 1924. Disponível no Arquivo Histórico do Exército.
- MARTINS, Celso. **Os Comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.
- McCANN, FRANK D. **Soldados da Pátria: história do Exército Brasileiro 1889-1937**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.



MENNA BARRETO, general João de Deus. **Relatório das Forças de Terra e Mar (Destacamento do Norte)**. 1924. Disponível em [docvirt.com/DocReader.net/DocReaderMobile.aspx?bib=fsc\\_corrger&PagFis=545](http://docvirt.com/DocReader.net/DocReaderMobile.aspx?bib=fsc_corrger&PagFis=545).

MENDONÇA, Roberto. **Revolução de 1924 no baixo Amazonas**. Blog do coronel Roberto, 2013.

MENEZES, José Pantoja de. **O Corpo de Bombeiros no Pará**. Belém: 2007.

MIORANZA, Elsi. **As marcas da revolução de 1924 em Guaraniaçu**. Curitiba: UNIOESTE. ISBN 978-85-8015-054-4.

MIRANDA, Floriano Napoleão do Brasil. **Revolta! Relato das operações do 1º Batalhão da Infantaria da Polícia Militar do Paraná na campanha de 1924**. Curitiba: Tipografia Max Roesner, 1946.

MORAES, João Quartim de. **A esquerda militar no Brasil: da conspiração republicana à guerrilha dos tenentes**. São Paulo: Siciliano, 1991.

OIVEIRA, Nelson Tabajara de. **1924: a revolução de Isidoro**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1955.

OLIVEIRA, Walter Pinto de. **Memórias de uma revolta esquecida: o baixo-Amazonas na revolução Constitucionalista de 1932** (dissertação de mestrado). Belém, UFPA, 2012.

PAGANINI, Adelar Antônio. **Entrevista**. TV GLOBO.

PEREIRA, Pablo Nunes. **Os almirantes dos rios: relações sociais, poder e combate na Amazônia (1868-1924)**. Belém: UFPA, 2021.

PFLUCK, Lia Dorotéa. **Os caminhos pelo oeste do Paraná, entre os Séculos XIX e XX, a Busca pelo Ensino de Geografia**. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, Perspectiva Geográfica-Marechal Cândido Rondon, Ed. Esp., v.11, n.15, p. 184-197, jul.-dez., 2016.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil/ 1922-1935**. São Paulo: Companhia das/ 1922-1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

POMPEU, Alberto Rodrigues. **Entrevista**. TV GLOBO.

PMPA. Museu Digital da PMPA. **Movimento Tenentista**. Disponível em <http://museudigitaldapmpa.blogspot.com/2020/>

REIS, Thomaz. **A campanha do Paraná 1924-1925 (álbum fotográfico)**. Serviço Fotográfico do Exército. Impresso nas oficinas de “Esperia”, Milão, Itália. Acervo OI Futuro. Disponível em <https://acervo.oifuturo.org.br/acervo-museologico/album-fotografico/>

RONDON, general Cândido Mariano da Silva. **Relatório das Forças de Operações no Paraná e Santa Catarina**. 1925. Disponível no Arquivo Histórico do Exército.

RIBAS, Antônio de Lara. **Polícia Militar de Santa Catarina: ação de guerra dos batalhões de infantaria no período de 1922 a 1930**. Florianópolis: PMSC, 1985.

ROMANI, Carlo. **Clevelândia, Oiapoque: cartografias e heterotopias na década de 1920**. Belém: Museu Emílio Goeldi, 2011.

ROSA FILHO, João Alves da. **Revolução de 1924: episódios da história da PMPR**. Curitiba: Associação da Vila Militar, 2001.

RUIZ, Alexandre Mimoso. **Morte ou Glória: a derrocada dos Atlantes**. Florianópolis: Ed. Alfeu Mimoso Ruiz, 1968.

SALLES, Ney. **Dias de Luta no oeste do Paraná**. Jornal O Paraná, 17 de outubro de 1977.

SAVIAN, Elonir José. **Legalidade e revolução**. Curitiba, 2021.

SENA, Davis Ribeiro de. **As revoltas tenentistas que abalaram o Brasil**. Brasília - Porto Alegre: Ed do autor, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes: análise e depoimentos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

SOUZA, José Augusto. **A coluna Prestes em discursos**. UFPR, Curitiba, 2005.

SPERANÇA, Alceu A., jornal **O Paraná**, seção dominical *Máquina do Tempo*, 2017. Disponível em [https://pt.wikisource.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_caminho\\_dos\\_pioneiros](https://pt.wikisource.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_no_caminho_dos_pioneiros).

STM. **Acórdãos de Apelação do Supremo Tribunal Militar (1921-1930)**. 2021.

TÁVORA, Juarez. **Juarez Távora: uma vida e muitas lutas – memórias**, v.1, da planície à borda do altiplano. Rio de Janeiro: BIBLIEX e Livraria José Olympio, 1973.

TECCHIO, Caroline. **Memórias do combate à Coluna Paulista no oeste paranaense: a escrita de si nas pajadas de um soldado**. Pelotas: UFP, 2012.

TOLEDO JÚNIOR, João Carlos. **A participação da Polícia Militar do Paraná nas revoluções de 1924, 1930 e 1932**. São Paulo: PMSP, 2020.

TORRES, Sérgio Rubens de Araújo. **Revolução de 1924: nas barrancas do rio Paraná**. UMES. 2013.

UNIPAR. Documentário. **A revolução esquecida - O desfecho de Catanduvas**. Umuarama, 2016.

VASCONCELLOS, Felinto Paulo de Oliveira. **Blog da família Assis de Vasconcelos**. Disponível em [www.angelfire.com/ego/fpovas/](http://www.angelfire.com/ego/fpovas/).

VIVEIROS, Esther. **Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2010.

ZATTI, Carlos. **Cronologia do Paraná**.